



A M O R C A V

C V R C O M V

SUTILEZA ATROZ

1ª Edição

Coverge
Curitiba
2019

O coletivo Coverge agradece a todos os autores e colaboradores que fizeram com que a publicação deste livro fosse possível.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98)

Este é um trabalho de ficção. Nomes, lugares, personagens e acontecimentos são produtos da imaginação dos autores ou são usados ficcionalmente, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é total coincidência.

Delírio

substantivo masculino

1. p.ext. confusão mental.
2. p.ext. profundo entusiasmo; exaltação.

Origem

ETIM lat. delirĭum, ĩi ‘alucinação, loucura’

Bem vindo à **DELÍRIOS**, um projeto de publicação contínua editorial independente voltada para contos e expressões artísticas áudio e visuais de cunho fantástico. Do espírito e pensamento colaborativo, a Coverge tomou por conta a inspiração e vontade de fomentar a criatividade e também dar à artistas a oportunidade de compartilhar o seu talento, além de, com esta iniciativa, abriremos espaço para mostrarmos nosso trabalho e criarmos, em conjunto a todos que nos dão o mínimo de atenção, uma rede de parcerias, network e amizades exponencial.

Mergulhe agora na segunda edição, **CARCOMA**, um universo inspirado no horror e repleto de emoções e mistérios.

At.

Organização
Washington Albuquerque
Castro Pizzano
Hezi Carla

Capa
Castro Pizzano

Projeto Beta
Coverge

**O CAMINHO PARA
A LOUCURA**

Marília Vasconcellos

A MOSCA

Alberto Arecchi

PRISÕES

Yéssa Cavalcante

GORE

Aline Becker

**CHEIRO DE CARNE
PODRE**

Angela Molognoni

VIVA LEMBRANÇAS

Bianca Cammarota

**TERRA DE
GIGANTES**

Malik Mad

**A MANSÃO DOS
LEMOS**

Lúisa Lima

CAOS

Bárbara Pippa

**E SE FOSSE SUA
FILHA**

Risaldo Gomes

**PISCINA DE
SANGUE**

Camila Beatriz

EMPANTURROU

Bento Qasua

ERRO IMPRUDENTE

Dayane Felix

**MANIFESTO
MORTUÁRIO**

Emerson Carvalho

**ROLETA DA
VERDADE**

Emerson Figueiredo

**ECDISE HUMANA
O CABIDEIRO**

Bárbara Leidens

**A CONFISSÃO DO
DIABO**

Felipe Noites

**A ESTUDANTE E O
DELINQUENTE**

Evandro Nunes

COPO VAZIO

Dayane Felix

Gabriel Cassar

SUMÁRIO

UMA MULHER DE

CARNE E OSSO

L. E. Silva Dias

PORTA FECHADA

Eni Iltis

O CRIME DE

LEONORA

Paulo Luis Ferreira

MURMURATÓRIO

Schleiden Nunes

O PASTOR E O CÃO

Wellington Santos

SÉTIMO FILHO

Marcelo de Sousa

O NÔMADE

Narcæσιο

MICRO HORRORES

Aparecida Gianello

PANELA

DE BARRO

Ana Albernaz

TRILHA DOS

PESADELOS

Jaqueline Martinez

O CRÂNIO

Angela Molognoni

BRINCANDO COM O

MAL

Giselle Honorato

SONHOS FACTUAIS

Igor Damião

GUSTAVO, AURORA

E A FOTOGRAFIA

Lorena Costa

AMÁBILY,

GUSTAVO, AURORA

E A FOTOGRAFIA

Lorena Costa

CORAÇÃO DE

GALINHA

José Eduardo Brum

CONGELADA

Junior Oliveira

AS ANHAS

Cupertino Freitas

DOIS REAIS

TINTA VERMELHA

Sebastião Soares

AS FONTES DA

TINTA VERMELHA

Sebastião Soares

O BEBÊ DIABO

NASCEU NO ABC

Tais Scaroni



Fotografias:

A Queda

A Prisão

A Dor

A Loucura

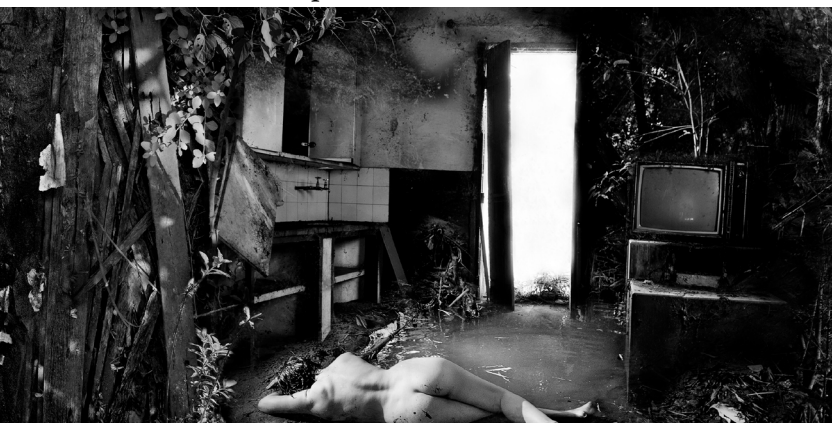
O Suicídio

O Caminho para a loucura é um trabalho de autorretrato, onde me coloco no papel de uma pessoa que enlouquece. O ensaio divide-se em fases: Queda, Prisão, Dor, Loucura e Suicídio. Busco construir uma “beleza terrível”, revelando a loucura de uma forma chocante, desafiadora e dramática. O ensaio busca a compreensão e materialização de uma série de experiências que me rodeiam, tanto pesso-



ais como familiares, desvendando um lado obscuro que normalmente não temos coragem de ver ou mostrar. A partir de sobreposições de imagens, crio um ambiente idealizado que me parece forte e intenso. Mergulho profundamente em um processo de representação simbólica, um estudo minucioso que não deixa de ser também a expressão da minha intimidade. O resultado é uma estética impactante que procura provocar o observador a ficar frente a frente com seus temores.

Técnica Cada fotografia que integra o ensaio *O Caminho para a Loucura* é uma composição de inúmeras imagens digitais sobrepostas, captadas em RAW com uma câmera Nikon D200. Após um tratamento inicial, diversas imagens são selecionadas e é dado início à montagem. A fotografia resultante é construída a partir de layers em Photoshop.





A LOUCURA



A DOR

Essa técnica se baseia em uma mescla detalhada de transparências, onde um layer é apagado ou revelado para dar lugar a uma textura. Todas as fotografias do ensaio foram primeiramente desenhadas. Em seguida foram criadas as ambientações, texturas e o autorretrato, sempre buscando uma composição minuciosa. Na

O SUICÍDIO



montagem da imagem final, a criatividade se alia ao planejado e mistura transparências, profundidades, corpo e ambientes produzindo um espaço idealizado, imaginário e terrível.

Marilia Vasconcellos, fotógrafa.



“THERE IS SOMETHING AT WORK IN MY SOUL,
WHICH I DO NOT UNDERSTAND.”

— Mary Shelley

A MOSCA

Julho de 1974 — Um globo de luz, como os fogos de artifício... Um pouco antes da meia-noite, com um silvo abafado, um relâmpago atravessou o céu do bairro. Alguém estava fora de casa, nas varandas, procurando um pouco de alívio do calor do verão. Quem olhou para cima, viu uma cascata de estrelas. A luz principal se aproximou, estendeu-se, desapareceu atrás de um edifício, como caindo, poucos quilômetros mais a leste. Um agente municipal jovem e diligente saltou no carro e correu para ver, através dos campos. Chegou até a fazenda chamada Majestade. Tudo parecia escuro quando, de repente, atrás do celeiro abandonado, ficou ofuscado por uma luz brilhante e viu uma espécie de grande calota cor de laranja, subindo com um relâmpago no céu. O jovem ficou atordoado por um momento, então voltou correndo, para alertar a polícia nacional. O campo atrás da casa cheirava mal, queimando. As espigas de milho foram torradas em três longas tiras, ramificadas, a partir do

centro para os vértices de um triângulo equilátero, e ainda estavam fumando.

Isso aconteceu na cidade de Pavia, na Itália do Norte, no verão do ano 1974. A partir das reportagens, sabemos que os Carabineiros, na manhã seguinte, mandaram raspar a grama e arar o campo do desembarque misterioso: era um sinal de que havia algo estranho, naquelas queimaduras. Por alguns meses, todo o mundo falou do OVNI chegado naquele bairro. Eu guardei durante anos os recortes dos jornais relacionados com esses eventos. Durante o verão, houve vários avistamentos de objetos voadores, nas colinas: “Podiam-se ver as luzes”... Pois é, a gente sabe, aquela é terra de vinho e de absinto... Este, porém — aparentemente — foi o único evento que interessasse diretamente a cidade. Falhou pouco para que fosse contato direto, o que é chamado “do terceiro tipo”. A gente falou durante todo o verão, muitos continuaram olhando atentamente para o céu. O jovem oficial municipal foi no centro das atenções de jornalistas e das conversas nos bares. Mais tarde, os amigos começaram a zombar dele como dum visionário. Certamente, em Pavia nunca mais se repetiram eventos tão importantes.

Muitos anos se passaram da aterrissagem do OVNI perto da fazenda da Majestade. Quatorze anos, para ser preciso. O umbigo da cidade, uma torre antiga de mil anos, levantava-se ao lado da

catedral, para recordar a grandeza antiga da cidade livre. Sua altura fora superada pela da cúpula gigante, projetada no século XVI, mas realizada somente após a metade do século XIX. Um dia, na hora do passeio, a antiga torre revelou alguns sinais de fadiga: fragmentos de pedra e tijolo caíram da galeria superior, de quarenta metros de altura. Algo estava trabalhando nas entranhas da torre. Rachaduras serpentinadas compridas estavam se formando, em sua matéria. Ramificações que lembravam o caminho de um raio no ar eletrizado. Era como se um ser alienígena, um vírus parasita, tomasse posse daquele corpo plurissecular. O sinal de alarme, infelizmente, não foi pego. Cerca de um ano após a queda dos fragmentos, em uma manhã de fevereiro, a propagação da infecção causou o colapso da torre. Com um rugido ensurdecido, uma nuvem vermelha cobriu o céu da cidade. Quatro pessoas foram mortas sob os escombros do monumento caído. Mesmo a catedral ficou chocada, lascou ligeiramente na fachada, ficaram danificados os restos da catedral de São Estevão, que ainda estavam de pé no canto noroeste, apenas atrás da torre... Então a mesma catedral permanecera infectada com o vírus misterioso.

As causas do colapso da torre ainda agora têm que ser apuradas. Uma investigação se abriu, que durou anos e não conseguiu resolver as dúvidas. A falha principal foi atribuída aos construtores me-

dievais, capazes de erigir torres que durassem “apenas” mil anos... Como se um prédio qualquer, construído hoje, fosse capaz de durar... Eu não digo a metade, mas nem sequer a quarta parte desse tempo! Ninguém, na confusão dos peritos técnicos que se reuniram para monitorar, diagnosticar, recomendar tratamentos, ninguém notou um pequeno passo, uma espécie de túnel que se abria atrás de um orifício, semelhante ao covil de uma formiga, nas paredes sobreviventes da antiga catedral, apenas adjacente à torre. Atrás de uma teia de espessura, um investigador atento poderia encontrar um ovo amarelo flácido, sem a casca, que necessitava de proteção, deposto pelo ser que durante quinze anos fora esquarterado na torre e se tinha alimentado com as energias vitais residuais da cidade, antiga capital do reino da Itália medieval.

No ano 2001, o acesso público à catedral de Pavia foi proibido. Oficialmente, fora declarado que eram em curso obras importantes de consolidação da cúpula e de seus suportes. Na verdade, como acontece para os doentes terminais, as previsões foram sempre vagas e sem entusiasmo: ninguém sabia realmente se, quando ou como a catedral poderia ser reaberta. Enquanto isso, a fábrica da Catedral tornara-se — juntamente com os projetos do novo hospital — a principal fonte de financiamento para obras públicas. Por isso poder-se-ia prever uma vida quase infinita das obras em

andamento. A própria cúpula tinha nascido ruim e tinha partido em dois após a sua construção: quem não viu aquela grande lesão andando de baixo para cima, no lado de sudeste? Assim, já no final do século XIX, foi preciso fechar a catedral por sete anos.

O novo fechamento foi planejado pelo menos por uma década. Começaram a cavar, para preencher muitas das criptas secretas que viajavam subterrâneas, ao longo do santuário antigo (outra vez dedicado ao culto de Cibele, a severa Mãe Divina dos legionários romanos). Postes de metal foram erguidos em cima das grandes bases, como muletas colossais, para manter a casca da cúpula quebrada. Os antigos pilares tinham que ser cuidados, um por um, com placas de titânio e argamassas especiais, com cuidadoso trabalho digno mais de um dentista que de um construtor. Finalmente esperava-se que — um dia ou outro — todo esse trabalho chegasse a devolver à cidade sua catedral renovada.

No mês de outubro de 2004, começou a abrir-se uma rachadura na casca da cúpula: primeiro uma raia fina e crepitante, que prosseguiu e se ampliou de baixo para cima. Fragmentos de alvenaria se destacaram caindo, mas as duas partes da casca permaneceram quase intactas, enquanto se abriam como as valvas de uma enorme concha, entre as quais afundou a lanterna do topo, enquanto apareceu, como uma crisálida, uma enorme massa filamentosa envolta em muco amarelado.

As duas partes da casca se esfoliaram caindo em ruínas nos telhados das casas vizinhas, enquanto na luz solar a criança novinha desdobrava suas asas para secá-las. Era um grande moscardo cinzento, de proporções tais que um de seus olhos tinha o mesmo tamanho da lanterna que até ontem cobria a cúpula.

O inseto gigante virou um amplo olhar sobre a “sua” cidade, ensaiou o primeiro bater de asas e voou. Uma rajada de vento balançou os telhados, em seguida, uma vibração intensa, cem vezes maior do que o motor de um helicóptero, levou as telhas e fez cair as antenas. As torres da cidade foram sacudidas, a sombra da mosca passou rapidamente sobre o centro da cidade. Finalmente, era como se concretizasse um presságio escuro, esperado desde mais de trinta anos.

Era meio-dia, mas o céu se ensombrou como se uma espessa camada de poeira infectasse o ar. Na noite a seguir, o leite e a creme se tornaram azedos, mesmo quando eram armazenados em refrigeradores. A gente não viu mais o vôo dos pássaros pairando sobre a cidade e em toda parte sentia-se um cheiro estranho, como dum armazenamento de carniça, ou como se tivessem derramado nos campos uma dose dupla de herbicidas. Ninguém sabia onde morava o inseto monstruoso, ninguém o viu mais por muito tempo. Os animais domésticos, no entanto, desapareciam e nunca foram encontrados.

Gatos, cachorros, tudo o que não estava trancado em uma jaula. Os canários não estavam cantando mais e depereciam visivelmente, sofrendo ansiedades inexplicáveis. Até os ratos e as baratas tinham abandonado as adegas e os túneis de esgoto. Estavam chegando as primeiras névoas do outono. O ar já não era claro: era como uma névoa amarela suja, com fétidas gotas de pulverização em aerossol de um esgoto estranho. A gente morava com a opressão de não respirar livremente e nada permanecia limpo por mais de algumas horas, nem a roupa de secagem, nem as páginas dos livros ou as folhas dos cadernos escolares. Um odor oleoso generalizado e irritante permeava a atmosfera. Foi como voltar para os dias do grande desenvolvimento industrial, quando vapores de ácido e pó de fundição poluíam o ar permanentemente.

O ano 2005 foi um ano eleitoral. Dentro dos lados opostos que lutam se acendem as chamadas para as licitações pendentes. Negociações secretas são tecidas entre os secretários dos partidos e os clubes mais exclusivos da cidade: “os que contam” fazem seus jogos. Não é um mistério, e todas as manhãs, no bar, os curiosos folham o jornal em busca de uma nova reviravolta. Na véspera do fechamento das listas, um evento inesperado acontece: no partido favorito aparece um candidato “forasteiro”, um profissional bem conhecido que não recebe grande apoio da opinião pública, mas bem apreciado pelas

chamadas “grandes potências” da cidade. Um golpe difícil para engolir, pelos adversários como pelos mesmos aliados, que ficam deslocados. O candidato já designado como “seguro”, até o dia antes, se retira tentando soar indiferente, mas, na verdade, jura ódio eterno para os autores da reviravolta. O secretário dum partido aliado renuncia também, enquanto outros, mais táticos e oportunistas, se adaptam rapidamente à nova situação.

A campanha eleitoral acaba com uma confusão aparentemente total. Todos os jogos parecem ser possíveis, todas as probabilidades parecem tombar. Finalmente, o candidato estrangeiro, expresso in extremis pela lista de favoritos, consegue ganhar, por muito poucos votos. Vamos chamá-lo — como fez toda a cidade — com a alcunha: “A Mosca”. O sobrenome vem de sua aparência, sempre um pouco sórdida e nojenta, e muitas vezes persistente, irritante para os interlocutores.

Agora todo mundo está perguntando: A Mosca será o Anti-prefeito, que vai subverter as formas bem estabelecidas da vida da cidade, ou vai ganhar o eterno “genius loci”, o que fez desta pacata cidade o “ponto fraco” do todo o hemisfério norte, o lugar onde nada muda e nada de bom é criado, em nome da lendária “maldição” pronunciada pelo primeiro bispo São Siro e enraizada nos destinos da cidade? A lenda de que todo mundo fala, em Pavia, mas que ninguém tem a coragem de relatar...

Depois de analisar os acontecimentos dos últimos trinta anos, para tentar renovar um fio de continuidade, devemos pôr-nos outra pergunta, o que poderia ter conseqüências graves: quais as relações da Mosca com o grande Moscardo cinzento, o ser assustador nascido do ovo do espaço, que está escondido em algum lugar, entre o miasma dos arrozais, ou na cidade subterrânea?

O novo prefeito cercou-se com uma equipe estranha. Três homens de óculos escuros seguem-lho constantemente, em cada movimento, e seu consultor principal é um homem misterioso com a pele cor de bronze e o nariz afilado, que a gente diz ser um nativo da ilha de Haiti. Muitos sussurram — só quando têm a certeza de que nenhum estranho pode ouvir — que o prefeito está envolvido com seu assessor nos ritos de uma misteriosa sociedade secreta. A gente murmura de evocações de fantasmas, de cerimônias noturnas com caminhadas sobre brasas incendidas, de malefícios misteriosos. Alguém está pronto para jurar que nos mercados já não se podem encontrar galos pretos, porque os dois personagens têm requisitos para suas cerimônias. No que respeita os galos pretos, já sabemos que eles todos fugiram, no momento do nascimento do grande moscardo.

Uma parte da oposição tenta remediar o mal-estar da cidade, com os mesmos métodos atribuídos à pessoa que todo mundo agora define, com

uma palavra de sabor apocalíptico: “o Anti-prefeito”.

Moira é uma jovem mulher com cabelo reto longo e preto, envolvida na política desde a adolescência. Ele foi uma conselheira em sua aldeia natal, antes de se mudar para a cidade. Também se tornou comissária aqui na capital, por um curto período de tempo, antes da eleição da Mosca. A menina tem amizades importantes e sabe como jogá-las. Moira tem uma educação racionalista e cética, mas é persuadida por suas amigas para participar de uma sessão evocativa na casa de Josina, uma vidente brasileira que vive em um bairro operário. Em uma noite de denso nevoeiro escuro, duas amigas têm fixado com Moira um compromisso na periferia, perto da estrada circular. Lá ela encontra a vidente brasileira: uma mulher pequena, sem idade.

Depois das apresentações e duma conversa fiada, Josina pede a suas amigas para deixá-la sozinha com Moira. Abre uma gaveta para tirar uma grande bandeja de madeira e seixos coloridos. De um saco de veludo, ela puxa para fora algumas penas de galinha preta. Mexe nos objetos com cuidado, entrega-os a Moira, por alguns segundos, e depois os lança repetidamente sobre a placa, observando as formas que compõem a cada lançamento. Sussurra palavras incompreensíveis, em seguida, liga alguns castiçais e dois braseiros, onde queimam incenso e outros perfumes. Desliga a luz elé-

trica. A fumaça dos braseiros filtra o brilho das velas. Ouvem-se alguns estalidos, fortes, inicialmente desligados e, em seguida, em seqüência. Logo, o ruído torna-se como um rolo de tambor, preenche a atmosfera e entra no cérebro. A vidente vira sua cabeça para baixo e começa a tremer em convulsões. Sons inarticulados saem da sua garganta e os olhos rolam em todas as direções. De repente, todo som cessa e a chama das velas se estabiliza. Josina permanece com a cabeça jogada para trás. Alguns minutos — ou talvez segundos — de silêncio total; em seguida, uma voz que não é sua, mas vem da sua boca, começa a falar com Moira, que se atreve a fazer perguntas, o poder oculto da vidente forçando a misteriosa entidade a se manifestar. É o inconsciente de um viajante do espaço, chegado trinta anos antes no campo, perto da cidade. Esse foi o início de sua missão, desenvolvida com a incubação e o nascimento do moscardo e com a captura do poder, em vestes do Anti-prefeito. O estrangeiro extraterrestre chegou à Terra com uma missão clara: um projeto de domínio das cidades e de controle da sociedade humana.

O contato com a entidade é dificultado pela diversidade de línguas. A maneira de pensar do alheio escapa a compreensão humana. Josina chama as outras amigas e as quatro mulheres, juntas, desenvolvem um plano de ação para derrotar a Mosca. É necessário que a natureza do estrangei-

ro apareça na frente de todos, de modo a remover qualquer dúvida. As quatro amigas estão convencidas de que somente uma ação decisiva de uma mulher possa expor a Mosca e revelar a sua forma humana falsa.

O plano de ação de Moira está a ser implementado no dia da festa de São Siro, o santo patrão da cidade. As quatro meninas introduzem secretamente na cidade quatro perus, ignorando o rigoroso controle exercido pelo grande moscardo com seus capangas. Elas os trazem consigo, escondidos sob as roupas, no salão de honra da Câmara Municipal, no dia da festa que se celebra todos os anos para premiar as honras aos cidadãos mais merecedores. Aqui libertam os perus por baixo das saias. Graças ao instinto inato, os pássaros percebem o cheiro do moscardo e lançam o ataque, todos os quatro juntos, enfurecidos. O Anti-prefeito quebra, perdendo todo controle. Duas asas brotam do fato escuro e ele deixa a forma humana para ir pairando no ar, na tentativa de escapar o ataque de perus. O público fica chocado. Quatro perus foram suficientes para destruir todas as ilusões e desmascarar um plano chocante, com paciência e astúcia, ao longo de três décadas.

O Moscardo enlouquece contra a grande janela da sala e emite gritos, enchendo os ouvidos do público. Seus assessores e guarda-costas estão confusos sobre o que fazer. Eles trocam um olhar

rápido e decidem para não agir. Nessa altura, o céu escurece e uma vibração monstruosa perturba a cidade: é o grande moscardo diretamente envolvido, para salvar a sua criatura. A audiência foge em um desorganizado, agora a Mosca está desmascarada: o Anti-prefeito não existe mais. O inseto colossal quebra a janela do palácio e leva a criatura sob sua proteção. As duas varejeiras são semelhantes sob todos os pontos de vista, agora que o ex-Anti-prefeito abandonou a máscara humana, e zumbem ameaçando para a multidão que invectiva injuriando-os.

Naquele momento, no público, um homem de uniforme saca sua arma de ordenança. É o mesmo agente que, trinta anos antes, tinha testemunhado o pouso do OVNI.

Gritando: “Eu sempre soube”, o homem protege a multidão e vazia contra os dois insetos monstruosos toda a revista de sua arma. Os seres alienígenas viram, pairando no ar em grandes espirais. O perigo parece evitado, pelo menos por agora.

As moscas — no entanto — permanecem entre nós na Terra, prontas para atacar novamente... Quantas outras podem ter desembarcado, em que lugares do nosso mundo?

PRISÕES

São duas e meia da manhã. Meus dedos vorazes brigam com as teclas do notebook marcando a tela com pedaços de sonhos estranhos de dias anteriores. O quarto frio permanece iluminado apenas pela fraca luz azulada do computador, um quadro pintado por tinta preta no qual o foco adoece meus olhos lentamente.

Olho para o lado, Samuel está agitado do sono. Ele está sempre agitado ultimamente. Respiro fundo e volto a escrever pesadelos até não conseguir mais enxergar as letras na ordem certa. Desligo o computador e deito em meu canto para dormir.

Mal termino minhas orações quando o lado esquerdo da minha cama se mexe. Observo ainda de olhos fechados Samuel se levantar e ir para a porta. Espero ele sair para seguir seu caminho. Eu não sei se Samuel é sonâmbulo, ou se está apenas com sede, mas é melhor ter certeza do que está acontecendo. Escuto um barulho estranho do ou-

tro lado da porta e acelero meus passos. A escuridão me atrapalha, mas chego ao meu objetivo.

Abro a porta velha de madeira com cuidado e a sorte me felicita com o silêncio. Espero uns segundos para que meus olhos possam se acostumar com a falta de luz e observo. Samuel está parado em frente ao sofá, encarando duas formas pequenas que estão deitadas ali. Meu peito gela. Não sei o que são, mas tenho certeza de que coisa boa não é. Seus corpos brilham, duas silhuetas de crianças com iluminação que parece própria, falhando e vibrando, enquanto recebem o toque desengonçado de Samuel.

Eles não parecem zangados, mas também não parecem tristes, ou felizes. A verdade é que não dá para saber o que se passa dentro daqueles seres porque seus olhos são apenas mancha preta.

Também tem o ar, denso e seco, carregado de algo que aloja em minha pele, queimando e tremendo. Tudo que essa cena me inspira é medo, e nada de bom pode vir do medo.

Samuel continua lá, parado, com as duas mãos em cima daqueles seres. Tento seguir em frente, ou falar algo para interromper o que está acontecendo, mas me vejo paralisada, apenas observando meu amigo de anos dar permissão àqueles demônios para ficarem na minha casa.

Meu coração está rápido, apesar de não sentir mais meu corpo, e assim me vejo quando trope-

ço para cima dele.

— O que você está fazendo? — grito — se você acha que irei permitir esses dois demônios na minha casa está muito enganado!

Samuel segura fortemente meus braços, tentando me impedir de fazer alguma loucura. Me sacudo debaixo dele. As duas imagens de crianças se encolhem no canto do sofá.

— Você tem que parar! — Samuel sussurra — Não grita!

— Saiam daqui! — grito me direcionando às crianças — Vocês não têm permissão para ficar aqui! Saiam daqui em...

— Silêncio! — exclama Samuel tampando minha boca — Você vai atrair a velha!

Consigo me soltar depois de me sacudir violentamente. Samuel me olha diferente e me empurra de volta para o quarto fechando a porta atrás de si. Os espectros continuam no sofá da minha sala.

— Você é louco! Que velha? Como espera que vou atrair alguma coisa sendo que você já permitiu que dois demônios ficassem na minha casa! — exclamo com a imagem daqueles olhos escuros na cabeça.

É fácil ser enganado por aquelas imagens, afinal, se trata de duas crianças, um garotinho com camisa e shorts brancos e uma garotinha de vestido de babados, ambos maltrapilhos. Mas aqueles olhos, eu sei que há algo de errado com aqueles

olhos, e a sensação que inspiravam no momento que os vi poderia ser tudo, menos inocência.

— Fica calma. — Samuel pede, e sinto meus olhos serem esquentados por lágrimas — Você precisa confiar em mim, eles não são demônios, estão fugindo da velha.

— Do que você está falando?

— Eles ainda estão vivos, pelo menos por enquanto. Precisam encontrar uma forma de voltarem para seus corpos antes que seja tarde demais.

— Do que você está falando? — pergunto novamente.

Samuel me puxa para a cama. Me sento ao seu lado. Suas mãos em meus braços queimam.

— A velha os aprisionou no plano astral. Agora eles precisam encontrar uma forma de voltar para seus corpos antes que seja tarde demais. Eles são apenas crianças, precisam de ajuda. Eu preciso ajudá-los.

Meus olhos estão arregalados. Não consigo acreditar no que ele diz. Samuel se deita no seu canto e com as mãos atrás da cabeça me encara. Ele está louco. Completamente louco.

— Samuel, — falo — não existe isso de plano astral. Do que você está falando? Eles estão te enganando! Não tem como estarem vivos ainda! Você tem que tirar eles daqui logo!

— Não, você é que precisa acreditar em mim! — ele se senta na cama e olha em meus olhos firme-

mente — Eu sei do que estou falando, já vi acontecer, já vi a velha, já quase fui sugado por seus olhos. Eu não posso deixar essas duas crianças sós. — ele pousa as mãos em meus ombros — Eu sinto muito por te colocar nessa, não esperava que isso aconteceria hoje, se soubesse desmarcava com você, mas aconteceu e preciso fazer alguma coisa. Desculpa mesmo, juro que amanhã darei um jeito. Agora vai dormir, não deixo que nada aconteça contigo.

Olho para ele tentando falar algo. Suas palavras soam tão firmes, como se os dois espectros fossem apenas gatos de rua que ele quer criar. Mas não. Não são animais domésticos. Não tem nada de comum nessa situação. São translúcidos. Brancos. Seus olhos explodem escuridão. Não há nada de normal nisso.

Infelizmente Samuel interpreta meu silêncio com concordância e se deita para dormir. Passo um tempo parada, estou dormente, com medo. Me deito também e cubro todo o meu corpo na tentativa de me sentir mais segura. Horas se passam, ou minutos, e eu não consigo dormir. O quarto está um breu, porém meus olhos já se acostumaram com a escuridão, e é assim que consigo ver os dois seres atravessarem a porta e entrarem no meu quarto.

Abro a boca na tentativa de expulsá-los daqui ou de chamar Samuel, porém o peso em meu peito me impede de falar qualquer coisa. Noto que estou em um estado de profundo pânico e desespe-

ro, como nunca estive anteriormente. Permaneço gaguejando, me sinto uma pessoa engasgada com o próprio sangue enquanto assisto as duas crianças pararem ao meu lado e olharem para mim. Seus olhos são tão feios. Consigo ver dor neles. Os espectros permanecem assim por alguns longos segundos antes de voltarem para a porta e atravessarem de volta para a sala.

Acordo de supetão com o som de cadeira sendo arrastada no cômodo ao lado. O dia amanheceu, o quarto está claro, Samuel não está mais aqui. Respiro algumas vezes antes de me levantar e caminho lentamente na direção da porta. Minha mão está tremendo quando giro a maçaneta. Tenho medo do que pode ter ali.

Abro a porta. O resto do meu grupo de amigos está todo aqui. Amanda sentada no sofá permanece encarando o teto. Mateus está concentrado em seu notebook, provavelmente assistindo algo. Vitor se olha no espelho com a cabeça levemente torta. Dou alguns passos adentrando na sala. Samuel está na cozinha preparando algo para comer. Nenhum sinal das crianças. Respiro fundo e sigo em direção a poltrona que Mateus está sentado. Me sento perto dele para ver o que está assistindo e a imagem de uma velha me assusta.

Sacudo a cabeça e saio de perto. A história da noite passada havia mexido demais comigo e não podia deixar isso acontecer. Provavelmente havia

sido apenas mais um pesadelo. Saio de perto de Mateus e vou falar com Vitor. Ele é o mais preocupado com a universidade e provavelmente vai tagarelar um pouco sobre o trabalho que precisamos concluir. Nunca me preocupei muito com essas coisas mas pelo menos ajuda a distrair.

— O que tanto olha aí? — pergunto — Tem alguma espinha nova?

Porém não tenho uma resposta. Franzo o cenho e o encaro mais cuidadosamente, porém dessa vez pelo espelho. Ele parece assustado. Fico em alerta. Estou quase indo para perto de Amanda perguntar porque está todo mundo estranho hoje quando percebo uma mancha ganhar forma no espelho.

A primeira coisa que vejo é sua roupa. Um vestido cinza de tecido duvidoso e folgado cobre seus ombros contornando o rosto acabado e branco que abriga olhos de piche. Tropeço ainda parada e grito. Samuel e Amanda aparecem rapidamente ao meu lado. Mateus vem logo atrás.

— O que aconteceu? — Samuel pergunta.

— Precisamos sair daqui. — exclamo e puxo eles na direção da porta.

Porém algo parece estranho. Meu corpo está leve e dormente. Olho para trás e me engasgo. São todos espectros, todos os meus amigos. Olho para mim.

— Samuel. — exclamo, nervosa.

Ele não demora muito para se dar conta do que aconteceu. Não consigo sentir meu coração, apesar de tudo em mim estar agitado. Observo os olhos dos meus amigos começarem a escurecer. Eles, que não entendem nada, olham para Samuel e para mim tentando encontrar uma explicação.

— O que fazemos? — pergunto.

Samuel permanece em silêncio, pensando. Ele olha para trás. Seguimos seu olhar, nossos corpos estão espalhados pela sala. Me impulsiono para perto do meu, na tentativa de entrar nele, mas Samuel me impede.

— Que foi? — pergunto.

— Talvez haja uma chance de derrotá-la assim.

— Do que você está falando? — pergunto.

— Do que vocês estão falando? — Amanda pergunta assustada — O que está acontecendo com a gente? Nós morremos? O que aconteceu?

— Ela vive no plano astral. — Samuel diz alheio ao que qualquer um de nós falamos — Estamos no plano astral. Isso pode dar certo.

— O quê? — pergunto.

Samuel olha para mim. Ele está estranho, se aproxima de mim e pega no meu braço. Não o sinto exatamente. Sinto apenas calor e algo mais. Vibração.

— A gente pode derrotá-la. — ele diz — Não vai ser fácil. Podemos não conseguir, mas não po-

demos deixar que ela continue fazendo isso com inocentes.

Olho para meus amigos. Eles estão com medo. Também estou. Samuel sempre foi estranho, mas nunca esperei algo parecido com isso. Como explicar para eles o que está acontecendo? Como explicar para mim o que está acontecendo? Não quero morrer.

Olho para Samuel e digo:

— Nós vamos conseguir.

ERRO

— Como uma coisa dessas aconteceu? — questionou o jornalista em tom de descrença enquanto lançava um olhar para o homem á sua frente, o bloco de notas ainda em sua mão não parecia ter sido usado naquela peculiar tarde de um inverno rigoroso, quase ás vésperas do natal do ano de 2012. Apesar de sem utilidades, o bloquinho do tipo compacto, páginas sem linhas — por descuido do comprador, já que detestava escrever á esmo, parecia sempre começar em uma ponta e subir o Fuji até terminar a sentença — servia apenas para apoio do homem na casa dos trinta anos, apesar de ser mais velho que sua aparência sugeria.

Possuía um rosto pálido, este jornalista, os cabelos negros, na altura do queixo bem formado e lábios delineados pela natureza, embora os olhos habitualmente não fossem daquele tamanho exagerado, como portava naquele momento, tinha traços fortes e um rosto jovial, covinhas quando ria.

Covinhas que definitivamente não saberia di-

zer quando iriam ser vistas outra vez, dado ao absurdo que ouvia.

Hojo Yutaka, o jornalista, conhecido como Kai em seus artigos da Ito Magazine era um celebre entusiasta dos fanzines antigos de suspense que saiam nas revistas quinzenais, às vezes quando a historia era muito boa, ele até mesmo dormia a noite com as luzes acessas quando era criança, mas as melhores eram sobre assassinatos e casos misteriosos.

Certa vez leu sobre uma chuva de sapos no oeste do Arizona, até hoje em roda de amigos jurava plenamente se tratar de um caso verídico, seu suporte, aquelas gigantescas enciclopédias marrons cujo na lombada em dourado estava escrito “O LIVRO DO MARAVILHOSO E FANTASTICO” dissecava casos e mais casos curiosos, outros, extremamente bizarros e desta veia lovecraftiana sua carreira era solidificada na revista mensal onde havia uma coluna mensal chamada “GORE”, lá dissecava casos que fossem inexplicáveis e surreais. Na maioria das vezes, era necessário inventar algumas coisas, dado a falta de material latente, recorria ao famoso “relato dos leitores”, onde sobrepunha uma carta com sua opinião acerca da questão. Jamais algo próximo aquilo... Jamais algo daquele porte. Com certeza ganharia a capa daquele mês.

Kai se lembrou de molhar os lábios enquanto olhava do outro lado da mesa o homenzinho com

rosto arrogante que lhe encarava em silencio.

— Como uma coisa absurda dessas aconteceu, doutor? — repetiu o repórter, desta vez com mais ênfase.

As mãos unidas, mãos pequenas e delicadas de mais para o trabalho de um legista, em sua opinião, um leve bico pensativo e o doutor Matsuoka Takashi, diante de si, rodopiando em sua cadeira de couro ligeiramente de um lado ao outro fez um gesto com a cabeça.

Não sabia dizer mais nada ao que parecia.

Provavelmente o pobre homem ainda não havia visto nada igual diante si, Kai tinha esta certeza.

— Isso é tudo o que sei, Kai-san. — respondeu com a voz ligeiramente tremula, tremula a ponto de correr a mão pequena até a gaveta da escrivaninha e tirar dali um maço de cigarros de marca indefinida, acendeu um, ainda sob o olhar chocado do repórter que observou atentamente seu ritual de acender, traguear, girar a cadeira para a janela coberta de persianas atrás de si e abrir uma brecha para a fumaça se exaurir mesmo com o clima frio que adentrava na sala.

Ambos se encararam novamente, o pequeno médico maneou a cabeça, um gesto solene e arrogante que sugeria que o baixinho não tinha ideia de como aquilo havia acontecido, Kai tinha certeza que tal fato o fazia perder algumas horas de sono à

noite.

— Às vezes a natureza faz coisas estranhas, não há outro tipo de explicação clínica que posso encontrar para algo... — fez um gesto, para o bloco inocente que sequer continha palavras sobre o caso. —... algo assim.

Kai abanou a cabeça, soltando uma risada nasal que foi má recebida pelo legista, este, não riu, ficou o observando se erguer da cadeira, ainda rindo e guardar o bloco, o gravador, a caneta e todos seus pertences espalhados sem proposito sobre a mesa, como se fosse de suma repugnância ouvir alguém rir diante tal caso, mas Kai não achava graça, talvez suas covinhas estivessem mais perto de serem vistas que imaginou, pensou incrédulo controlando uma gargalhada nervosa.

— Kai-san. — a voz rouca do médico disse, ainda o observando atento.

— Sim? — retrucou atravessando a pasta de couro sobre um dos ombros doloridos.

Após um longo olhar, o médico suspirou, desistindo de fumar devido á forte corrente de ar que entrava bagunçando o laudo assombroso a sua frente, fazendo ambos se encolherem devido ao frio.

Com a desculpa do frio.

Não, nenhum deles iria deixar visível o quão perturbador aquela conversa havia sido, quão bizarra a natureza — segundo Matsuoka— poderia

ser e fazer os pelos do corpo de um homem adulto se arrepiarem.

— Vá pra casa. — advertiu Matsuoka. — Tire um tempo pra si, esqueça essa historia. Escreva sobre qualquer outra coisa, mas, por favor... Não se aprofunde nesse legitimo filme de terror que saiu das prateleiras do próprio infeliz do Yamamoto Ren.

Kai compreendia a suposta preocupação clinica do homenzinho, mas deixou com ele um sorriso de canto, quase sarcástico, mas na verdade era cansado. Exausto.

Excitado.

— Ai está o suprassumo da ironia, Matsuoka-san. — respondeu se dirigindo á porta, onde cogitou que ele iria o acompanhar, mas percebeu tardiamente que o legista sequer parecia pronto para se erguer da cadeira. — Yamamoto Ren e eu temos muitas coisas parecidas, ele era meu autor favorito, poxa. Eu jamais deixaria que ele ficasse sem o final feliz dele.

— Final feliz em uma coluna chamada Gore? — questionou franzindo a testa.

Kai apoiou-se na maçaneta e fez uma mesura curta, segurando com a outra mão a alça da pasta.

— E para onde mais vão os escritores de horror, senhor, se não para um paraíso chamado Gore?

Deixou para trás o legista que rapidamente se ergueu, olhando o relógio de pulso e garantindo de

sumir daquele andar do prédio antes que não restasse mais ninguém além daquela crescente onda de horror depois de tudo que viu.

Kai possuía uma aura sinistra, talvez por que na sola de seus sapatos, precisamente na ponta de seus dedos trouxesse sempre enganchado nele um rastro de coisas grotescas, histórias terríveis e casos bizarros de mais para fazerem parte do mundo comum onde as pessoas se cobrem a noite e em sua segurança apenas vão dormir.

Kai trazia consigo a verdadeira alma da Ito, aquela revista maldita que ele tanto venerava. Matsuoka não duvidava que uma noite uma coisa não saísse de baixo da cama do repórter e o levasse consigo para o inferno que ele tanto escrevia, um tipo novo de Night Visions real ou um Creepyshow, daquele bastardo do Stephen King.

Um bando de escritores de mau gosto que serviam para assustar criancinhas, em sua opinião, por tal razão jamais leu nada daquele sujeito, Yamamoto Ren.

Mas Kai leu, não apenas isso, possuía todas suas entrevistas.

Enquanto andava pelas calçadas escorregadias segurando um cigarro entre o polegar e o dedo, Kai imaginava como iria começar aquela matéria, haviam tantos e tantos modos...

Como contar uma coisa daquelas?

Ou seria chacota por anos ou simplesmente

teria que ser um pouco mais verossímil, mostrando todas as provas cujo reuniu depois que passou a pesquisar a fundo todos os eventos ocorridos.

Pegou o metrô, onde foi comprimido por um velho de nariz adunco que o encarava sem parar e ria, sob a luz doentia de um amarelado pálido enquanto o encarava com olhos ejetados de sangue, algo desagradável.

Talvez naquele dia até mesmo o ilustre gato preto cruzando seu caminho o assustaria facilmente.

Chegou em casa em torno das oito horas, o céu nada possuía de bonito como uma noite natural de inverno, onde os namorados logo estariam se preparando para sair com seus pares no fatídico Natal, data cujo comemoravam o nascimento de um homem torturado que voltou como um zumbi.

Ah, a historia é tão gore quanto qualquer ficção.

Preparou rapidamente um prato de misô enquanto olhava em direção a sua sala, onde o notebook já o esperava sorridente, comeu, absorvendo o sabor quente da refeição, deixou a louça atirada na pia, pois sabia que o soco no estomago da inspiração havia chegado.

Era hora de dissecar aquela maldita matéria.

A matéria na integra, está a disposição do leitor.

COLUNA GORE, nº 301.

DEZEMBRO/2012

“O MISTERIOSO CASO DE YAMAMOTO REN”

Por Kai.

Quando pensamos em Yamamoto Ren, nos remetemos logo aos seus romances de fantasia, suspense e horror, um imaginário atormentado e crimes chocantes. Talvez, atualmente, em nosso país, este nome seja o mais consumido, acima dos patronos do estilo como Poe, Lovecraft ou King por uma razão potencialmente previsível; Ren sabia como nos assustar com o que temos no aqui e agora.

O cemitério Micmac de King é longe de mais para que nos de um medo real, embora a maluca de Misery com sua porca quebrando as pernas de escritores possa provavelmente apavorar um escritor, o deixando com medo em qualquer lugar do mundo.

Acredito, porem, nada dessas coisas assustava Ren, sequer a maluca de Misery, sequer aquele fanático religioso que matava pecadores e se intitulava Corvo, na historia daquela esquisita com nome de pintor, sequer os pesadelos que ele nos ajudou a criar em nosso imaginário. A razão, bem, depois de dar uma boa lida no diário pessoal que o homem deixou especialmente para o jornalista que vos fala,

não fica totalmente claro que tais ficções, embora apavorantes não lhe causassem nada.

Pois Ren possuía demônios que provavelmente á primeira vista, diria se tratar da boa e velha loucura.

Mas depois do ocorrido da ultima semana, não, ele não será capa da Psychiatric Magazine, mas da Ito.

Yamamoto Ren, seu lugar é na Gore. Méma.

Quando conheci Ren, em uma das entrevistas que me deu, fiz uma série de perguntas, era um sujeito muito conservador, espirituoso, porem, sempre possuía algo de interessante sobre si a contar. O homem era nascido em janeiro, dia vinte para ser especifico, mas comemorava no dia 19 quando estava em países ocidentais, questão do fuso horário, dizia. Meio capricorniano, desta base podemos dizer que pessoas desta data não são muito normais.

Allan Poe era nascido no dia 19 de janeiro também, mas se fosse japonês, ele sempre dizia sempre muito orgulhoso, teria nascido no meu dia.

As particularidades com Poe, do senhor Yamamoto iam além das páginas escritas e a solitária jornada de ser um escritor, como companhia, apenas boas doses de álcool, mas detalhes perturbadores que o colocam nesta coluna.

“Você não é um escritor caso não queira vender a sua alma para a escrita”, ele disse certa vez em um encontro em Vancouver com outros figurões

do gênero para um rapaz na plateia que dizia ser aspirante a escritor, mas apenas escrevia romances saudáveis. “Se você só escrever por divertimento, seja lá seu ou do seu público acéfalo, você é apenas um bom palhaço remunerado, não nos ofenda com esse papo furado de escritor, garoto. A alma humana vai além dos seus romances perfeitos, vai além dos seus fetiches bizarros e nojentos, vai além do seu desejo por ser outra pessoa, vai além de toda essa publicidade que os deixa cegos para olharem para dentro de si mesmos e encontrarem pequenos demônios risonhos. A essa altura, nem o diabo se preocupa com aspirantes a escritores que apenas consideram bom o que vende, vocês não são escritores, vocês são o cimento que sela o muro da ignorância. Vocês me dão asco, vocês desrespeitam quem senta sua bunda em uma cadeira e tem tendinites, que sofrem de dores de cabeça, que sentem o bloqueio os devorando, que são consumidos pelas correntes da escrita. Vocês me enjoam”.

Não foi a declaração mais polemica do homem, mas diante de tal pensamento, podemos partir desta frase, onde pela primeira vez ele citou algo que no decorrer passou a ser presente em seus discursos horrorizados com os autores cujo ele dizia serem “palhaços brincando de contar historinhas”.

Se não ficou claro, vou clarear, Yamamoto Ren não acreditava que apenas os autores de suspense ou horror eram bons o bastante, não, ele

jamais alegou isto, mas alegava que escritores possuem uma maldição a qual são todos fadados e não apenas os bons escritores ou os de gênero semelhante ao seu, mas em suas palavras, os verdadeiros escritores quando confrontados com apenas o calor das chamas da maldição jamais iriam se curvar a escrever frivolidades, não totalmente.

“Dois, três, quarenta e cinco, um milhão”, ele disse sobre uma franquia de filmes baseado em livros. “Que diferença fazem todos esses números? Meus caros, esta franquia é para adolescentes, não há nada errado com escrever para adolescentes, mas não conteste a verdadeira escrita com números alegando que a venda de A culpa é das estrelas e toda sua corja se compara com um bom Byron ou Hawthorne por causa dos números. Sou escritor, não um contador” e acrescentava um sorriso mordaz, de canto, encantador que fazia a todos rir mesmo que nervosos.

Assim como Yamamoto odiava o que estava em voga, a moda o odiava, era arrogante e geralmente acido, mas nós, seus fãs ele sempre alimentou muito bem. Seja de pesadelos, seja de reflexões. Ele não era um homem para suspirarmos de amor, era um homem para temer, um amaldiçoado, dizia.

Quando publicou “As correntes do mal”, as coisas passaram a piorar, creio eu, pois vimos um Yamamoto totalmente perturbado no lançamento cujo sequer teve mais de duas horas de autógrafos,

ele parecia abatido, mais magro e é aqui onde entra seu diário.

Nas correntes, sempre as malditas correntes...

Diário de Yamamoto Ren.

12 de março de 2012

Inferno.

Fazem mais de quarenta e oito horas que não durmo, ele simplesmente não me deixa em paz, parece irritado quando o trato por “Ela”, pois sua voz é masculina e clara, como se estivesse sempre, sempre debochando de mim. Ele quer mais, não basta todas as horas em claro, não bastam todos os cigarros que fumei, não basta olhar pela janela e ver o dia clarear e novamente esse manto infernal da noite subir aos céus, pois é a noite que ele me quer.

A escrita, ela.

Ele. É um homem, eu sei por que ouvi a sua voz. A escrita é homem.

14 de março de 2012

Hoje eu finalizei “Correntes”, um romance de seiscentas e doze páginas em uma semana, algo assim eu levaria o que? Três ou quatro meses? Com a mordomia do editor e daquele patife do meu agente literário talvez cinco, se pudesse me arrastar bêbado de volta pra cama e me deixar cair lá, como um amaldiçoado que sou. Mas não, Ele me quis de corpo e alma, disse que sou seu instrumento agora.

Eu gosto assim, prefiro assim, pois quando ele me usa, eu sinto a mais pura satisfação.

Acho que esse desgraçado tem umas correntes que arrasta pela casa a noite, correntes que se olhar bem de perto, de pertinho eu posso até ver que os elos não são feitos de aço ou qualquer metal resistente; mas de palavras.

Cada elo, uma palavra, até mais, frases, sentenças, acho que uma página inteira e essas correntes, cada dia mais se fecham em torno de meus punhos e apenas o ouço aproximar os lábios de minha orelha e gemer daquele jeito risonho; “escreve, escreve, escreve...”.

Não sei por quanto tempo vou aguentar, mas apenas assim sei que estou o agradando, tal razão que passei a adquirir o habito de não apenas escrever apenas os livros, mas sobre tudo, o tempo todo, em qualquer lugar.

Eu acho que Ele me ouviu quando disse que venderia minha alma a ele e agora, agora sou completamente seu.

17 de março de 2012

Ontem a noite, depois de dois copos generosos de gim, acabei desmaiando no sofá. Iniciei um livro novo, este, mais profundo, mais sombrio, pois quanto mais sabemos da essência humana, sempre mais sombrio será. É como entrar em uma grande gruta inexplorada, os boçais farão festa em sua

entrada, felizes em encontrar a sombra do sol, mas quem está cada vez mais mergulhado na profundidade verá apenas um infinito de horror e trevas.

Somos uns animaizinhos bestiais, não somos? Somos capazes de cada coisa...

Somos deuses também, deuses que criam e destroem...

Deuses que criam.

A esta altura eu não sei mais o que eu criei ou o que me foi criado, mas Ele parece cada vez mais forte, agora não mais apenas um borrão sobre meus ombros, não mais correntes pelos corredores da minha mente que não me deixa dormir com seu “escreve, escreve, escreve”, mas uma forma física, uma sombra.

Tudo e absolutamente tudo quando passamos para a parte mais profunda, é sombras.

Eu vendi a minha alma para a escrita, agora não posso mais reclamar, a maldição está se completando no mundo real.

Ficção, realidade. Eu já não sei mais qual das duas pode ser rompida e estuprada mais vezes até ceder á outra.

Ouvi uma historia, sobre personagens criados por um idiota de um “escritor” medíocre que não lhes dava veracidade e eles vinham o pegar, ah, que inferno, isso me diverte até hoje.

Infelizmente os estúpidos estão preocupados de mais lambendo seus próprios traseiros com a

mediocridade que se preocupando com a profundidade das anomalias que criam. Eu os desprezo tanto, mas ainda assim, contei a Ele, mas acho que não devem ser seus personagens rasos a persegui-los como na história que citei, Tier acho, eles sequer teriam força para isso, mas Ele.

Sim, a Escrita. Ele deve puni-los.

Um a um.

25 de março de 2012

Está vivo!

Frankenstein diria isso no meu lugar, após criar seu próprio monstro. Mary Shelley aquela maravilhosa mulher ficaria impressionada comigo.

Aconteceu o que eu mais temia — e desejava — e agora Ele está aqui, de corpo presente. Eu preciso contar todos os detalhes ou simplesmente vai ficar grudado a minha mente e novamente ele não me deixará dormir.

O relógio me informava ser entre duas e quinze e duas e vinte da madrugada, minhas mãos exaustas estavam escrevendo ainda sobre a tortura do senhor Oshida em meu novo livro de contos no melhor estilo Junji Ito — relatos perturbadores sobre casos terríveis, acho que vou chamar este de “Física quântica de um assassinato”, apesar de que não me parece um nome muito atrativo — quando ouvi as correntes que rangiam no piso do apartamento, sem nunca cessar se aproximando, se apro-

ximando.

Ergui meus olhos que ardiam para a porta e lá estava ele, no batente com aquele sorriso reto, mas nem por isso menos ameaçador, lábios muito pálidos como o restante do rosto, pelo menos a parte de pele que eu via. Um queixo de formato simétrico, pescoço com um pomo de adão bastante másculo, olhos claros, apesar de os possuir tão puxados como os meus, originalmente nipônicos, pareciam maiores devido a forte maquiagem escura que os adornava por baixo de uma máscara de couro que atingia sua face até um pouco acima dos lábios.

Seus cabelos, um desgrenhado castanho muito claro se sobressaltava diante aquele preto inteiriço das roupas, estas, cobertas de correntes grossas que pareciam o amarrar á alto anteriormente, mas pelo visto agora estava livre.

Completamente livre e avançava para mim.

Diante mim, meus amigos, estava aquela blasfema em forma humana, ou quem sabe, uma divindade como qualquer outra, diante mim estava na casca de um homem, a minha própria Escrita, vivo, respirando.

Vivo.

Se aproximou, arrastando pesadamente suas correntes, para talvez dar ao ambiente um pouco de som, já que minha respiração estava completamente estagnada. Quando lembrei-me de respirar, o fiz aspirando todo oxigênio do cômodo, pare-

cendo sentir a densidade da tensão tão intensa que tudo se tornava rarefeito, me dando violentas mordidas nas têmporas, tamanho a forma que minhas veias latejavam.

— Como isso é possível? — balbuciei em uma linha tão tênue entre a racionalidade e a insanidade quanto a fina linha de uma navalha.

Ele sentou-se no sofá de couro, afundando ali e o som de suas correntes e roupagem de couro contra couro foi devidamente erótico de mais para que eu não visualizasse um novo plot.

Aquela coisa, aquele homem exalava palavras e ideias ao menor dos movimentos.

Em seu punho, quando o levou ao queixo havia a história de uma família cujo lutava contra a guerra no ano de 1945, seus olhos possuíam um universo de ideias inexploradas, em seus lábios sorridentes bailavam mais cinco ou seis plots completos que me fizeram tontear.

Tudo aquilo, todo aquele presente, era meu, mas eu sou apenas um ser humano, duas mãos, pobre de mim, era informação de mais.

— Como é possível, o que, Ren-chan? — debochou cruzando as pernas de modo lento, sacudia uma delas sobre a outra como se possuísse pressa, muita pressa, pressa de mais...

ESCREVE.

— Como é possível você ter se solidificado no mundo real? — questioneei outra vez, sentia meus

olhos ardendo de tão ressecados, por tal razão lembrei-me de piscar outra vez.

Eu não sentia medo, não, sabia que sua forma física e comportamentos eram um reflexo de minha criação e desejos, como eu poderia ter medo daquele que foi meu amante por todos esses anos cujo dei tudo que eu possuía? Não havia medo, havia fascínio.

— Você desejou profundamente, Ren. — respondeu escorando o queixo na mão espalmada, sustentada pelo cotovelo no braço do sofá que rangia ao menor movimento seu. — O que é real, afinal? O visível, o palpável? Por acaso uma boa mentira quando contada para um ouvinte inocente não se torna momentaneamente real? O que é real além de um ponto de vista que precisa apenas de alguém para acreditar nele?

Dito isto com uma voz grave, aquela mesma voz que tanto ouvi durante todos os anos eu senti um misto de incredulidade e euforia. Eu era digno da Escrita, digno da minha maldição e isto é algo que nada poderia superar. Nada.

Passei a língua pelos lábios, tão secos acredito, quanto todos os meus órgãos que haviam parado de circular o sangue e produzir todas as coisas asquerosas que nossos corpos humanos produzem e cruzei as mãos sobre a mesa, afastando momentaneamente meu notebook.

— Quer dizer que a realidade é algo mutável,

isso eu sempre soube. — afirmei pouco surpreso com o que ele havia me informado. — Por exemplo, quando lemos uma historia fictícia, nos envolvemos tanto com os personagens de papel quanto com os de carne e osso, não é? Mas há aquela linha divisória que nos alerta; não é real. Quando amamos alguém que não nos ama, poderíamos aplicar o mesmo sistema; não é real. Porque fazemos isso?

— Por que vocês gostam de relativizar os sentimentos. — a Escrita em forma de homem respondeu com um sorriso mais largo. — Relativizar não me interessa, eu quero tudo, todos os ângulos de uma faceta, desde que seja contada por alguém competente, até mesmo assassinato, estupro, guerra me atraem. Até mesmo amor, ah, este eu gosto bastante, mas os estúpidos tendem a escrever suas ideologias sobre o amor, sobre o fracasso, não quero isto.

— O que você quer? — ousei questionar.

A escrita se ergueu do sofá, atravessou a sala e se postou a minha frente, apoiando as mãos sobre a fria mesa de carvalho, se inclinou em minha direção e me olhou diretamente nos olhos, deixando ali consigo mais uma chuva de ideias.

— Eu quero um culto a mim. Você me deu isto, agora é hora de retribuir a minha graça.

Meu coração acelerou, senti o sangue antes paralisado começar a bombear por todo o meu débil e exausto corpo.

Naquele momento eu não pude fazer nada além de explodir ás gargalhadas, ele, assim como eu, um espirituoso gentil quando agraciado também passou a rir. E nossas gargalhadas, acredito que histéricas e medonhas, ecoaram por toda a noite.

29 de março de 2012

Nós humanos gostamos de nomear tudo que vemos e aquilo que não vemos.

Vento. Deus. Ódio. Amor. Devoção. Culto.

Diante de tal fato, não pude deixar de nomear aquilo que não precisava ser nomeado, mas minha escrita gostava de possuir como qualquer homem comum o seu próprio nome, disse que queria assim como eu um nome e sobrenome, além do fato de gostar muito de um apelido, “para os mais íntimos”, ele disse com aquele olhar de flerte que em momento algum pensei em contestar, ao contrário, eu retribuía, sempre iria retribuir o flerte com a escrita.

Kato Yoshida, ele se apresentou após pensar em um nome bastante comum, afinal, poderia ser todos e nenhum, qualquer um. Quando o chamei de Oni, devido aquela máscara que cobria o nariz, lembrei-me dos garotos que usavam tais faixas no rosto para serem notados e possuírem uma marca pessoal, ele achou engraçado e desde então se chama de Oni, parece ter gostado.

Oni me disse também que não pretendia con-

tinuar com aquela aparência grotesca da capa de um livro gore ruim, aquelas correntes todas começaram a sumir, lentamente, uma a uma suas amarras passaram a serem deixadas para trás como partes de uma personalidade excluídas em um longo romance ruim.

Nestes dias, escrevi dois romances, ele exigia e eu cumpria, e acredite, minha escrita estava impecável.

E estávamos apenas flertando ainda.

E deste flerte o fogo santo, nossa própria jyhads particular se iniciou.

Não como naquele besteiro de Tier, como mencionei, mas á moda da nossa justiça poética, meu amado passou a executar o meu desejo.

E os alvos de sua vingança foram aqueles cujo citavam seu sagrado nome em vão; os infames escritores incompetentes que apenas possuem a audácia de se julgarem importantes, os macacos falantes que aprenderam a montar frases unindo letras.

São um desrespeito, devem ser eliminados.

Como eu disse, um a um.

2 de abril de 2012

Ah, esses dias foram medonhos.

Oni está cada vez mais e mais palpável, há dois dias um vizinho chegou a vê-lo, próximo ao elevador e bateu a minha porta para confirmar se

o rapaz de cabelos castanhos que vestia roupas comuns, camisa preta e calças escuras pertencia ao meu apartamento. Podem imaginar o susto que tomei, mas confirmei chocado, ele era tão palpável que quando me mostrou no jornal da cidade sobre uma onda de desaparecimentos absurdos, somado com romances inacabados deixados para trás onde a vítima era torturada e morta, sugada para dentro da ficção, eu mal pude acreditar que aquilo estava acontecendo.

Oni, a Escrita, estava assassinando deliberadamente os que jamais cumpriram sua missão para com ele.

No início, minha moral social hipócrita sentiu medo e repúdio, mas quando ele chegou na noite de 1 de abril com o rosto coberto de sangue fresco e trazia consigo a cabeça de um dos escritores mais populares de Osaka em uma história cujo escreveu das entranhas do inútil, não pude mais me conter.

O flerte havia acabado, era hora de unirmos carne com carne, como a mais primitiva das criaturas.

Jamais fui um rapazinho melindroso quanto ao tão fatídico assunto do sexo, para mim, uma necessidade comum e banal, o contrário que o tabu de meu país acredita, mas não sou um homem regido por normas de um local em específico do planeta, pois minha maldição me permitiu ser de todos os lugares e nenhum se assim eu quiser.

Oni disse que passou pelos mais absurdos contos eróticos e morou nos contos do Marques de Sade, viveu nas linhas de Bocage com sua linguagem vulgar tão perfeita, frequentou os suspiros de Brida de Coelho, absorveu a luxúria do Kama Sutra, não, a escrita não possui freios quanto ao sexo, apesar de odiar quando empregado sem proporção.

O fugaz, o inútil, o sexo apenas sem razão nos irrita, irrita a ele também.

Preferimos respeitar as putas de Bukowski que as rameiras por trás da caneta que sequer se dão ao luxo de ao escreverem a pornografia, não se entregarem a ela com bom senso.

A Escrita anda de mãos acorrentadas com qualquer um que a queira, mas a queira muito e assim, se de a ela.

Quando o ritual humano de sexo sobre a mesa do escritorio deu inicio, foi a melhor experiência que já pude experimentar e não digo no sentido fálico, mas de modo que apenas quem é escritor e carrega a maldição pode compreender.

Já éramos amantes há muito tempo, apenas consagramos o matrimonio da forma bestial que minha aura humana poderia se deixar levar.

Não havia pudores ou empecilhos, sequer essas besteiras de papeis. Assim como eu o possui, ouvindo seus arfares risonhos ele me possuiu com toda a selvageria cega de Baudelaire, tal como a delicadeza da poesia de um haikai.

Sangue daquela vitima patética, suor, saliva e palavras unidas.

Quando os corpos físicos terminaram de se tocar, ainda podia sentir que agora mais que nunca éramos a mesma pessoa, bastando nos olhar poderíamos construir um reino inteiro, derruba-lo, ou simplesmente transar um com o outro.

Depois deste dia, Oni trouxe mais doze cabeças, eu ouvia nos jornais que as autoridades locais estavam completamente aturcidas com os crimes, muitas vezes, bárbaros mencionados nas páginas deixadas para trás...”

TRECHO DO LE MONDE abril/2012

“...uma onda de desaparecimentos está deixando a comunidade literária alerta. Pelo menos trinta casos confirmados de autores, tanto anônimos quanto renomados estão desaparecidos desde o fim de março. A onda de ataques começou no Japão, mas peritos apontam outros casos ao redor do mundo, dando indicio que pode ser um tipo de corrente espalhada através da internet.

Antropólogos estão chamando os crimes de o Efeito Misery, uma vez que os crimes, todos particularmente bizarros possuem as mesmas características; um autor some, porem, em sua casa é encontrado vestígios de uma carnificina, os corpos não são encontrados, mas até agora todo o DNA bate com as vitimas.

Além do crime, há paginas deixadas para trás, possivelmente do executor ou mandante, descrevendo o assassinato aos mínimos detalhes, falas entre assassino e vitima e um mesmo desfecho em comum que está assustando a população; todos são levados para dentro de um universo fictício para serem atormentados por suas próprias criações. Não há detalhes ainda sobre o suspeito ou suspeitos...”

Diário de Yamamoto Ren;

5 de abril de 2012

Estou gargalhando com as paginas que tenho lido, recentemente, não há outra forma mais de controlar os ataques de riso que tenho tido quando Oni trás uma ou outra página contendo o quão fracos esses autores superficiais podem ser.

Imagine, um deles, escrevia romances policiais, mas era tão mortalmente ignorante sobre o assunto que jamais havia pesquisado sobre o que escrevia, ficando chocado quando percebeu que um corpo não fica rijo imediatamente depois de morto, pobre coitado, precisou averiguar isto sentindo na própria pele.

Outro infeliz, somente conhecia um determinado assunto, ainda se fosse bom no que fazia, mas era medíocre, não soube o que responder ao meu amado quando lhe foi questionado antes de ser traqueado para o Outro Lado e partiu tão ignorante

quanto suas baboseiras que escrevia.

Um a um, uma a um estão sendo traguedos pela indignação da escrita, deixando neste mundo já medonho o suficiente apenas aqueles que compreendem a devoção que devemos ter com Ele.

Um punhado de anônimos competentes está com medo, é claro, mas para eles, apenas um abraço caloroso nas noites frias Oni pretende dar, não tenho ciúmes, há maldição para todos nós que nos sacrificamos, ao contrario do que pensam, eu fico feliz quando os encontro, os verdadeiramente apaixonados pelo mesmo homem que eu.

Para cada um, ele tem uma faceta, acredito, mesmo assim, não me importo em compartilhar...

12 de abril de 2012

Notei recentemente que agora Oni possui necessidades estranhamente humanas, passou a sentir fome e se alimentar de mais que palavras, agora consome alimentos enquanto eu apenas escrevo e o observo. Ontem a noite, quando sumiu de minha companhia, o encontrei deitado sobre a minha cama intocada, não sei mais o que é dormir há um mês, talvez, quando me aproximei e o vi de olhos fechados, ressonando baixinho e o toquei com a ponta dos dedos, percebi que dormia.

Eu não sabia que a escrita poderia dormir, acho que estamos invertendo os papeis...

Talvez eu esteja começando a desvaecer e

me tornando apenas um corpo oco, sem sangue, sem nada, apenas palavras e ele esteja adquirindo meu sangue e órgãos, como os vampiros de Rice. Não é uma sensação de toda desagradável, admito, mas não posso deixar de notar que as vezes corre um arrepio em minha espinha quando o pego me observando de longe, fumando meus cigarros que não fumo mais e usando as minhas roupas. Acho que até mesmo aquele louro sem cor que usava nos cabelos começou a escurecer lentamente, está começando a se tornar mais corado, já não usa aquela máscara em seu rosto, não sei... Acho que posso estar envolvido de mais, já não consigo me reconhecer mais no espelho. Eu sou Yamamoto Ren ou sou a escrita de um escritor chamado Kato Yoshida? Quem veio antes de quem?

20 de junho de 2012

Publiquei quatorze livros este ano, entre eles, cinco foram os mais vendidos e três terão adaptações no cinema, talvez por que os John Green esteja em falta estão colocando bons autores em destaque. Mesmo assim o publico parece negativo, como eu disse, lixo atrai lixo, não temos culpa, mas também não me incomoda tanto assim, meus leitores fieis e a minha escrita no momento é minha única preocupação, Oni está satisfeito comigo, então não há com o que se preocupar, não é?

Bem, pelo menos era o que eu gostaria muito

de acreditar, infelizmente não é mais a minha prioridade.

Recentemente percebi que não consigo mais levantar da poltrona a qual estou sentado há quanto tempo, meses, anos... Não faço ideia... Mas humanamente apesar de ser impossível, acabei percebendo que estou acorrentado a esta maldita móvel, em meu lugar Yoshida , — uso o nome mais formal dele quando estou irritado com ele e é exatamente o que sinto quando falo sobre isso, que Yoshida não me ouça — agora não faz nada além de ceifar vidas e cada dia ele fica mais e mais criativo, carnificina é algo brando para descrever os recentes cenários de chacina que tem feito, o grande problema disto tudo é que agora ele é tão real quanto qualquer pessoa, inclusive tem uma assinatura de revistas em seu nome. Está lendo aquela revista sensacionalista, a Ito Magazine, particularmente diz gostar da coluna do Tanabe, acho que num passado remoto concedi algumas entrevistas ao sujeito, Gore, talvez seja o nome da coluna, não posso me recordar. Yoshida gosta daquilo, diz que é a comédia do homem errado.

Eu posso estar sendo paranoico, mas acho que ele está me usando para habitar este mundo, me fazer ocupar seu lugar e executar sua vingança contra aqueles que o desrespeitaram, somando que está aproveitando os prazeres mundanos cujo apenas ouviu falar através das palavras de autores que

o evocam.

Oni está vivo, conhece todos os livros do mundo e está puto.

Não vejo outra forma de dizer isso.

Ele está puto com todo mundo e isso começou a me causar certo temor.

28 de junho de 2012

Foi nossa primeira briga. Eu me recuso a escrever mais, lhe disse;

— Estou exaustou! Pelo amor de Deus, já chega, você precisa me deixar em paz pelo menos por algum tempo!

Bastou para que me olhasse com aquela expressão anojada, me medindo de cima a baixo enquanto puxava um cigarro da minha cigarreira de prata, me fazendo perceber que estava acorrentado há quase meio ano sem nada além de palavras e sua atenção para me manter vivo, sequer um cigarro pude fumar, pois em meu lugar ele consumia tudo.

— E quem te disse que eu sou um hobby que você pode usar quando te dispõe? — ele perguntou secamente. — Quem te disse que quando se vendeu a mim iria ser divertido ou agradável, querido?

E me lançou aquele sorriso macabro, indicando as correntes que me prendiam a cadeira, mas percebi pela primeira vez que não, ele sempre segurou a ponta delas e com ele havia uma chave. A chave da minha liberdade.

— Se quiser que eu vá embora, basta dizer. — alertou tombando a cabeça para o lado para deixar a fumaça da nicotina ir embora, me olhando de esguelha. — Mas saiba que meu ego é frágil, vai me trocar pelo que? Comida? Cigarros? Putas? Você é minha puta, Ren, todos vocês são, é bom compreender isto ou ir se juntar aos fracassados que em breve vou visitar.

Pela primeira vez o encarei com ódio. Um ódio profundo e devastador.

Eu não poderia sobreviver sem Oni, pois Oni era a minha escrita e sem ele, eu me tornaria nada.

Estendi as mãos em direção ao teclado, percebendo o quanto parecia quase transparente quanto um papel de má qualidade, mas na tela, não via letras, mas a história, e naquele momento sabia que estávamos transando por metáforas outra vez e era prazeroso.

ESCREVA.

E eu escrevi.

2 de julho de 2012

Definitivamente isto tem que acabar, tem que acabar ou vou simplesmente desaparecer como qualquer um dos inúteis que ele ceifou. Ontem a noite o vi chegar com dois autores novatos, mas diz ele que os adora, falou sobre mim, embora bem diante dos três, acredito que os dois rapazes não me viram, mas o mais estranho que mesmo quando

olhava para as minhas mãos, as via tão translúcidas quanto possíveis. Eu estou desaparecendo completamente, sendo apagado deste mundo enquanto o desgraçado dá suas festas regadas a todo tipo de perversidade imaginável, eu já disse, ele é criativo.

Mesmo agora sem restar nada mais que apenas uma sombra, sinto que o ciúme está me corroendo enquanto o ouço no meu quarto incitando sei lá quem mais a escrever, os ouço rindo e suspirando, parece ser prazeroso, estão se sentindo importantes, mas eu me recuso terminantemente a escrever, embora esteja neste momento escrevendo, pois minha voz se foi.

Quem diria, finalmente as correntes do mal que eu criei me capturaram. Ironico, mas talvez, apenas o obvio. O que eu esperava para meu fim se a vida toda fui um louco amaldiçoado com essa escrita sempre amarga, sempre escavando o pior? Minha escrita há de ser uma entidade maligna, assim como eu sou. Talvez eu ame mais o homem tenebroso que criei que as palavras que o compõe em si, e talvez por isso, ah por isso que ele está me fazendo definhar em busca de algo que possa lhe fazer se apaixonar por mim outra vez.

Oni, minha escrita, é um ser bastante aborrecível, qualquer deslize ele se emburra. Está furioso comigo, eu sei que está e justamente por que acabei me apaixonando por suas correntes, a sensação da escrita, mas estou pouco ligando para o que aconte-

tece quando escrevo.

Fui irresponsável, me corrompi de dentro para fora, me corrompi a mim mesmo e agora, agora resta rir e talvez me perguntar se há espaço na minha galeria para um conto curto.

Acredito que ele já foi escrito, ou será que não? Acho que ele sempre esteve em minha mente, é a verdade, mas nunca o escrevi...

É hora de escrever então, Tier.”

Esta data foi a ultima anotação do escritor Yamamoto Ren em seu diário escrito a mão, obviamente dado ao estado que foi encontrado seu apartamento, o homem descrito por ele chamado Kato Yoshida de alcunha Oni foi procurado. A parte realmente bizarra, e hoje o nosso Gore não está nas vísceras, pelo menos não por enquanto, foi que os vizinhos confirmaram que sim, este homem foi visto durante todos os meses e até mesmo foi feito um retrato falado do sujeito.

Kato Yoshida existe, é um psicopata que de algum modo enlouqueceu Yamamoto ou todos estamos em um surto coletivo, depois dos fatídicos crimes que todos lemos nos jornais? Eu não gostaria de pensar que a escrita de alguém possa realmente se tornar real e ter um caso doentio com ela, mas e se fosse possível...

Não é a parte mais perturbadora do caso, não depois que conversei com Matsuoka Takashi, le-

gista cujo verificou o cadáver do escritor encontrado morto em seu apartamento no dia 8 de outubro.

O que aconteceu da data do diário em 2 de julho até outubro sempre será um mistério para nossa imaginação, mas o documento legal que eu mesmo em mãos recebi do legista não supera o fato daquilo que aconteceu.

Caso não saibam, eu vos direi, caro leitores da Gore.

O corpo encontrado acorrentado a uma cadeira em frente á mesa de carvalho do apartamento possui o DNA de Shiroyama, mas como explicar o fato que seu sangue e órgãos internos simplesmente haviam sumido de uma carcaça feita apenas de pele e cabelos? Não haviam cortes ou mesmo sangue, era como se apenas fosse tragado por si próprio, se auto consumido.

Em uma das piores hipóteses, deixado para trás neste mundo apenas uma roupa de pele e cabelos.

Como nos outros casos, a cena não era demoníaca com vísceras, mas talvez no contexto altamente perturbador, a escrita, ou como ele a chamou, o Oni, o consumiu até o fim.

Não há explicações para um corpo humano terminar daquela forma, sequer médicos conseguem compreender o que aconteceu.

E para vocês, o que acham? Acreditam que a ficção pitoresca de Yamamoto acabou por ganhar

vida enquanto ele a escrevia com seu próprio sangue, vísceras e carne, se tornando assim, digno de seu amado, Escrita ou acreditam que há uma verdade menos fantasiosa por trás?

Eu sinceramente não posso afirmar nada mais, mas seja lá qual for a segunda explicação, é tão Gore quanto a primeira.

Kai finalizou o artigo, olhando pensativo para a tela, gostaria de beber mais um pouco do caldo do misô, mas estava com o estomago embrulhado de mais para isto, optando então apenas estralar os lábios, chateado e tentar de algum modo dormir depois de algo tão perturbador.

Suspirou, salvando o documento e o enviando para o e-mail do editor da revista. Uruha iria ter um belo de um incomodo quando lesse aquela matéria com tantas provas e referências reais e não pudesse rir de sua cara lhe apontando como o “caçador de bruxas de mentira mais criativo do mês”.

Kai sorriu, mesmo que não tenha sido com vontade lúdica, mas com um movimento involuntário amargo e se ergueu, estendendo as costas doloridas devido ao tempo sentado, afagou os pulsos, castigados pelo teclado e andou pela sala pequena até o quarto onde acendeu as luzes, revelando o cômodo vazio, naturalmente vazio, é claro.

— Kai, Kai... Está ficando velho para historinhas de terror. — comentou rindo soprado e aba-

nando a cabeça negativamente com seu próprio comportamento ao erguer os cobertores e se aninhar na cama, deixando a luz do abajur apagada.

Fechou os olhos, ainda aturdido por todas aquelas horríveis informações.

Talvez seu público do Gore não gostasse de ler tanto, afinal, não estava detalhado a violência em si, embora para Kai aquela história toda fosse muito mais assustadora que qualquer desmembramento ou sangria.

Sentiu sobre a perna um toque suave que o fez puxar o tornozelo, franzindo o cenho entre o sono, quando o sentiu novamente sobressaltou-se mirando os pés da cama onde naturalmente esperava ver apenas a parede azul que lá estaria, mas em vez disso, um louro abanando uma corrente no ar com um sorriso que beirava de lascivo para o completamente interessado em um flerte.

— E então, Kai-chan... — ele anunciou com a voz grave e risonha, fazendo o ar dos pulmões de Kai quase romperem ao engolir um grito. — Vamos escrever mais um pouco hoje, não vamos?

CHEIRO DE CARNE PODRE

Claudia teve um bom dia no ateliê. A escultura com a qual tanto tempo brigava para dar forma, estava progredindo. Sentia-se leve, feliz, pela primeira vez desde o divórcio. Estacionou o carro na garagem, livrando-se do casaco pesado e pendurando-o no armário da ante-sala. Subiu as escadas chamando pelos filhos, essa hora já estariam em casa. Ninguém respondeu. Estranhou a princípio, mas se lembrou que a escola promovia um campeonato de handebol e naquela tarde voltariam de carona com a mãe de uma das colegas de Diana. Passou pelo corredor, onde ficava um aparador com as fotografias de família. No centro ficava um porta-retrato de prata, com a foto de Diana e Eric. A garota abraçava o irmão caçula por trás, inclinando o rosto junto do dele. Tinham nove anos de diferença, mas era impressionante como se davam bem. De fato, a filha fora seu grande porto seguro nos últimos meses, quando o marido resolvera, de um dia para outro, deixar a família. Logo desco-

briu a razão e, claro, era outra mulher. Desde então o aparador não tinha mais fotografias dele e tudo fora substituído apenas com imagens das crianças.

Foi até o quarto e livrou-se do restante das roupas, entrando no chuveiro. A água quente era reconfortante. Deixou que caíssem sobre as costas, os jatos massageando levemente sua pele. Ouviu a porta da frente se abrir e passos no assoalho. Ficou ainda mais uns minutos com a cabeça sob o chuveiro, curtindo aquele momento de solidão, pois logo estaria cheia de afazeres, cuidar do jantar, ajudar nas tarefas de escola, ouvir as reclamações de sempre... Sorriu, fechando o registro do chuveiro. Colocou o roupão branco e felpudo, enrolou uma toalha nos cabelos para que não pingassem pelo chão.

— Diana? Eric?

Não houve respostas. Franziu o cenho, intrigada. Virou-se para a cômoda, abrindo a gaveta das calcinhas. Escolheu a peça aleatoriamente. Quando se voltou para a cama, havia alguém na porta. Não um de seus filhos, mas um homem, vestido com calça e blusa pretas, luvas e um capuz cobrindo todo o rosto. Soltou a calcinha que segurava e levou a mão à boca, contendo o grito.

— Fique quieta. Fique quieta e nada vai te acontecer.

A voz era modificada por um sintetizador que ele levava à boca, toda a vez que dizia algo.

Claudia sentiu o sangue gelar. O homem ficou dois segundos avaliando-a, depois fez um gesto com a mão, chamando alguém no corredor. Então outro homem, igualmente vestido entrou pelo quarto, arrastando Diana pelo pescoço. Sua filha estava apavorada, chorando.

— Não! Não a machuque!

O líder do grupo levou o dedo indicador à boca, indicando que ficasse em silêncio. Engoliu em seco. Diana foi empurrada em sua direção e logo depois Eric foi levado para o quarto, sendo entregue à mãe. O menino estava em choque, pálido, com os olhos arregalados. Claudia envolveu os filhos com os braços, segurando o quanto podia as lágrimas. Seu corpo todo tremia de pavor. O líder andou na direção deles, contornando a cama. Agachou-se e inclinou a cabeça de lado. Levou o sintetizador à boca.

— Onde está o cofre?

Claudia levou alguns segundos para raciocinar. Levou um tapa violento no rosto, sentiu todo o lado direito de sua cabeça latejar. Diana gritou e também levou um tapa.

— Vou repetir. Onde está o cofre?

— Dentro do closet... Na primeira prateleira debaixo, à esquerda – apontou com o dedo trêmulo.

O segundo homem foi até o closet e ouviu-o atirando as caixas que encobriam o cofre no chão.

O líder se levantou.

— A senha.

Claudia falou, esforçando-se para ficar calma e lembrar a combinação. Suspirou aliviada quando ouviu o clique e a porta de ferro sendo aberta. O pesadelo estava no fim. Abraçou os filhos com mais força. O cofre foi esvaziado, havia pelo menos 1 milhão de reais entre joias, dólares e euros ali. O líder caminhou calmamente até ela. Agachou-se novamente e ficou a encarando por um tempo. Um dos homens o chamou, apressando-o. Levou o sintetizador à boca.

— Você se comportou. Afinal, não é uma piranha histérica, não é?

Ao erguer o punho para usar o aparelho, a manga da blusa escorregou um pouco. Claudia reconheceu parte do desenho de uma ouroboros, a serpente que devora a própria cauda e que significa o ciclo de evolução. Um desenho intricado e belo. Um desenho que ela própria fez, a pedido do cunhado, que queria uma nova tatuagem, cinco anos atrás. Foi apenas uma fração de segundo. Seus olhos fixando-se no punho dele, o suficiente para que ele visse o suor brotar em sua testa escorrer por seu rosto. Apenas uma fração de segundo para que ele percebesse que seu segredo fora revelado. E apenas um segundo para que ele erguesse a Glock automática e apertar o gatilho. Depois tudo foi escurecido.

Claudia acordou do coma três meses depois. Fora um verdadeiro milagre, disseram. No princípio tudo era confuso, não conseguia se lembrar de nada. Flashes desconexos, imagens turvas dançavam em seu cérebro.

-Meus filhos! Onde estão meus filhos?

Mortos. Mortos com tiros na cabeça, assim como ela. Mas tinha sobrevivido, contrariando qualquer expectativa médica, e agora precisava encarar a realidade de que não tinha mais família. Depois do choque inicial, disse que o líder do grupo era o cunhado, irmão de seu ex-marido. E com seu testemunho, o caso deu uma reviravolta. Na TV e na internet as manchetes deleitavam-se com o caso revigorado pelos novos fatos. Eram da classe média alta, de uma família de empresários e artistas. Logo o cunhado viu-se cercado pela polícia e confessou que roubou a ex-cunhada pois sabia do cofre. Decidiu matá-la e aos sobrinhos quando foi reconhecido. O espetáculo midiático estendeu-se por meses, durante o julgamento. Claudia viu-o sendo condenado. Mas também viu que sua fama o transformou em uma espécie de celebridade. Na prisão, ganhou proteção por ser um réu famoso e jurado de morte pelos outros detentos. Dava entrevistas. Dizia que estava arrependido e que tinha de pagar uma dívida de drogas. Pedia perdão, com seu sorriso de bom garoto. Claudia assistia a tudo no quarto do apartamento de sua mãe, andando de

um lado para outro, com o cigarro na mão. Depois de um ano, ele continuava como uma celebridade e os jornais noticiavam que recebia cartas de fãs, de mulheres que queriam se casar com ele. Viu o ex-marido se recuperar com sua nova esposa e um casal de gêmeos. Enquanto sua vida mergulhava na escuridão, via quem a destruiu seguir relativamente bem. Então tomou a decisão.

Matriculou-se em cursos de tiro, de Krav Maga e de auxiliar de enfermagem. Vendeu a antiga casa e comprou um sítio isolado, onde o vizinho mais próximo ficava a três quilômetros. Pacientemente acompanhou todas as notícias, enquanto se correspondia com o ex-cunhado usando uma identidade falsa. Contratou uma prostituta para visitá-lo nos fins de semana, tomando o cuidado de a treinar para repetir a mesma história que continha nas cartas. Três anos depois, ele pode enfim usufruir do direito a uma saída do Dia das Mães, por bom comportamento. No carro, esperava a noiva que achava que tinha. Mas ao entrar no veículo, estava Claudia. Com uma arma na cabeça, o fez guiar o carro até o sítio. Lá, o levou para um porão com isolamento acústico e o acorrentou rente à parede, com as mãos para trás.

— Se eu não aparecer em dois dias, vão me procurar.

Claudia agachou-se ao seu lado, exatamente como ele fez, anos atrás.

— Então é melhor nos apressar, não é mesmo?

Começou com as orelhas. Com o bisturi as retirou rapidamente, enquanto ele gritava de dor. Depois pegou o alicate e arrancou os dentes até os molares. Ele desmaiou no meio do processo, mas o reanimou com um balde água gelada.

— Se você não estiver consciente, não tem graça.

Ele implorou para que parasse. Mas imobilizou sua cabeça, ignorando o sangue que escorria pelo queixo e pingava no chão. Levou o bisturi à altura do nariz e sentiu a urina inundar o chão. Cortou o nariz com paciência, embora ele se debatesse fortemente. Ao terminar, empurrou com a ponta da bota os restos ensanguentados do nariz e das orelhas. Foi até o braseiro que ficava do outro lado e retirou uma barra de ferro com a ponta incandescente.

— Agora vamos ver se você é um filho da puta histérico, não é mesmo?

Ele era.

Foram muitos dias de trabalho. A cada pedaço cortado, a cauterização vinha em seguida para evitar a infecção. Mesmo assim teve de aplicar antibióticos injetáveis e empurrar comida pastosa goela abaixo, quando ele se recusou a comer, para apressar a morte. A cada parte decepada, Claudia

deixava ao seu lado, para que a podridão de seu próprio corpo lhe fizesse companhia. Dez dias depois, ele era apenas um arremedo de gente. Apenas a corrente em volta do pescoço era necessária, já que dos braços e pernas pouco sobraram. O cheiro da carne podre deixava o quarto nauseante. Mas para Claudia era um deleite entrar em ver os vermes se deliciarem com os restos do ex-cunhado, com as feridas abertas.

Sua língua já havia sido arrancada, assim como seu olho direito fora vazado. Então quando se aproximou, ele se encolheu chorando, incapaz de emitir mais do que grunhidos, levando os tocos para cima, na tentativa vã de proteger o único olho que lhe restava. Claudia o observou por um tempo, vendo as lágrimas rolaem pela face machucada, magra, quase inumana.

— Você se arrependeu?

Ele tentou gritar, mas o que saiu foi um uivo rouco. Balançou a cabeça histericamente, fazendo que sim. Daqueles sons grotescos reconheceu a frase “pelo amor de Deus”. Claudia meneou a cabeça, afirmativamente. Ele relaxou, aceitando a morte como um presente.

— Eu o perdoo por ter atirado na minha cabeça. Mas agora vamos à punição por ter matado meus filhos.

Seu olho bom arregalou-se, apavorado. Ela sorriu, com prazer.

— E claro, para isso, não terá perdão.

Foram preciso muitos antibióticos, anti-inflamatórios, antitérmicos e até um desfibrilador. Mas a verdade é que ele não aguentaria mais tempo. Claudia ponderou por um momento, enquanto ele murmurava palavras desconexas. Será que ainda podia raciocinar? Depois que retirou pedaços de pele aqui e ali, caiu em um torpor, não mais reagia. Era chegada a hora. Trouxe a máscara contra a fumaça e colocou sobre seu rosto. Estava pegajoso e exalava um cheiro horrível. Livrou-o da corrente no pescoço e o deitou no meio do cômodo, não se importando com os pedaços de ossos e o resto de carne pútrida. Foi até o braseiro e atçou as chamas. Espalhou fogo pelos cantos enquanto a fumaça tomava o teto do quartinho. Ele começou a se debater. Claudia sorriu, afinal ele tinha ainda um fiapo de consciência. Com a máscara, ele não desmaiaria inalando a fumaça. Veria o fogo chegar. Sentiria as chamas o assarem por completo. Ela fechou a porta e foi para o carro. O sítio estava nome de um laranja. Logo o fogo consumiria tudo ali. Pegou seu bloco de notas, olhando para o nome dos dois outros homens que invadiram sua casa e que estavam presos também. Sorriu, deliciada com o futuro que a esperava.

MICRO HORRORES

Todas as noites ela sonhava que morria. Acordava assustada, rezando para que essa sua agonia tivesse fim. Até que um dia deixou de sonhar – e não mais acordou.

Ao segurar a carta, seu coração disparou. Era a primeira vez que ele respondia. A guerra acabara havia décadas.

Vovô passou a dormir de meias, depois de lhe pegarem no pé aquelas mãos frias.

Acordou com cócegas nos pés. Entrou na brincadeira. E foram subindo, passando pelas canelas, joelhos e coxas. Na altura do umbigo, tirou a venda de dormir. Foi quando as aranhas a cobriram.

O medo congelante do pai começou quando que ele tirou as calças depois da cinta.

Do enorme caixote de marionetes, mamãe toda noite arrancava uma estória. Eu poderia jurar que os ossos eram de verdade.

O menino reinava obtuso sobre as diversas criaturinhas habitantes do amplo quintal. Passava horas a observá-las. Dava-lhes de comer e em seguida as esmagava. Os anos se passaram e ele teve de se mudar com os pais para um limitado espaço num condomínio. Agora, do vigésimo andar, observa os passantes: “Oba, formiguinhas!”.

Começou com enjoos. Depois veio a ansiedade e, por fim, as dores. Nove meses lhe dera o diagnóstico. Nove meses era tudo o que tinha. Logo, seu câncer não tinha mais jeito.

As últimas feridas nem haviam cicatrizado, quando bateu a nostalgia... Voltou atrás e o perdeu. Foi a última vez.

O clique do caixão sendo lacrado foi a última coisa que ouviu ao acordar.

E SE FOSSE SUA FILHA

Creuzinete subiu as escadas da Catedral de Santa Águeda quase correndo. Era magrinha, morena, devia ter uns quarenta e nove anos. Desde os quatro anos que morava ali em Pesqueira. Era muito conhecida. Já cozinhou até para o bispo.

Naquela manhã vestia uma calça jeans bem desbotada e uma camisa manchada com água sanitária. Nem penteou os cabelos. Precisava ver Santa Águeda. Rezar para ela. Pedir proteção.

Quando saiu da delegacia se sentiu humilhada e angustiada. Nunca pensou que iria passar por esse problema. Cilene, sua filha de 15 anos, estava sumida fazia vinte e quatro horas. Ninguém sabia onde o diacho daquela menina estava.

Ajoelhou-se diante da imagem de Santa Águeda e começou a chorar. Chorou alo. Desesperada. Era sua única filha, meu Deus! O que estava acontecendo?

Fechou os olhos. Lembrou-se da adolescente. Ultimamente estava bebendo muito. Será porque

nunca tivera um pai? Será que a ausência paterna estava atrapalhando, pelo resto e sua vida, a sua juventude, a sua gana de viver?

O pai era Severino. Estava preso em Cabrobó. Assassinou uma mulher por causa de uma lata de sardinha. Na verdade, Severino, o negro, foi preso porque passava fome. A dona do supermercado foi inventar de pegar de volta a sardinha e só deu para ela. Morreu esfaqueada. Severino queria matar ninguém não. Era gente boa. Só estava desempregado e com fome.

“Querida Santa Águeda, traz de volta a minha filha. Só te peço isso. Ela, apesar da antipatia, é um tesouro que Deus colocou na minha vida. Desculpa se eu não fui uma boa mãe. Desculpa se eu não correspondi...”.

O delegado lhe tratou tão mal. Nem deu importância. Mesmo assim conseguiu fazer o Boletim de Ocorrência. Agora era rezar. Pedir a Santa Águeda para interceder para que a filha aparecesse.

Não tinha Severino para acalantar e sofrer juntos. Não tinha o marido para abraçar e derramar as lágrimas. Não tinha marido. Um preso não é nada. Não é visto pela sociedade. Severino não era nada para a sociedade. Para ela, Creuzinete, era tudo. Era seu amor, o pai de sua filha. Ele estava preso por fome. Matou sem querer. Meu Deus, como era ruim ser pobre!

Depois de meia hora conseguiu para de cho-

rar. Enxugou as lágrimas. Precisava falar com Marília.

— Marília não está! — respondeu Odete, a negra gorda, com bastante antipatia. Nem abriu a porta. Da janela mesmo despachou.

Creuzinete quase chorando:

— Cilene está desaparecida. Já completou vinte e quatro horas. Estou desesperada. Marília é muito amiga. Pode saber de alguma coisa. Preciso falar com ela.

— Já disse que não está. Estou ocupada. Minhas panelas estão no fogo. João chega daqui a pouco para almoçar. — E fechou a janela, mas ainda deu tempo para ouvir: “E se fosse sua filha?”.

Em seguida o delegado apareceu na sua casa. Estava pálido, mas decidido. Iria dá um dinheirinho à família, mas Marília precisaria sair da cidade. Precisava desaparecer.

Aquela “sugestão” fez Marília ficar com medo. Medo de morrer. O que ele queria expressar sobre desaparecer?

Quando o delegado se retirou, eles conversaram muito. Até de madrugada. João, o pai, homem bom e negro, amava muito Marília. Incomodou-se com o verbo desaparecer. Parecia uma ameaça.

Entre o medo, Marília lembrou-se do riso de Cilene e sua expressão: “Ele é um homem tão boni-

to!”. Estava apaixonadíssima.

— Eu não quero Creuzinete lhe procurando, filha. Ela ainda vai lhe comprometer. Saia de perto dela. — disse Odete aflita.

Foi aí que João teve a ideia. Marília devia passar um tempo em São Paulo com os primos. Talvez arrumar uma casa de família para trabalhar. Ele iria pedir ao delegado o dinheiro da passagem e alguma coisa para lanchar no meio do caminho.

— É do interesse dele que você desapareça, não é minha filha?

Imediatamente o delegado entregou o dinheiro ao pai. Ele mesmo comprou as passagens. Queria Marília longe daquela história.

Agora estava ali chorando. Vendo aquele transporte lhe afastar de sua terra, sua casa, sua família. Marília chorou alto e muito dentro daquele ônibus. Nunca pensou em viajar para São Paulo. Muito menos em morar na capital paulista. Tinha alguns primos lá, mas fazia muito tempo que tinha notícias dele. Sabia que eles moravam numa favela.

O pai estava com ela no ônibus. Não dizia nada. Não fez nenhuma pergunta. Silencioso, mas sabia de tudo. Por diversas vezes rezava o terço, dedicava a Santa Águeda.

Marília era morena, gordinha, também tinha quinze anos. Nunca namorou. Nunca beijou. Contava tudo a Cilene.

Ah, Cilene doidinha, sem juízo, amiga, irmã,

gente boa! Que vontade de contar para tudo mundo que Cilene foi assassinada pelo delegado. Que vontade! Não podia. Tinha prometido a mãe. Até quando, meu Deus, guardaria aquele segredo?

Desde que descobriu que estava grávida do delegado que sua vida virou um inferno. Primeiro ele queria que ela abortasse. Cilene resistiu. Disse que não tinha coragem de assassinar aquele serzinho que estava no ventre.

Delegado não gostou. Não queria assumir a paternidade. Não queria que seu nome circulasse pela cidade como adúltero. Além do mais, Cilene era menor de idade. Era por isso que ultimamente a amiga estava bebendo cada vez mais.

— Marília não está? — foi à resposta da mãe.

Estava sim. Ouviu quando Creuzinete a procurou. Estava em casa sim. Escondida dentro do quarto.

— Estou desesperada! — ouviu a voz chorosa da mãe de Cilene. E para completar: E se fosse sua filha?

A pergunta de Creuzinete incomodou. Passou à tarde mal. Nem conseguiu se concentrar na renda renascença. Chorou. Pediu a padroeira da cidade de Pesqueira serenidade para superar todas as dificuldades. Creuzinete não merecia aquele sofrimento.

O delegado coçou a cabeça. Aquela mulher

magrinha lhe incomodava. Maldita Cilene! Por que diacho tinha que aparecer na sua vida? Agora estava naquele inferno. Maldita!

O delegado era um homem bonito. Ainda moço, bigodudo, paquerado, cabelos lisos. Gostava de camisa xadrez e botas. Era considerado charmoso.

Conheceu Cilene fazia pouco tempo. A danada era bonita. Ainda lembrava-se da festa de Santa Águeda.

Não podia continuar com aquela história. Não podia deixar Creuzinete lhe incomodar naquele estabelecimento. Afinal, ele era o delegado, o homem mais forte da cidade. Tinha um nome a zelar. Era preciso acabar com aquela situação, mesmo que terminasse em alguma morte.

Fechou os olhos. Lembrou-se da adolescente bêbada e nua na cama do motel. Cilene linda da gota serena. Cilene dos mil pecados. Cilene gostosa. Perdeu a conta das vezes que a levou para o motel.

Cilene perdera a virgindade com ele. Era o seu senhor. Mas, naquele dia precisava assassinar a adolescente, livrar-se daquela história. Depois do Motel a levou para uma estrada deserta.

Cilene chorou silenciosamente. Sabia que ia ser assassinada. Fez um único pedido:

— Diga à mãe que eu sempre a amei. E peça desculpas pela filha ingrata que fui.

Deu três tiros. Ainda encontrou forças para

enterrar o corpo.

Chegou a casa, tomou banho e foi para a missa. Era devoto de Santa Águeda.

CVOS

— Bom dia James, vamos começar nossa sessão de hoje? Se assente e conte como foi sua semana. Correu tudo bem?

— Bem doutora, devo dizer que foi um pouco mais complicado do que esperava. — olha para baixo, cerrando os punhos e visivelmente nervoso. — As coisas ruins voltaram.

— Você diz dos pesadelos?

— Não sei bem suas denominações, mas são terríveis.

“Esses dias estava saindo para trabalhar, fazendo o caminho que normalmente percorro, com fones no ouvido e escutando música, para tentar animar mais o ritmo. Na primeira esquina, deparei-me com um cachorro de porte médio, chorando muito, preso por uma corda em um poste qualquer da rua. Ao seu lado, havia um homem — que não me recordo suas feições — deixando um pote de água ao seu lado. Visivelmente ele estava o abandonando. Corri até o local e comecei a discutir com o mes-

mo, totalmente sentido pelo pobre animal que iria ficar desamparado. O homem era mais forte e mais alto do que eu, e, então, me deu um soco e pegou a corda, colocando o cachorro no carro em frente, que provavelmente eles vieram. Com certeza iria para outro lugar deixar o bicho sem ser incomodado. Fiquei tão desnorteado com a agressão que não tive reação e caí ao solo. Quando consegui levantar, a rua estava vazia novamente e eu com o nariz sangrando, tonto. Retomei o percurso, atônito, e, instantes depois, avistei um grupo incomodando um mendigo que estava deitado em suas coisas, quieto no seu canto e nervoso de medo. Eram três rapazes com pedaços de pau, cercando-o e preparando-se para bater nele. Fiquei atormentado, porém, não poderia chegar perto sem ser violentado pelos homens: três contra um e armados. Senti-me impotente e triste por não poder agir. Em seguida, mais a frente, presenciei um movimento em torno do semáforo, pois, alguém havia sido atropelado por algum bêbado – de acordo com murmúrios de populares – e que fugiu sem prestar socorros, ainda deixando seu veículo no caminho, saindo a pé da cena. Aparentemente a vítima não aguentou o trauma e faleceu. Tentei não olhar, mas acabei aproximando-me por demais e consegui apenas ver seu corpo ensanguentado e com a cabeça abaixo do carro, talvez até dilacerada.”

— Nossa, James. Isso é uma verdadeira tragé-

dia. Honestamente, nem sei o que lhe dizer. Sei que é meu papel lhe dar respostas além de perguntas, contudo, estou perplexa diante de tanta maldade em apenas um deslocamento para seu ambiente de trabalho.

— Sim, eu sei. Acho que não há o que ser dito. Apenas que a humanidade é mais cruel do que os monstros dos filmes de terror. É uma humanidade sem humanidade, sem compaixão.

— Com certeza James, com certeza. Creio que a crueldade dos homens é o pior deste planeta. Veja quanta desgraça em apenas minutos de distância de sua casa!

— Não apenas por onde passei, mas em um modo geral. Acompanho em noticiários casos de racismo, homofobia, gordofobia, misoginia, crimes passionais, atentados contra os mais fracos, posicionamento político a favor da elite heteronormativa cis e branca, pessoas querendo armamento, gente sendo presa sem provas e liberdade para os verdadeiros bandidos. Isso tudo em que estamos vivendo é o caos.

— Como você se sente em relação a tudo James?

— Cheguei à conclusão de que estes fatos cotidianos são os que motivam meus pesadelos todas as noites. Os momentos de tensão que vivo em meu sono são o reflexo de uma sociedade agressiva e que perpetua a maldade dos seres. Os verdadei-

ros pesadelos doutora, são os que vivencio de olhos abertos e ciente de tudo.

— Essa é uma reflexão bastante interessante. Estamos progredindo em relação ao entendimento quanto aos seus problemas para dormir.

— Sim, doutora. Creio que sim. Talvez a sensibilidade com que lido diante da desgraça afete toda a existência em que me encontro. E, nas noites, isto reflita como um modo de escape da violência urbana e desenfreada, com os sonhos de fantasmas, serial killers e outros.

— Infelizmente James, da realidade não temos como fugir. Por mais que tentemos, a vida nos obriga a encarar face a face todo o mal estar que está sendo infiltrado em nós.

— Na verdade doutora, refletindo sobre tudo, eu percebi sim que há um modo de fugir verdadeiramente de tudo. Prefiro viver em um mundo de terror fictício dia após dia, lidando com tudo quanto é tipo de desespero do que permanecer nesta existência miserável de não poder agir contra o que é errado.

— E como faria isso James?

James levanta-se, abre a mochila que estava ao seu lado todo o tempo, saca uma arma, aponta para sua cabeça.

— Em um mundo sem sonhos doutora. Boa noite. — e puxa o gatilho.

A MANSÃO DOS LEMOS

O submundo na existência dos homens sempre foi intemporal.

(1948)

A mansão dos Lemos ergue-se, imponentemente, por detrás de um muro pojado de heras ao longo da estrada empedrada. A contornar a esquina da rua, um portão muito alto, enferrujado pela chuva e pelo tempo, ostenta uma coruja de bronze cujos olhos da cor do sangue cintilam na escuridão da noite.

Nas traseiras da mansão, por entre o arvoredo cerrado, esconde-se o lúgubre casebre de Manuel e Deolinda – os caseiros.

O homem é pedreiro e ganha uma miséria – uma ínfima parte do sustento da família. A mulher trabalha na lavoura com a ajuda das duas filhas menores.

Todas as manhãs, mal o sol se espreguiça no cume das serranias circundantes, Manuel sobe os socalcos da Colina dos Mártires, em direção ao

povoado.

Deolinda e as miúdas, faça chuva ou faça sol, entre outros afazeres da quinta, sacham a terra e apanham a fruta do pomar. Por volta do meio dia, comem uma misturada de feijão ou de castanhas com couve, à sombra das macieiras.

... No pino do verão, mãe e filhas regressam ao casebre alumiadas pelo lusco fusco. Trazem os rostos afogueados pelo calor ardente.

Nas tardes de inverno, regressam quando a geada começa a colorir as couves de branco acetinado. Trazem o rosto arroxeadado pelo frio e as mãos gretadas pela enxada.

Nas noites mais frias, acendem a lareira com lenha verde, antes do pai chegar. A cozinha enche-se de fumo muito denso, deixando-lhes os olhos lacrimejantes e avermelhados, mas é a única forma de manter o ambiente quente.

O jantar consiste, invariavelmente, em batatas com feijão ou papas com farinha de milho. O pai tem direito a uma pequena posta de bacalhau ou uma fêvera de porco.

As duas miúdas estendem uma manta no chão e colocam ao centro, um prato, duas colheres e um jarrão cheio de água. Em cima da masseira, dispõem dois pratos para o pai e para a mãe, acompanhados de garfo e faca e dois copos de vinho. Depois aconchegam-se junto das saias da mãe, à espera do pai.

O canto frio e triste dos mochos que habitam os pinheirais, chega-lhes à cozinha, por entre as frinchas apodrecidas das janelas.

Por fim, ouvem-se passos pesados a subir os degraus da cozinha. O pai entra com o olhar embaciado. Tresanda a suor e a vinho e traz as calças sujas de cimento e de poeira.

Dá-se início à refeição.

O estômago abre as comportas da fome e não é fácil comer com boas maneiras, de joelhos no chão ou sentadas à chinês. As colheres movem-se sofregamente do prato para a boca e da boca para o prato. Se uma das raparigas se inclina para a frente, a outra puxa— — a para trás. Às tantas, a completar a apoteose do desassossego e das recriminações entre ambas, uma queixa-se que não há mais feijão.

O pai pousa as pupilas trémulas no prato vazio e dá um murro na masseira. A revolta cresce-lhe no peito e o álcool atordoa-lhe o cérebro.

— É esta a educação que lhes dás e depois eu é que sou bruto? — berra ele, olhos postos na mulher, à procura de um pretexto para lhe cuspir a raiva que sente no peito.

Segue-se uma troca de palavras azedas entre marido e mulher, e Manuel crava-lhe as garras no corpo, retorcendo-lhe os braços com brutidão.

As miúdas dirigem -se em bicos de pés para uma saleta que lhes serve de abrigo.

Esticam os sacos de trigo no chão a fazer de

lençóis e enrolam-se neles, quedas e mudas, cada uma a sonhar o seu próprio sonho.

A mãe refugia-se no quarto, com o coração amargurado e os olhos rasos de água.

Os mochos compadecidos, entoam um canto fúnebre num longe, que parece ali tão perto.

Manuel humedece o rancor sentado no banco da cozinha e bebe mais um copo de vinho. Fica ali, uns minutos, a remoer ensimesmado. Depois dirige-se, meio trôpego, à única cama da casa.

— Ó mulher, tu sabes que gosto de ti – e enfia-lhe o sexo hirto nas entranhas.

Com o escoar do tempo, as nódoas negras dos braços de Deolinda vão dando lugar aos olhos pisados, ao inchaço dos lábios e ao sangue a escorrer das narinas.

...Ela mete-se na cama, fingindo-se adormecida. O negrume das suas pálpebras cerradas são o espelho das trevas da alma, logo que o marido encosta o seu corpo suado ao seu ventre cansado. As palavras dele, durante o sexo, zumbem-lhe nos ouvidos como alfinetadas amaldiçoadas de Belzebu.

O anfitrião da mansão, em idade avançada, adoeceu, vendo-se obrigado a delegar a vistoria dos trabalhos da lavoura em seu filho.

Dom António desce as escadas de granito nas suas botas de cano alto, que o tornam ainda mais esguio, e dirige-se calmamente ao pomar,

porque tem os pés no chão, mas a cabeça num livro de poemas que deixou aberto no sótão, ao sabor dos morcegos.

Ao aproximar-se do campo, repara numa mulher e duas miúdas inclinadas sobre a terra. Por breves momentos, vê os braços escanzelados das crianças e apressa o passo como se o facto de reparar da vida dos pobres fosse um ato ilícito.

As trabalhadoras não se apercebem dos seus passos.

Dom António segue em direção ao portão de ferro e levanta os olhos do chão. A coruja fita-o com os seus olhos penetrantes. Parece instigá-lo:” Vai lá!. Ele hesita, mas arrepia caminho. Não resiste à tentação de ler a vida nos olhos dos pobres.

Aproxima-se de Deolinda. Ela tem um poema tão triste no olhar que lhe flagela a alma.

Na tarde seguinte e nas outras que se seguiram, Dom António assume o posto de comando, na herdade. Manda as miúdas à fonte buscar bilhas de água para que se possam refrescar e ordena-lhes que regressem a casa, antes da mãe. Afinal, são crianças e têm que brincar.

Ao fundo do pomar, cresce uma figueira perfumada, sobranceira ao regato cujas águas cristalinas murmuram promessas de amor.

No meio dos murmúrios e do cheiro doce dos figos, Dom António solta as tranças de Deo-

linda e afaga-lhe os longos cabelos acobreados pelo sol. Ela não desvia o olhar da enxada, mas o seu corpo tem o cheiro intenso das flores silvestres que brotam da terra.

Há ali tanta carência de amor!

De olhos fechados e pisados, ela fica inebriada com a fragância de láudano que emana do peito desnudado de Dom António. Ele desabotoa a camisa para sentir a brisa do vento e queda-se a adivinhar, em silêncio, as estrelas negras dos olhos dela.

Deolinda passa a esperá-lo todas as tardes para se deixar estremecer no peito dele e apagar da memória o sofrimento, ainda que por instantes.

A paixão, espiada pelos olhos da coruja, é reconhecida no verde esperançoso do musgo, no brilho dos líquenes que revestem o tronco da figueira, mas também no choro dos corvos que, no silêncio da madrugada, se abeiram do telhado do casebre.

Um dia, ressoou um golpe terrível na porta da cozinha, e Manuel entra tresloucado. Traz no olhar a ferocidade de uma besta.

Deolinda entra logo a seguir com o cabelo em desalinho pelo medo e pelo vento.

— Suas desavergonhadas! A brincar em vez de trabalhar! — berra o marido.

A mãe quer interferir em defesa das suas

filhinhas, mas a besta monstruosa desfere-lhe um golpe violento na nuca, arremessando-a para o chão. As crianças têm ímpetos de proteger a mãe com os seus corpos franzinos, mas não vão a tempo.

A mãe ergue-se num ápice, salta pela janela e foge como gazela alvoroçada pelos campos fora.

Dom António sente a alma preguiçosa após a ardente paixão com que costuma possuir Deolinda. Abre as portadas da janela do quarto naquele entardecer plácido e morno e repousa o olhar lascivo, na profundidade do céu sereno, quando o seu enlevo amoroso é desviado por um restolhar estranho no meio do campo.

Os morcegos, vestidos de negro, abandonam o sótão da mansão num voo repentino em direção ao casebre. Penduram-se na chaminé e ficam-se suspensos, numa nuvem escura, agoirenta. Dom António fica com a respiração suspensa.

Sai a correr e acelera o passo em direção ao casebre. Chega ofegante, mas recupera rapidamente a serenidade que lhe é peculiar.

Eu dou-te cabo do sebo! — ronca Manuel, lá dentro, pensando que é a mulher quem sobe as escadas, arrependida por ter fugido.

— Abra, que sou o dono da quinta!

Uma das filhas destranca a maçaneta da porta a mando do pai, e cumprimentam filho do patrão com a reverência habitual.

— Senhor Manuel, não me vou alongar muito, mas é meu dever avisá-lo que se voltar a bater nas suas filhas ou na sua esposa, serei obrigado a expulsá-lo das terras de meu pai. Não queremos violência por aqui.

Manuel fica vermelho de raiva, o sangue sobe-lhe à cabeça, mas mete as mãos nos bolsos para controlar o impulso de o atirar contra a parede. Sem esperar resposta, Dom António, sai, fechando a porta atrás de si. O outro engole em seco, encolhido como um rato. Sente um murro no estômago de cortar a respiração.

Minutos depois, Deolinda volta para junto da família com uma expressão nova e estranha que nem as filhas conseguem decifrar.

— Trata dos teus afazeres e vai-te deitar — diz-lhe o marido com azedume.

Ciente do adultério, ela sente-se suja por dentro, não por Dom António, mas por Manuel. Tem o coração incendiado pela paixão e quando ouve os rumores que o vento lhe traz do riacho junto da figueira, esquece que é mãe de crianças abandonadas ao relento de uma vida por viver. Nem à irmã Maria se atreve a contar a sua desgraça.

À medida que o ventre se vai transformando num pequeno pipo a fugir do avental, Dom António tenta indagar a verdade nas estrelas dos seus olhos, mas ela silencia a paternidade. Ele tem medo de perguntar, mas presente. Procura desvendar o

segredo num gesto ou num simples olhar, porque há palavras que se forem ouvidas pelo vento, cortam sonhos em pedaços, e ele não quer antecipar a morte do passarinho sem destino que fez um ninho no seu coração.

Quando Manuel chega a casa, fareja de soslaio a cintura da mulher que já não cabe na saia e os seios rijos que transbordam fora da blusa. Ele conhece de cor aquelas transformações no corpo da mulher, e, de cada vez que na madrugada escura, ouve o chorar dos corvos, em cima do telhado, começa a augurar no seu âmago desesperado, a pungência de uma trágica traição. Há muito que deixara de bater na mulher com medo do patrão, por isso, também há muito que não dizia: "Ó mulher, tu sabes que gosto de ti".

Maria carrega o seu menino ao colo. Aproveitou a tarde solarenga para visitar a irmã.

Mal transpõe o portão de ferro da herdade, começa a chamar:

— Linda! Linda! Ó Deolinda!

O casebre em nada mudou. No fundo da escada de pedra esboroada pelo tempo, espalham-se caricas, pedrinhas e lascas de ramos cortados com esmero. É a casinha das bonecas das sobrinhas.

Maria olha para cima e volta a chamar:

— Ó irmã!

A porta abre-se de rompante e Deolinda

rola pelas escadas abaixo feita boneca de trapos. No cimo das escadas, aparecem umas mãos robustas, depois os braços e por fim um rosto rubro de cólera.

Maria não tem tempo de processar a realidade. São flashes bruscos e repentinos.

O crânio de Deolinda esborracha-se no último degrau, ensopando de vermelho os brinquedinhos tristes, abandonados antes de chegar o pai. O rubor de Manuel empalidece e os olhos perdem-se esgazeados, no corpo inerte da mulher e no rosto lívido da cunhada. Lá ao longe, não se sabe onde, ouve-se o grito lancinante de uma coruja.

Maria solta um uivo afogado no peito, ao mesmo tempo que pousa o seu menino no chão com medo de o deixar cair.

Atrás de Manuel aparecem as filhas. Precipitam-se para a mãe aos gritos e choram dilaceradas como animais feridos.

— Desequilíbrio-se — disse o pai com a voz embargada na garganta.

Os corvos descem do telhado e pousam no corpo estendido no chão, tentando depenicar-lhe o crânio esfacelado. Maria afugenta-os, a esbracejar, desesperada, mas imediatamente a seguir, descem os morcegos da chaminé e penduram-se nos ombros de Manuel. As crianças cegas de aflição não veem nada. Maria levanta os olhos para o cunhado e vê um espetro demoníaco.

Da chaminé da vivenda de Alberto saem baforadas cinzentas de fumo que se desfazem no céu em corações de chumbo.

O padre Abreu vestiu a sotaina mais surrada, porque a erva do caminho que conduz ao cemitério já está gasta pelo arrastar de socas e tamancos e, nos dias de chuva, os pés enterram-se no lamaçal.

À frente do cortejo fúnebre, caminha o sacristão, levando o crucifixo ao alto como quem alumia os homens na penumbra triste da vida. Os quatro homens que carregam a urna, escorregam aqui e ali, mas equilibram o fardo, numa mansidão resignada.

Atrás do caixão, Manuel abre as asas dos seus braços malditos para abarcar as filhas inocentes que arrastam os pés, passo a passo, como se carregassem um peso invisível atrás da urna da mãe.

Maria segue-os com o rosto lavado pela chuva e pelas lágrimas. Não sente o corpo. Caminha como um autómato atrás daquele desfile que se recusa a aceitar. De olhos postos no cunhado, sente-se miserável, e dentro do peito, crispa-se uma dúvida silenciosa de tal modo violenta, que não a consegue expressar em palavras.

Dom Alberto é o último acompanhante deste ritual triste e pausado. Luta para não desatar o nó que lhe aperta na garganta uma torrente de lágrimas saídas do peito, transfiguradas em rancor

silencioso contra o monstro que segue lá à frente. Esse terá direito ao último beijo de despedida na defunta, quando voltarem a abrir o caixão, antes da cova. Dom António fica surdo ao choro dos outros. De vez em quando, desvia os olhos de Manuel para o caixão e sente o choro de um Menino Jesus, puro e indefeso, escondido na placenta de sua mãe. É o seu menino que jamais logrará acariciar.

Após o funeral, as filhas de Deolinda esquecem as caricas e os raminhos de árvores que imitam bonecas. Tiveram que se habituar à ausência da mãe, antes de terem compreendido o conceito da morte.

Manuel volta a embebedar-se, só que agora atravessa os cardos e as urtigas dos caminhos, curvado como se trouxesse às costas um saco carregado de cóleras e quimeras.

No fim do dia, sobe, cambaleante, as escadas da cozinha, senta-se acabrunhado no banco da cozinha e acena às suas meninas para que se sentem no seu colo. Elas obedecem relutantes, por causa do cheiro a vinho.

Algum tempo depois, o pai abandona a tremenda solidão, caído morto num buraco que as enxurradas abriram, por detrás da herdade. Nunca se soube se caiu bêbado no buraco, ou se desceu às profundezas do inferno por mote próprio, vaticinando a sua morte.

Há quem diga que os corvos o revisitaram lá no fundo do buraco para lhe devorarem o corpo e a alma.

A partir de então, os morcegos refugiaram-se de novo, no sótão da mansão.

Dom António tenta anestésiar a dor e a saudade, lendo poemas de amor na varanda, até à chegada do crepúsculo.

Os mochos, mal o sol adormece, descem a Colina dos Mártires para entoar o seu canto fúnebre, empoleirados no tronco da figueira frondosa que agora aspira a desolação do riacho.

E, nas noites sem lua, ouve-se um piar de coruja vindo não se sabe de onde, como se chorasse pelas almas que partiram e pelas almas que ficaram.

TERRA DE GIGANTES

Quando o manto da noite cai sobre os
que temem a morte,
da escuridão surge se erguendo figura
disformes,
Com carne alheia presa aos dentes e
sangue como nova pele,
olhares cegos e tão serrados que apenas
o seu fato guia.

Com fúria e terror sobre os ossos, meus
passos vacilam,
os sentidos oscilam e vibram com o pul-
sar ecoando no peito,
Sobre cacos piso leve e os que não se
partem rasgam minha pele,
Fraquejo sobre os resto de alguém que
nunca mais ali estará.

“São olhares e palavras de inveja que
nos castigam,

enquanto nos arrastamos debaixo do
vale da morte,
Mas são esses mesmos que se tornarão
olhares de terror
e palavras de desespero quando estiver-
mos no êxtase do *carpe diem*.”

Isso foi o que ouvi, últimas palavras tal-
vez,
de tudo que acreditei, acreditamos e foi
acreditado,
Caindo por terra não apenas sonhos,
mas nós,
cansados e afogados na podridão.

“Diante de milhares seremos temidos,
e entre mortos e vivos comentados e
respeitados,
Assim ganharemos nossos lugares no-
vamente como reis no céu e no inferno,
e imperadores do atual e hipócrita
mundo.”

Me recordo bem, enquanto há passos
moribundos no meu encalço,
suspiros de inspiração ofuscam o medo,
mesmo de alma entregue,
Tantos caminhos que percorri, um flu-
xo de lágrimas que segue e segue,

como o breve brilho ao chão, que corta
e corta.

Corta meus dedos e a palma da mão,
ainda mais profundo e doloroso,
Vem ao pescoço sem hesitação ou tre-
mor,
e o sangue explode sobre os carneiros,
Que caem ao chão comendo um ao ou-
tro,
até não restar um maldito pedaço de
carne.

Gozo do momento em vermelho escar-
late,
sentindo o fogo se apagar lá no fundo,
Pequenas faíscas sobram na escuridão,
e em meio aos últimos suspiros eu deli-
ro com um novo mundo,
Onde tudo vai mudar e borboletas voa-
rão junto as notas musicais da perfeição
e do amor,
pois nossa terra é uma terra de gigantes.

VIVA LEMBRANÇAS MORTAS

Ela caminhava por entre os túmulos, sem nenhuma lágrima a lhe riscar o rosto. Suas mãos alisavam suavemente as lápides ao passar pelas tumbas, enquanto seus olhos impassíveis apreciavam o horizonte de verde gramado salpicado de alvos sepulcros de mármore.

O passeio pelo cemitério era um bálsamo das lutas cotidianas. Os mortos, fossem o que tivessem sido em vida, nada mais passavam de ossos e pó debaixo da terra. Não interferiam mais. Não eram mais capazes de causar mais tristeza. Não podiam mais levantar a mão em ameaça. Não havia como eles machucarem ninguém... mais uma vez.

Ela trincou os dentes. Muitos dos que lhe causaram dor já haviam se ido e nem um caixão possuíam para abrigar seus restos, pois ela tratara de cremá-los, não por respeito ou opção, e sim exclusivamente por desprezo. Seus lábios se curvaram para baixo em puro desdém. Desgraçados. O mundo não merecia que ocupassem um espaço

sequer, mesmo a sete palmos debaixo da terra. O único bem que emanou daqueles seres sem coração foi sua partida. Até seus óbitos, porém, ocorreram à revelia deles: um foi atropelado; o outro se engasgou com um osso de galinha; o terceiro, ao chutar um cachorro por sádico prazer, provocou a ira adormecida no animal, que lhe mordera o pescoço; e o último, eternamente bêbado, escorregou em seu própria incontinência e batera a cabeça na quina do amparador. Mortes patéticas... paradoxalmente condizentes com suas existências hediondas.

A vida dera conta de todos eles, sem que fosse necessário ela levantar um dedo sequer. Um presente dos deuses, talvez arrependidos de a terem vaticinado naquela família ignóbil, violenta e cruel. Uma dádiva... tardia, no entanto, pois seus atos não se desvaneceram com as cinzas. Suas marcas ainda queimavam no corpo e na alma dela. Vivas lembranças dos mortos.

Os óculos escuros ocultaram seu olhar perdido por um instante... para depois fazerem o favor de poupar os demais do brilho amargo contido na negridão das lentes.

Seus passos afundavam na grama já meio crescida, enquanto avistava os enterros que ocorriam naquele momento iluminado pela luz do meio-dia. O sol do inverno era bem-vindo naquela hora, aquecendo sua pele sem feri-la, ao tempo que lhe proporcionava a visão das lágrimas deslizando

por aqueles rostos contritos em volta do caixão. Alguns semblantes resplandeciam em seu sofrimento sincero. Outros, contudo, cristalizavam-se em máscaras de cinismo e ganância à espera do inventário após a cerimônia mortal. Choros abundantes de água salgada e ácida a corroerem aquelas peles marmorizadas pelas toneladas de maquiagem e cinismo.

Encostou-se em uma árvore com copa frondosa, apreciando o espetáculo de três atos: o choro fingido, o cair das rosas caras na tampa do caixão a mergulhar na cova e o alívio de seus semblantes hipócritas, juntamente com o brilho da ganância e vingança nos olhos frios. Já lhe proporcionava um enfado assistir a mesma peça com rostos diferentes. Então, voltou seu rosto para a direita e enxergou, um pouco ao longe, uma mulher em um elegante e caro vestido negro, sozinha diante de um túmulo. Seus cabelos arruivados balançavam-se ordenadamente com a brisa, sem um fio ter a ousadia de se rebelar. As joias captavam os raios solares, como se os absorvessem imperiosamente e devolvessem-nos em um brilho ainda mais extraordinário. Estranhamente, as flores que aquelas mãos delicadas e cheias de ouro carregavam não eram as magníficas rosas ou as estonteantes orquídeas. Um buquê... de margaridas das mais variadas cores entremeadas com pequeninas e singelas flores do campo.

Retirou os óculos e mordeu a ponta de uma

haste destes, os olhos se estreitando em um amálgama de curiosidade, estranhamento e desconfiança. A lápide daquela sepultura era simples como as flores da dama de negro, um contraste quase revoltante. Talvez houvesse uma história diferente ali. Remorso... sim. Aquela mulher devia ter feito alguma coisa terrível para quem estava sob o leito de concreto e grama. Talvez até...

Ajeitou os óculos escuros e pôs-se a palmilhar a distância que a separava daquela mulher intrigante, lenta mas determinada. Era a primeira vez que se chegava a alguém que observava no cemitério em todos aqueles anos. Não temia a reação dela. Não temia mais nada há muito tempo.

Postou-se ao lado da senhora de negro em silêncio, encarando o túmulo. A grama denunciava os anos daquela sepultura, mas a lápide, não. Não havia ali data ou nome e sim uma frase: Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez. Seus lábios jovens se esticaram em um quase imperceptível sorriso... para logo cingirem-se, decepcionados. Descobriria muito rapidamente. Fácil demais.

— Não perguntou o nome dela. — disse a mulher, encarando as margaridas em suas mãos.

— Não é importante para mim. — respondeu, mirando a face madura da mulher — Mas deve ser muito para você, a ponto de escondê-lo de todos.

A mulher calada permaneceu e nada expressou nas camadas de maquiagem irrepreensível. O que haveria debaixo daquela máscara? Seu interesse retornou, um ânimo em sua alma dura. Sacou um cigarro do maço no bolso da sua calça, juntamente com um isqueiro e acendeu-o. Tragou profundamente e um cilindro de cinzas logo surgiu, tão frágil em sua forma. Uma brisa fria soprou e o borralho se dissipou, dançando junto a algumas pétalas fugidas no ar, antes de repousarem na relva crescida do sepulcro.

— Ela está gravada em meu coração. — seus olhos escuros fitaram, enfim, os dela, um brilho de ira contida no semblante pétreo — Não te conheço. Não tem o direito de estar aqui. Saia.

— Sua dor me interessa. Não é a perda dela. Não consegue se perdoar pelo o que fez com ela. Ela está aí por sua causa. Sua vergonha fede mais do que o seu Chanel 5.

— Não vai sair daqui, não é?

— E nem você, apesar de mim.

A mulher suspirou elegantemente, muito embora a exasperação se revelasse pela expiração. Agachou-se e depositou o buquê de flores do campo rente à lápide.

— As flores do campo eram suas preferidas. — um esgar quebrou seu semblante de manequim — Não havia espaço para as flores do campo em minha vida. Não havia como ela sobreviver comigo.

Alguém próximo. Uma amiga de infância?
Uma cúmplice? Sua mãe... sua filha?

— Então. — jogou insensivelmente o toco do cigarro na tumba, no meio das flores — Vive seu remorso todos os dias? Abriria mão da vida que você escolheu para tê-la de volta?

A mulher se abaixou e pegou com nojo o toco de cigarro entre as flores e jogou-o na sua companheira indesejada. Esta levantou as sobrancelhas, irônica e retirou os óculos.

— Não. Eu não trocaria. — disse em um estranho misto de melancolia e arrogância.

— Uma cretina que tem plena consciência de si mesma. Surpreendente.

— É doloroso não tê-la mais comigo. Viver sem ela é insuportável. Viver com ela era impossível — meneou a cabeça, altiva, impedindo que as lágrimas se derramassem com um lenço de linho inglês — Eu não estaria aqui se ela não estivesse ali.

— Assassina.

A mulher de preto franziu a testa e seus olhos se estreitaram, as rugas se abrindo em um leque.

— Não me leve a mal. — deu os ombros, prosseguindo diante da mudez da mulher de luto — Não estou te condenando. Eu mesma também agiria assim com quem me fez sofrer. Mas nem isso eles permitiram. Os que deviam morrer me roubaram a chance.

— Você não está entendendo...

— Oh, sim. Te entendo perfeitamente. Ela era perfeita. Ela era tudo que você queria ser, mas você, com seu coraçãozinho escuro, com suas ambições douradas não suportou ser afrontada todo dia com a escolha que fez para sua vida. Deve ter sido difícil, não? Não a opção de tirá-la do seu lado... isso já estava resolvido dentro de você.

— Minhas mãos não estão manchadas de sangue... como também não estão as suas.

— Ah! Ela te poupou o ato... um acidente? Um acidente que ela mesma fez a si...?

A senhora se aproximou lentamente dela, o semblante toldado de asco, raiva e, surpreendentemente, de compaixão. Aquilo a desnorteou. Como...? Como tantas emoções que bem conhecia como a ira e a ojeriza cabiam dentro de outro sentimento tão dispare?

— Ela se sacrificou por mim. Ela me amava a tal ponto que se deixou ir para que eu permanecesse. Você realmente não tem como compreender. Está além de você.

— Realmente está. Não sei o que é ter alguém tão pura comigo. Fui criada por monstros que só me tiveram por diversão sádica. Por toda minha vida, fui ameaçada, violentada, ferida, humilhada e odiada por aqueles que deviam me amar. Escapei deles quando cresci o suficiente. Dei as costas para o inferno. Mas você... você estava no céu com um anjo e deliberadamente cortou suas asas.

A raiva entremeada à compaixão amenizou tons no olhar maduro da mulher.

— Ela se foi e não há mais chance para mim. Eles se foram e agora há um caminho para você. Por que se alimenta da dor dos outros? Por que insiste em manter aqueles contigo? Por que permite que eles ainda te controlem?

— Os canalhas não me controlam!

— Tenho pena de você.

— Não aceito pena de ninguém, muito menos de uma assassina! Você é igual a eles. Não. É pior! Aquela que você matou acreditava em você. Você a enganou! Você a matou com... com... amor!

Em um rompante, a mulher de negro a agarrou pelo braço. Naquela mão delicada, nunca poderia se imaginar a força que possuía.

— Garota estúpida! Quero te ajudar!

— Quer me ajudar como ajudou aquela? — gargalhou — Quer me ver enterrada como ela?

— Você mesma está se enterrando, como eu. — apontou para a cova sob a impecável relva — O que fui está lá. Todo ano, nesse mesmo dia que matei o que havia de melhor de mim, venho para lembrar que do que eu era e do que poderia continuar a ser, se não tivesse seguido o caminho que escolhi. Porque o que eu não sou mais é a única coisa boa que existe na minha vida.

Ela arregalou os olhos, estarecida. Pela primeira vez, desde que fugira dos seus algozes, ela

conseguia sentir algo verdadeiro.

— O caixão...

— Vazio... como o vazio de dentro de mim. E cheio do que eu era.

— Louca... você é louca!

— Louca, eu? Por ter erigido um túmulo, uma homenagem, uma lembrança a um ser humano puro que um dia existiu em mim e que eu, apenas e unicamente eu, matei? É você que caminha entre os mortos e traz seus fantasmas de ontem como animais de estimação de hoje!

— Caminho sobre os mortos, senhora. Eu piso neles. Não estou enterrada com eles como você. Eu não trago flores para mim mesma!

— Até quando aguentará viver entre os vivos e os mortos? Existe como um fantasma. Existe como uma morta que anda. Acredita mesmo que está no comando da sua vida?

O sorriso que dirigiu à mulher foi cáustico.

— É ridículo tentar me usar para se redimir do que fez a si mesma. Nem tente. Se não foi boa para contigo mesma, como espera ser para mim? O que você quer.... verdadeiramente?

— Que você não seja tão estúpida quanto eu fui.

— Para quem se diz estúpida, não se traja como tal.

— Que pena. Sua arrogância é tão grande quanto sua estupidez.

— Então siga você com sua burrice que eu sigo com a minha.

— Escute-me. Você está cavando sua sepultura ainda. Pode sair disso. Pode abandonar seus monstros aqui, comigo e seguir em frente. Ou enterre de uma vez aquela garotinha que um dia viveu verdadeiramente, mesmo em meio a horrores e venha comigo. Você é a única que a quem contei meu segredo. E somente eu te conheço seus anseios.

— Está... me oferecer viver contigo?! Não aguenta viver sozinha consigo mesma?

— Você também não está cansada de ficar só nesse caminho? Sim, vejo que está exausta. Acredite em mim: é melhor escolher o seu caminho antes que ele escolha por você.

Ela sentiu a verdade congelar o sangue em suas veias. Aquela mulher... tinha razão. Porém não em tudo. Não sabia se ainda havia motivos para viver sem os monstros. Foram tantos e tantos anos se nutrindo platonicamente da dor alheia sob a recordação viva dos mortos que não conseguia discernir quem ela era realmente. Não sabia se o que fora ainda podia vir à tona realmente.

Ou se desejava que viesse.

Em um braço seu, a mão em forma de garra da mulher, procurando despertá-la para a vida. Uma vida entre os vivos... onde as desculpas e os disfarces brilharão à luz da consciência. Onde as pequenas dores diárias se incorporariam a ela

como pedrinhas incômodas dentro dos sapatos interminavelmente. Onde a esperança se fazia mãe amorosa e cruel. Onde a eternidade se condensava em momentos fúlgidos de êxtase e perfeição. Onde instantes amargos se estenderiam por séculos.

E a outra, com a palma para cima, em um doce e funesto convite para lhe fazer companhia em uma vida glamourosamente oca, onde os holofotes iluminariam os instantes etéreos de alegria insossa e de cinismo temperado com a desilusão. Tão mais simples dançar entre os vazios enfeitados. Tão mais fácil existir em meio às meias verdades imersas na mentira completa.

A mulher de luto se aproximou e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Eu posso lhe dar uma cova para você enterrear seus fantasmas... Viva sem eles, seja comigo ou sozinha. Mas livre-se deles. Eles não te mereciam em vida e muito menos na morte. Você sabe, não é...? Que se continuar assim, acabará como eles. Não se satisfará em se alimentar das dores alheias de longe por muito mais tempo: desejará provocar essa dor nos outros. Não foi à toa que veio falar comigo. Ultrapassou o limite. Entrou em contato com o outro para machucá-lo. De uma próxima vez, não vai ferir apenas com palavras.

O sarcasmo cedeu ao terror e ela deu um passo para trás, pisando no túmulo vazio da dama de preto. Percebeu onde se encontrava e gritou, como

se pudesse ouvir a alma da garota que a mulher de preto enterrara em espírito. E correu. Correu alucinada por todo o cemitério, pois sabia que era verdade... a mais pura verdade o que a senhora falara.

Também sabia que a dama de negro a aguardaria no ano que vem. E, no seu íntimo, embora corresse agora para longe daquela mulher, voltaria para ela.

PISCINA DE SANGUE

Camila Beatriz — Piscina de Sangue

Em meados do século XX, no interior do país, havia uma família muito rica, dona de fazendas e com muitas posses, ligada a partidos políticos e intelectuais da época. Essa família carregava muitas mortes nas costas, em nome de status e poder.

Esteván, o neto caçula do ancião, levava uma vida de ostentação e abusos. A bebida e o cachimbo comprado na Europa, eram suas companhias preferidas. Morava com os avós e os três empregados, em uma das propriedades, na capital. O dia preferido de Esteván, era sábado... O rapaz esperava ansiosamente para ficar a sós com Linda, a sobrinha de Rita, a empregada, que agora também trabalhava na casa, ajudando a tia e mandando dinheiro para os pais. Esteván sabia que aos sábados, Rita sairia para abastecer a despensa.

E foi assim, em um sábado de sol e céu azul anil, que Linda foi assassinada.

A moça cortava tomates para o almoço, enquanto a tia fora numa mercearia, comprar

temperos, era o que estava em falta. Avisou que demoraria, sempre enrolava proseando com os comerciantes locais. A refeição, alimentaria Esteván, pois os avós do rapaz haviam viajado, e o terceiro empregado, o motorista, ido com eles, conduzindo o veículo, pelas estradas de terra.

Linda estava ali, de costas, com a barriga no fogão caipira, o suor deslizava no rosto delicado, o clima abafado e ofegante da cozinha parecia o mormaço da morte, anunciando seu fim. Ela sentia uma angústia no peito, era sensível a desgraças, mas continuou o trabalho, o medo de perder o emprego, era maior do que o medo que afligia seu peito.

— Linda, vamos lá, deite comigo, venha ser quente em minha cama! – disse Esteván, parado na porta, observando a moça, com olhos que pareciam possuídos por algo ruim, sua voz soava diabólica.

— Tome rumo, Esteván... meu coração não será do senhor! – Linda respondeu, quase gaguejando, sentiu medo, sabia que algo ruim aconteceria.

— Não só o coração, mas como todo o resto de seu corpo me pertencerá! – concluiu Esteván, indo na direção de Linda, agarrando-a por trás, rasgando seu vestido branco singelo, que uma vez fora sujado de molho, agora sujado de sangue.

Linda morreu estuprada, no chão de uma cozinha, morreu de tristeza e desgosto em ter seu

corpo tomado por um homem sujo, um homem que acreditava que o dinheiro lhe permitia todo e qualquer abuso, por mais criminosos que fossem.

Após o ato, Esteván não se desesperou, se recompôs, lavou as mãos como quem termina uma refeição, arrastou o cadáver e o jogou na piscina. A piscina, ficava no fundo da casa, no jardim, e por um erro de projeção, era mais funda do que deveria, eram dois metros de água, o suficiente para que todos concluíssem que a morte da garota se tratava de um afogamento.

O que Esteván não esperava, é que Linda sangrasse durante o estupro, as feridas foram profundas, e quando jogada na piscina, toda água clara virou sangue, jorrou, parecia que o sangue não saia só de seu corpo físico, mas também de sua alma pura.

Rita retornou, Esteván já estava no portão, pronto para inventar uma história. Rita, mal lhe deu ouvidos, quando ouviu a palavra morte, já correu para o fundo, se deparou com a cena, e o transtorno mental daquela mulher foi tão grande, que ela entrou em um estado de choque eterno, correu pelas ruas da cidade, nunca mais voltou na casa, nunca mais deu notícias, sumiu, Rita virou fumaça, uns dizem que se atirou no rio. Outros dizem que virou neblina, e só aparece bem cedinho, vagando, enlouquecida, sem dizer coisa com coisa.

Os avós de Esteván retornaram no dia se-

guinte. Era uma família acostumada com mortes, e conheciam o neto que tinham. O assassinato e o estupro, não lhes afetavam, o que realmente atormentava o casal, era a idéia de um escândalo social. Acatarem a história do neto, sem pestanejar, disseram para os pais da moça que fora afogamento. Limparam a piscina, bancaram o velório. Fim.

Cinquenta anos depois, a casa com piscina da rua 20, agora era um museu. Quando os avós de Esteván faleceram, o Estado comprou o imóvel da família por seu valor arquitetônico, era uma casa eclética, luxuosa. Além disso, contava sobre os pioneiros da cidade, os pioneiros ricos, claro, pois os trabalhadores, esses são desprovidos de memória social, um excelente lugar para ser museu, segundo o poder público.

Esteván já estava idoso, morava em um apartamento, ainda na região da casa antiga de seus avós falecidos, ele era funcionário do museu, conseguiu um emprego de cabide, o governador atual, era um grande amigo de sua família. Passava as tardes contando e inventando coisas bonitas para os visitantes, como se ali, tivesse sido um lugar de amor e caridade. Ele nunca apresentava a piscina aos visitantes, aliás, nem direcionava o olhar para aquela ala da casa.

Esteván estava atormentado com essa situação incômoda em relação a piscina, na ausência completa de outros trabalhadores do museu, o ho-

mem ouvia passos, passos que caminhavam sentido a ela, conforme o barulho se afastava. Ele via rastros de sangue, que logo desapareciam. Vultos percorriam a casa, sobretudo, na cozinha caipira. As vezes, acreditava sentir uma respiração ofegante e dolorida, e sentia o corpo arrepiar como se a sensação de mormaço mortal voltasse a assombrar. Ignorava. Não olhava para a piscina, mas sua visão lateral reparava que o vulto era o vestido brando de Linda.

Em uma manhã, de céu acinzentado, Esteván, sozinho no museu, ouviu uma voz susurrar:

— Meu coração não será do senhor!

Aquela frase, ecoou por toda a casa, e esse som não se findou. Esteván teve um surto, o vulto atravessava seu corpo, repetia a frase, o direcionava para a piscina, sem que ele percebesse, estava completamente atordoado, com as mãos na cabeça, agonizava, fechava os olhos, de nada adiantava, chegou na piscina, se deparou com um redemoinho plúmbeo, que parecia ser feito de restos da madeira do fogão camponês, que estava aceso, sozinho e a todo vapor, como se Linda estivesse ali, preparando sua refeição, numa atmosfera de penumbra, aterrorizante.

O redemoinho derrubou o homem na piscina, não morrera afogado, morreu por cair de cabeça. Quando a casa se tornou museu, trataram de esvaziar a piscina. Após a queda, misteriosamen-

te, uma enxurrada de sangue saiu dos canos, como se fosse uma lava quente vinda do inferno, pronta para engolir e levar Esteván.

Diferente da morte de Linda, que teve a piscina cheia de sangue que parecia mais uma manifestação de sua integridade, Esteván foi lavado e levado por sangue, de uma forma medonha, um sangue com odor de enxofre devorou o homem.

Reza a lenda, que o museu fechou após o ocorrido. Ninguém até hoje soube explicar o que realmente aconteceu. Por ali, padres e exorcistas passaram. A casa vive abandonada, meninas e meninos ainda pulam o muro da propriedade, para sentar no entorno da piscina e contar histórias que os museus não nos contam.

EMPANTURROU

Pela dor que sentia no joelho esquerdo era certeza que iria chover, por isso que Malaquias se apressou para achar um bom coberto, onde não escorria água, fez a cabana de papelão, prendeu seu carrinho de supermercado no tornozelo e então podia relaxar. Claro que é sempre bom dormir com um olho aberto quando se está na rua e ele sabia disso como ninguém, mas até a rua é um pouco mais segura quando chove, pois ninguém queria sair para pôr fogo em mendigos e vê-los queimar. Malaquias estava em um lugar alto, seco, e por incrível que possa parecer, mesmo não tendo nada, agradecia aos céus pela chuva. Ele tinha encontrado uma caixa cheia de quadrinhos da Marvel, de 1987 e guardara até um dia como aquele, chovendo, mas calor para ler. Ele assistia as baratas fugindo da água escorrendo pela calçada e procurando abrigo abaixo de seu papelão, mas bastava se aproximar o suficiente e ele acertava com o salto de sua bota. Cada barata era um aperto no coração.

Não via muita diferença entre elas e ele. Morando na rua, sem teto, correndo da chuva. Mas odiava baratas. Tinha asco e talvez até certo medo. Entre ele e elas, Malaquias o preferia, a única diferença é que ele era maior e podia matá-las apenas com um golpe do salto da bota. Não demorou muito para ele pegar no sono lendo e vendo quadro a quadro Wolverine apanhar do Tigre Dentes de Sabre, mas no fim sair vitorioso. Malaquias desejou muito ser o Wolverine, pois ele vinha apanhando a muito tempo da vida.

Cris estava no banco do passageiro do Fusca falando no celular com seu namorado. Vestia uma lingerie nova escolhida especialmente para aquela ocasião. Não era a primeira vez que estava naquele carro, nem no Libelillun Motel, tanto que no porta-luvas tinha um pacote de lenço umedecido e uma nécessaire exclusiva para aquela finalidade. Júnior, seu namorado, estava exaltado do outro lado da linha. Estavam discutindo, pois ele tinha saído cedo do trabalho querendo fazer alguma coisa de diferente com sua namorada, mas ela dizia que iria trabalhar até tarde. Se ele tivesse avisado antes, ela dizia, tinha dado um jeito de sair mais cedo. Uma dor de barriga, ou aquelas coisas de mulher com enxaqueca ou cólica.

— Você sabe que eu sempre dou um jeito, amor. Eu minto bem.

Junior sabia que era verdade, ela mentia muito bem. No início do namoro ela inventou muitas histórias para que os dois pudessem aproveitar os motéis durante o dia quando eram mais baratos e mais vazios. Uma vez, Cris conseguiu fingir dengue para o médico e pegou um atestado de cinco dias e os dois foram viajar emendando o feriado. Ele não sabia como ela conseguia aquilo, mas era uma boa mentirosa. Cris sabia que o decote ajudava na mentira e sempre que precisava não tinha medo de usá-lo. Tinha seios de dar inveja a muitas mulheres e ela ainda tinha 23. Também por isso, pela pouca idade, achava que era muito nova e muito bonita para se prender a um cara só. Júnior mesmo, era ótimo, pagava todas as contas e a levava para lugares incríveis. Sempre viajando para as praias mais requisitadas, os restaurantes com as melhores notas na revista da Folha, enfim, não tinha do que reclamar. Mas era diferente com Ludovico, o dono da empresa de Marketing onde trabalhava. Além de italiano, que já era um sonho para Cris transar com um italiano, Ludovico era mais velho, mais rico, tinha um gosto incrível para tudo, ele também era bem mais másculo. Enquanto Junior só a fodia num vai e vem básico, às vezes até pedia

para ela ficar de quatro, mas sequer batia na sua bunda, Ludovico comia ela de pé, apertava-lhe o pescoço a ponto de quase achar que iria perder o ar, mas ele sabia o ponto certo. Cuspia em seu rosto e fazia ela se sentir um objeto, uma vagabunda, que na realidade ela sabia que era. Se colocar sua diversão e seu prazer à frente dos sentimentos dos outros era ser vagabunda, então ela era das piores, ou melhores, depende do ponto de vista. Teve até um fato engraçado quando conheceu Ludovico. Ela não gostou dele logo de primeira. A idade a assustou, os cabelos bastante grisalhos também, mas tudo piorou quando ele disse que seu carro era um Fusca. Ela quase deu risada quando ele disse a ela. Pensou logo na sua infância, seu pai e aquele velho Fusca azul geladeira. Até ver Ludovico saindo para almoçar em seu Fusca zero, ainda sem placa, pois tinha acabado de comprar. Achou-se idiota naquela hora, mas apaixonou-se pelo carro e por Ludovico. Agora estava ali, impaciente, falando com Junior no telefone e aturando sua crise de ciúme, enquanto seu amante pegava a chave da suíte de um dos hotéis mais caros da cidade. A única coisa que fazia se sentir mal era quando Ludovico dava dinheiro para ela ir embora de taxi depois da transa e ainda dava umas notas a mais de cinquenta. Ela se sentia uma puta. Porém, não iria negar o dinheiro, afinal, suas roupas e o cabeleireiro e as maquiagens, tudo custava o olho da cara e seu salário de estagiária

não dava nem para o começo.

— Junior, chega! Vou entrar numa reunião. Te ligo quando sair. Eram 19:00. E desligou o telefone. Entrou no quarto e logo viu Ludovico abrir a garrafa de vinho e servi-la.

Malaquias acordou no meio da noite assustado. Mesmo seu carrinho de supermercado ainda estando ali mexeu a perna para ter certeza de que ainda estava preso ao seu tornozelo. O quadrinho que lia antes de pegar no sono estava aberto ao seu lado, em cima do papelão. Desejava um cigarro, mas tinha fumado o último há três dias mais ou menos. Precisava fumar. Antes de viver na rua era um fumante inveterado e no começo foi bem difícil passar sem. Sentiu vontade de cagar e rapidamente seu cérebro já o fez lembrar sobre um lugar ideal para fazer de banheiro. Não muito perto que o vento pudesse trazer o cheiro até onde estava e nem muito longe que tivesse que perder seus pertences de vista. Em seu carrinho pegou um rolo de papel e foi até a viela que tinha caçamba de lixo. Abaixou-se entre a parede e a caçamba de lixo e despejou tudo no meio fio. Essa era uma das partes mais difíceis. Não ter um banheiro para cagar em paz, tomar um banho relaxante no inverno e

um banho gelado no calor e sentir que aquilo é só seu. A viela estava sem luz então Malaquias quase saiu correndo de susto mesmo com a bunda ainda suja quando viu um carro se aproximando, com os faróis apagados e em marcha lenta. Entrou na viela e parou no meio dela, no meio do breu. Porém pode ver o par de botas saindo do carro, abrindo o porta-malas e colocando seu conteúdo calmamente na calçada. Malaquias não conseguiu ver o homem que descarregava o carro, mas o que ele tinha em seus braços parecia um fantasma.

Ludovico estava especialmente animado hoje. Fez uma longa preliminar fazendo Cris sentir o tesão percorrer todo seu corpo. Começou fazendo massagem, passou a beijar cada pedaço do corpo da garota de cabelos loiros. Chupava e lambia e Cris queria mais. Queria ser xingada. Desejava os puxões de cabelo e ser estapeada como Ludovico fazia. Ela se sentia um pedaço de carne nas mãos do italiano e sentia um prazer imenso nisso. Por ser muito bonita e pequena, os caras que saíam com ela tratavam-na como uma boneca que poderia se quebrar a qualquer momento, mas Ludovico a tratava como puta e ela adorava. Estava com tanto tesão que sentiu seu corpo mole, tão mole que quase não tava sentindo mais a língua de Ludovi-

co em sua vagina. Cris não sabia, mas tinha cinco mililitros de Ketamina, um paralisante potente usado em cirurgias que o italiano aplicou em sua nádega sem que ela percebesse. Seu sorriso ficou congelado em seu rosto como aquela lenda antiga que os pais lhe contavam quando fazia careta para idosos. “Vai bater um vento e seu rosto ficará assim pra sempre” eles diziam. Não sentia mais nada. Respirava com dificuldade. Pensou até em infarto, mas era jovem e saudável, fazia exercícios, seria impossível estar morrendo de tesão, literalmente. Quando Ludovico teve certeza da paralisia de Cris levantou-se e foi até sua maleta. Acendeu um grande cachimbo já com fumo e sentou-se na cadeira ao lado da cama admirando o corpo de Cris. Ela mal conseguia mexer os olhos, mas podia ver a fumaça branca acumulando no teto do quarto de hotel. Cris achava que estava entrando em transe, que estava num sonho. Sentia que passara horas olhando para aquela fumaça tentando chamar pelo nome de Ludovico, mas não saía nenhum som. Passara a ouvir uma música de fundo, antiga, não era calma, mas trazia serenidade. Pensou estar dormindo, só poderia estar dormindo. Até ver, finalmente, Ludovico surgir em seu campo de visão, com o olhar de quem a desejava como nunca tinha notado nos olhos do italiano. Sua barba por fazer, seu cabelo lambido para o lado já estava desfeito caindo sobre a testa e Cris pensou que nunca tinha o visto

tão belo. Ludovico beijou-lhe nos lábios, desceu pelo pescoço até chegar aos seios e Cris via, mas não sentia nada. Queria poder avisar a ele que não estava sentindo nada. Ludovico passou bastante tempo ali, na posição de quem beijava-lhe os seios e Cris sem nada sentir. Ela não sabia, mas o homem que conhecerá estava mastigando seu seio esquerdo como quem mastiga uma picanha malpassada numa churrascaria rodízio. Começou pelo bico e mastigava. Sem cortes, só mordida. Como um carnibal, como uma hiena. O sangue jorrava pelo seio mutilado e Cris não se dava conta. O homem bebia o sangue todo, lambia o excesso que escorria pelas costelas aparente devido a magreza de Cris. Era um jantar suculento de carne malpassada que Ludovico não encontrava nem nos melhores restaurantes que visitara pelo mundo. Empanturrrou-se de carne até dizer chega e então parou. Levou o corpo ainda vivo com o seio amputado por mordidas como se tivesse enfrentado um animal até um beco escuro e largou lá. Como os pais de família fazem com o lixo da cozinha. Largou lá e saiu com o carro fumando um cigarro para ajudar na digestão.

Malaquias foi até o fantasma que havia sido deixado ali na viela e percebeu que era uma garota, de cabelos loiros e um lençol branco a cobria

até o pescoço. Seu rosto estava imóvel e seus lábios arroxeados. Tomou um susto e teve certeza que se tratava de um cadáver. Malaquias já tinha visto em filmes polícias, aquele teste de por o dedo no pescoço da vítima para sentir a pulsação, mas não tinha certeza se aquilo funcionava. Mesmo assim fez e não sentiu nada, nem um músculo. Malaquias olhava para o rosto da garota e ficara indignado. Tão linda. Branca como um fantasma. E os cabelos loiros, mas tão loiros. O mundo realmente não era um mundo justo. Enquanto ele estava ali vivendo como um verme, comendo lixo e ainda vivo, uma garota linda como aquela estava nua e morta numa ruela qualquer. Ele nunca estivera com uma garota como aquela, mesmo em seus melhores dias, quando ainda tinha um emprego e era alguém na vida e pelo andar da carruagem jamais poderia estar com uma garota daquela. Afinal morava na rua e não se lembrava da última vez que escovou os dentes. Malaquias não tinha nada, logo, nada também a perder. Tocou no rosto da garota e sentiu um teso que deixou-o envergonhado. Pensou em seu primeiro encontro, sua primeira namorada e sua primeira transa. Sentiu-se um garoto novamente. Quando se mora na rua, as pessoas tendem a se afastar ou ignorar, porém Malaquias estava de frente com esta garota, tão próximo que poderia beijá-la e ela nada podia fazer. Então ele fez. Tocou seus lábios no da garota e sentiu seu pau latejar

dentro da calça. Sabia que o que estava fazendo era vergonhoso. Tinha consciência disso, mas quando se vive na rua os conceitos de vergonha tendem a diminuir. Comer o resto que as pessoas jogam no chão também era vergonhoso e mesmo assim ele fazia, pois tinha de sobreviver. Então Malaquias usou o mesmo argumento para se convencer de fazer aquilo. Também era uma questão de sobrevivência. Precisava ter a sensação de penetrar uma mulher novamente. Já fazia tanto tempo desde a última. Malaquias então subiu o lençol até a cintura da garota. Apreciou-lhe as pernas. Olhou a vagina do cadáver e tão logo cuspiu em seu pau para que pudesse penetra aquele que parecia um botão de rosa. Lindo e delicado. Metia fundo e com força no corpo que só se mexia pelo impulso do corpo do morado de rua.

E Cris, que a última vez que se lembrava estava num quarto luxuoso de hotel com seu amante, agora estava no que parecia ser uma rua com sobrados e um homem negro desconhecido olhando-a nos olhos com o rosto de quem sentia muito prazer. Ela piscou e o homem parou de se mexer, mas continuou encarando-a. Pode perceber que o homem fechou os olhos com força como que os pressionando. Quando abriu deu um pulo enorme. Tudo aquilo não chamava tanto a atenção de Cris como a dor que sentia em seu peito. Como um

machucado. Uma ferida aberta. Ainda não tinha a consciência que seu seio esquerdo tinha sido mastigado por um homem louco. O mesmo homem que a presenteava com roupas de grife e jantares caríssimos. Malaquias não podia acreditar no que estava acontecendo. A garota estava viva ainda, mas o tesão falava mais alto. Ele tinha tirado o pau de sua vagina, contudo precisava entrar ali de novo. A garota acordara, porém não se movia. Talvez não pudesse então ele pensou em continuar. Debruçou-se sobre a garota e ela tinha um olhar assustado. O mesmo olhar de uma criança recém-nascida ao ver o mundo pela primeira vez. Era notável que a garota tentava falar, mas não conseguia. Malaquias viu uma pedra próxima e acertou a garota na cabeça com força. Mesmo com o susto tomou cuidado para não machucar seu rosto lindo. Bem no topo da cabeça, bateu uma vez e os olhos ainda se mexiam, então repetiu uma, duas, três vezes até que os olhos perderam qualquer sinal de vida e ele continuou satisfazendo-se até que chegou ao ápice e ofegante, saiu dali, pegou seu carrinho, recolheu seu papelão e partiu. Morrendo de vontade de fumar um cigarro. Como era de praxe depois de toda transa, antigamente.

ERRO IMPRUDENTE

Foi na noite de sexta que acordei em meio à escuridão, levantei os braços doloridos e ao levar meus dedos aos lábios senti o gosto salgado do sangue que escorria sob minha pele. Como eu havia parado ali? Onde me machuquei? Meus pensamentos estavam embaralhados, minha cabeça latejava.

Levantei ainda cambaleando e bati o pé em algo de metal que caiu no chão fazendo um barulho ensurdecedor, meu coração disparou como uma flecha. Foi preciso me acalmar para continuar andando, mas antes que isso acontecesse, escutei passos. Estavam distantes e aos poucos foram se aproximando, senti minha pupila dilatar na tentativa de enxergar algo na escuridão. Seja o que fosse ou quem fosse, havia parado de andar, minha audição estava apurada, eu podia ouvir nossa respiração.

— Molly?— disse a coisa, com uma voz grave e ao mesmo tempo suave, parecendo-me familiar.

— Quem é você? O que estou fazendo aqui?— eu disse, ignorando sua pergunta e indo para trás,

até chegar numa parede e bater o braço em alguma coisa dura que ao tatear, descobri ser uma maçaneta.

— Você sabe quem eu sou.

Recordei-me daquela voz e o sentimento de choque tomou conta do meu corpo. Por muito tempo tive dúvidas sobre o que sentia por ele, pois era como ter acordado naquela sala mais uma vez caminhando na total escuridão, cautelosa e lentamente tateando seja o que for para impedir machucados. Um pé atrás do outro, mãos procurando por algo no ar, olhos dilatados sem direção e lá no fundo o coração batendo mais forte por temer o encontro com o desconhecido. Minhas ilusões, receios e esperanças.

Era o mês de agosto quando tudo começara, eu andava no breu deslumbrada pelo barulho da minha mente, esquecendo o extremo cansaço causado pelo árduo cotidiano, o qual talvez tenha me tornado uma completa ignorante na época da explosão. Subitamente ele era a pessoa mais próxima de mim a cada dia, sempre arrumava um jeito de arrancar informações deixando-me num labirinto em que muitas vezes me perdia e era preciso entregar respostas para perguntas que nem eu mesma havia pensado antes. Ele era esperto, o tipo de pessoa que sempre arranjaría uma forma de te contrariar mesmo se você estivesse certo.

Eu estava trancafiada em minha própria som-

bra, ele percebia e tentava mudar isso chamando minha atenção de algum modo. Ficamos ali por um tempo e então eu estava cansada demais para continuar enxergando formas indefinidas na escuridão da minha mente. Andei até o interruptor e o apertei sem pensar, vi a explosão da luz alva e cintilante tomando conta dos meus olhos, eu podia sentir seu fulgor crescendo dentro de mim, mas eu tinha medo.

Naquela noite ele havia me mostrado o que escrevera sobre a gente, foi como receber a chave para entrar dentro dele, sentir o que ele sentia, ser o que ele é. Mas afinal, quem era ele? Ele era real? Por que não me contava tudo? Eu sabia que faltava alguma coisa e temia a resposta, mas ao mesmo tempo era como se eu quisesse mergulhar em todo aquele mistério e me afogar ali mesmo, sentir a água adentrando meus pulmões e me incendiar ao perceber o terrível erro.

Vagas lembranças do que havia acontecido tomaram conta da minha mente: casa abandonada, água vazando pelo chão, a lua e... Simon se tornando um monstro?

Ele se aproximou, girei a maçaneta rapidamente e a luz da lua pareceu me cegar, ouvi Simon gritando, mas era tarde, eu já estava do lado de fora.

— Simon, o que você está me escondendo?

— Se eu te dissesse o que eu sou, você viraria as costas para mim?— ele disse dando um passo

à frente, mas seu rosto continuava fora da minha visão.— E mesmo se eu parecesse perigoso, você ficaria com medo?

— Por que essas perguntas!?

— Tenho a sensação de que tudo o que eu toco não é obscuro o bastante.

Sua voz parecia brincar com os tons, ora agudo, ora grave. Ele já estava no meu campo de visão com um capuz preto que sob a luz da lua o tornava aterrorizante. Ao avaliar minha reação, ele continuou:

— Você acha que o problema sou eu? Estou resistindo para escapar do que está dentro de mim...— ele teve dificuldade para falar a última palavra, com as mãos tirando o capuz, concluiu.— Um monstro.

Simon era careca, mas nunca tivera tatuagens e agora estava cheio delas, até na cabeça, como um símbolo a ser lembrado. Suas veias saltadas se tornaram escuras, em seu rosto havia partes desfiguradas. Pela primeira vez eu o encarei, Simon parecia olhar com atenção cada detalhe do meu rosto, ele tinha olhos verdes, excessivamente brilhantes.

— Simon...— falei, embora soou como um sussurro, mas não consegui concluir, toquei seu rosto abismada.

— Eu me transformei em um monstro e vem ficando cada vez mais forte.

Meus braços continuavam escorrendo san-

gue, a dor parecia insuportável agora.

— Desculpe, eu tentei me controlar.— continuou.

As lembranças de sua transformação vieram em meus pensamentos novamente, todo o processo havia sido doloroso, seus olhos estavam totalmente brancos, eu tentava fugir, mas as unhas de Simon me seguraram com força o suficiente perfurando meus braços, eu gritava.

O observei sem culpa. Enquanto ele me encrava, senti uma onda de desejo desesperado perdido em seus olhares.

— Por que agora?

— Eu nunca disse que queria isso, esse fardo veio e fez de mim seu hospedeiro, me apego a coisas que menos importam, sou instável, um erro imprudente.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, arrepios tomaram conta de toda a minha espinha. Tentei me aproximar, mas Simon continuou:

— É melhor irmos andando, ele pode voltar.

— Quem?

— O monstro.

Caminhamos até eu enxergar um brilho branco sendo emitido por alguma coisa de metal no chão, ao me agachar para alcançar o objeto, acabei me desequilibrando, havia muita água espalhada por todas as partes. Simon me ajudou e em seguida, de algum modo eu estava nos braços dele e

ele estava me beijando.

Inicialmente, foi quase como se ele não quisesse, sua boca estava dura, inflexível, somente depois de colocar os dois braços ao meu redor e me puxar para perto nossos lábios suavizaram, foi como se eu tivesse caído no infinito negro. Eu podia sentir seus batimentos cardíacos cada vez mais rápidos e entrecortados, o espaço entre nós era quente, elétrico.

Sentir algo por ele foi como observar todo o sangue do corpo escorrer pelo meu braço, gota por gota caindo ao chão lentamente enquanto o contemplo gostando da sensação mesmo sabendo que no fim eu não sobrevivo e não havia nada que eu pudesse mudar. Então repentinamente ele me soltou.

— Molly!— ele disse quase como uma súplica.— Ele vai voltar, corra!

Simon colocou as mãos em sua cabeça e gritou de dor, até seus olhos ficarem completamente brancos. O monstro havia tomado conta de seu corpo, comecei a correr desesperadamente, mas sem esforço algum ele me alcançou.

— Se eu fosse você, não correria.

— Por quê?

Desafiei o monstro, que dando uma risada assustadora, seguido de uma expressão séria, disse:

— Porque foi exatamente assim que tudo começou...

MANIFESTO MORTUÁRIO

“E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. (Apocalipse 20:12-13)”

Quando fui chamar papai para o jantar, abri a porta de seu quarto e vi que ele segurava seu terço, a cabeça baixa. Como não notou minha presença, mesmo com o ruído causado pelo atrito de meus pés no assoalho, fiquei lhe observando. Quase num sussurro, papai fazia uma prece a um de seus santos, suplicando que pedisse a Deus para aspirar seu fôlego de vida, que rasgasse a sua alma em mil e um pedaços, que lhe arremessasse para distante dos terrores humanos e lhe repousasse ao lado de ma-

mãe. Saí dali e fui até o pequeno oratório que havia na sala, adquirido em uma lojinha de produtos sacros em Ouro Preto. Acendi uma vela e, de joelhos, também rezei a um santinho de argila que atendes-se sua prece.

Acho que papai é mesmo um desgraçado! Levou uma vida inteira desperdiçada, sustentando as fartas barrigas de todos aqueles que jamais talharam suas mãos com calos, suor e sangue. Agora, velho, não serve mais para os barões e pouquíssima utilidade tem com uma saúde irreversivelmente debilitada. Vem tossindo faz muitos dias, uma tosse seca de moribundo que o estremece qual uma locomotiva. Acho que deve ser tuberculose ou coisa do tipo. Papai se recusa a ir ao médico, tampouco quer se tratar. Está decidido a morrer e deseja que o tão jubiloso evento se dê da forma mais dolorosa possível, porque acredita que somente uma morte lancinante poderá purificá-lo de todos os seus pecados e dessa maneira livrá-lo do purgatório e do inferno. A bem da verdade, papai não teme o inferno; tenho a impressão de que ele até gostaria de ir para lá, mas deseja se encontrar com mamãe, a qual acredita piamente ter ascendido ao Paraíso.

Mas não consigo acreditar que mamãe era essa santa que papai tanto prega e rememora com paixão.

Levei papai até a sala de jantar e lhe servi do caldo de canela de porco. Ele comeu com muito

nojo e, um tremendo mal-educado, não conseguia disfarçar sua repugnância em cada muxoxo escandaloso, em seus olhares cheios de rancor e no cenho franzido. Se estivesse mais forte, tenho a certeza que jogaria a tigela no chão e me atiraria uma saraivada de pragas. Papai comeu, porém, tudo, tal e qual o prisioneiro que a beira da morte tem direito ao seu último jantar.

Como sempre ocorria, jantávamos investidos pelo silêncio que era tão apreciado por nós dois. Filho de peixe, peixinho é: herdei de papai, entre muitas outras coisas, o mesmíssimo ódio corrosivo por meus inimigos, a paixão avassaladora em causar dor àqueles que me provocaram sofrimentos, a necessidade improrrogável em ver todo organismo vivo suar e murchar e padecer, despedaçado feito uma flor, desfazendo-se como farinha, talvez empalhado como os meus antigos animaizinhos na cristaleira da sala. Temos os mesmíssimos olhos ebâneos, a mesma estatura e, por certo, nutrimos as mesmas aspirações e códigos de conduta. Mas papai insiste em me ver como um monstro, talvez a emulação de um homem que jamais poderá ser uma pessoa legítima com sangue nas veias e um coração pulsante. O que esse tolo nunca conseguiu perceber, preso em suas convicções erguidas para ferir e magoar, é que o mostro foi gerado por outro. Entretanto, como já escreveu Hilda Hilst, aquela mesma que me ensinou o significado de derrelição e

tantas coisas mais, para o desgosto de papai minha estrutura é completamente amorosa. Ou seria uma carcaça desamparada?

O silêncio somente era perfurado pela tosse de papai, pelo tilintar dos talheres e, vez por outra, pelo miado rouco de Frida, minha gatinha que geralmente prefere estar sobre os muros dos vizinhos ornados com cacos de vidros, tudo para impedir roubos dos moleques viciados do bairro. Gata mais esquisita, gosta de ter as patinhas cortadas para depois lambe o próprio sangue.

De volta a papai. E se, por um lado, não falávamos nada, por outro, nossos olhares inquietantes estavam carregados de subentendidos. Desde pequeno sei que papai não gosta de mim. Nunca o declarou, mas, embora jamais faltou com suas responsabilidades, também nunca fez algo para quebrar essa sólida impressão. Mas não posso culpá-lo, não. Seu asco germinou com a morte de mãe, causada por mim quando rasguei seu ventre e fiz todo seu sangue jorrar, seus olhos se tornarem opacos e o ar esvaír de seus pulmões. Agora, transcorridos muitos anos de indiferença, sabendo que está à beira de um caixão já encomendado, ele vem se aproximando por meio de pequeninos gestos que, longe de representarem ternura, mostram tão somente tolerância à custa do afeto duramente negado.

Mas, como expressei, não culpo papai, de for-

ma alguma. Ouvi falar que meu avô lhe tratava pior do que lixo. Agir desse modo deve ser o reflexo da criação que teve, transmitindo de seu pai a mesmíssima maldição para mim. Amaldiçoados então sejamos todos, a carne depravada que para sempre transmitirá esse sangue ralo ao fruto podre gestado! Portanto, e digo com louvor, Deus que me livre de reproduzir essa calamidade e botar no mundo filho meu para sofrer e odiar, matar, padecer e ser arruinado por essa maldição ancestral e inextinguível.

Um relâmpago rasgou o céu e uma tempestade desabou de uma só vez. Corri para fechar as janelas que costumo deixar abertas para revigorar o ar empestado pelo fedor de papai. As cortinas, comidas por traças, estavam cobertas por camadas grossas de poeira. Não consigo me recordar da última vez que as tirei para lavar. No corredor que dá acesso à sala onde jantávamos, o relógio de carrilhão soou e, por meio de doze vigorosas badaladas, anunciou que era meia-noite. Papai pediu que eu colocasse um de seus discos, pois tinha uma fome absurda de música. Então Dolores Duran povoou a casa, sua voz entrecortada pela tosse violenta de papai. Não foi ela quem pediu para que não a acordasse, pois queria dormir até morrer? E não foi mesmo assim aconteceu?

Deixei a música preencher o ambiente e fui lavar as louças. Os clarões dos relâmpagos penetra-

vam pelas janelas e se derramavam pelo piso assoalhado. As árvores farfalhavam, quase que arreca-dadas pelas raízes, e o som de uma sirene irrompeu de modo agourento, arauto que tanto anuncia desgraças, especialmente entre os mais pobres. Após passado algum tempo, papai pediu que o levasse para a cama, estava cansado e ansiava pelo bálsamo do sono.

Quando desejei para papai que tivesse uma boa noite, ele arregalou os olhos para mim, como se visse algo às minhas costas. Mas, apesar do horror em seus olhos, não havia nada que pudesse provocar seu medo. Como se não bastasse a tosse e a surdez de um dos ouvidos, talvez já estivesse delirando. Tal e qual uma criança que tem medo do escuro, papai pediu que deixasse a luz do quarto acesa. Não o questionei e atendi seu pedido. Em seguida, papai se virou e mandou que eu me retirasse.

Fiquei um tempo acordado, sentado na poltrona da sala com O estrangeiro, de Camus, em mãos, os olhos pousados nas palavras, mas a minha mente me guiava em pensamentos assombrados pelo passado. Depois já de pé, andei de um lado para o outro, absorto em infinitas inquietações, o assoalho podre quase ruindo em razão de meu peso. Fez, no dia anterior, exatos dois anos que enterrei minha mulher, vítima de um brutal assassinato que desfigurou seu rosto e impediu que fosse velada com o caixão aberto. Virgínia, doce Virgínia, que

saudade...! Como eu gostaria de aninhar-me em seu peito, acalentar-me novamente com sua voz e ter a certeza de que vale a pena viver neste mundo tão sórdido. Mas você foi violentamente arrancada de mim e nem ao menos pude me despedir e agradecer por todas as vezes que me salvou, por tudo de bom que me fez. Virgínia, amada Virgínia, traga luz para minha vida penumbrosa; guia-me nas veredas trevosas que desbocam num largo de pavores e sofrimentos.

Ela, no entanto, não respondeu a minha súplica. A bem da verdade, não poderia fazê-lo: os mortos não falam; mas veem e ouvem.

Pelo espelho na sala, encarei o reflexo de meu rosto tantas vezes vilipendiado, desfigurado por uma longa cicatriz que desponta na testa, rasga sinuosamente toda a pele e termina no lábio inferior, ocultado pelos longos cabelos sebosos e salpicados de grisalho e do tingimento ruivo que em poucas semanas desapareceria. Bebi meia garrafa de vinho e uma gargalhada homérica explodiu de minha boca. Eu debochei de meus infortúnios e condição disforme. Fui até a sacada contemplar a tormenta que corrói a cidade. As lembranças então irromperam e flagelaram minha alma pulverizada. Papai sentia gosto em dizer que Virgínia era louca por ter se casado comigo. Nunca nos aprovou. Sei que os dois segredavam coisas, perambulavam de noite pela casa, sussurrando confidências e me

apunhalando pelas costas. Papai bem merece estar entrevado nessa cadeira de rodas! Mas Virgínia, não há passado um só instante desde sua morte que não sinto sua falta... Neste instante, talvez ela esteja dançando com os demônios, os embebedando com sua volúpia e semeando a discórdia entre pais e filhos.

Enquanto pensava nisso, ouvi o piado de uma coruja rasga-mortalha. Já estava por deveras tarde e, assim como papai, eu precisava receber o refrigerio do sono. Deitei-me em minha cama e, tão logo que apaguei a luz do candeeiro, a escuridão se adensou sobre o aposento. Meus olhos pesaram e não demorei a dormir. Tive pesadelos macabros e acordei com o som de vozes de velhas, risadas de homens loucos e o barulho de móveis sendo arrastados no andar de baixo. O cheiro de plantas damas da noite contaminou o ar. E então, um assovio vindo de não sei onde invadiu a casa. Senti-me gelado feito o túmulo de mamãe, no Cemitério do Bonfim; ondas de arrepios se espalharam por todo meu corpo. Uma forte tontura me acometeu e somente recobrei o juízo quando alguém bateu à porta de casa.

Assustado, fui ao quarto de papai e notei que a luz estava apagada. Ele dormia tão profundamente que não me escutou chamá-lo. Procurei não insistir. Lembrei-me do salmo 91 e rezei baixinho, contudo também lembrei que não existe nenhum

Deus. Desiludido, Ele se foi há muito tempo. No entanto, há uma deusa: a Morte, a Senhora dos Condenados, Grandíssima Ceifadora, onipotente e onipresente. Diferente de papai, tenho muito medo dos suplícios do inferno, não posso partir ainda. Minha obra não foi concluída nesse mundo. Roguei ao Espírito da Morte que me guardasse e preservasse minha vida, que me envolvesse com seu véu fumegante e mantivesse distante de mim os infortúnios e as tormentas.

Não obstante não contemplasse sua fisionomia, foram muitas as vezes que presenciei suas ações que provocam irreprimíveis prantos, gemidos angustiantes e alentos finais. Ao longo de toda minha vida vi muitas pessoas morrerem, nas mais diversas circunstâncias, e sabia que em todos os momentos funéreos, invisível aos meus olhos, a Ceifeira estava lá executando seu trabalho, em cada tiro disparado, faca em riste, dedos na jugular, sopas envenenadas, acidentes fatais, nos olhos de Virgínia subitamente descorados de vida – ah, que saudade, Virgínia! Sempre austera, Ela suga as almas dos desgraçados e parte para novos chamados em cada canto desse mundo. Assim é desde o início dos tempos, desde que o mundo é mundo, assumindo muitos nomes e diversas faces.

A tempestade ainda desabava. Tomei coragem e fui ver quem era o estranho que chamava àquelas horas mortas. Assim que abri a porta,

vi que se tratava de uma velha agigantada trajada em farrapos, os cabelos ralos e mais brancos do que açúcar, a face angulosa e, mesmo ereta, suas mãos enormes quase tocavam o chão. Parecia uma criatura infeliz, uma fugitiva de um circo dos horrores! Seu hálito escaldante enrijecia meu rosto. Perguntei o que ela queria e, muito educadamente, com sua voz cavernosa me pediu tabaco. Disse que não tinha, que ninguém naquela casa fumava. Ela, como se não me escutasse, novamente pediu tabaco e, quem sabe, um gole de cachaça se não fosse me incomodar. Seu pedido foi secundado por um estridente assovio que vinha de seus lábios enormes e enrugados. Mais uma vez respondi que não tinha e quando ela insistiu no mesmo pedido, mandei que fosse procurar tabaco no inferno.

A velha então tossiu em meu rosto. E era uma tosse violenta, cheia de muco, de modo que seus pulmões quase que saltaram pela boca. Irritado, fechei a porta, retornei para a minha cama – de onde não deveria ter saído – e, tão logo me cobri com os cobertores, voltei a dormir. Os piados de uma coruja rasgaram a noite, mas isso não atrapalhou meu sono.

A aurora desabrochou e me revigorou com esperança. De manhã, enquanto fazia o café de papai, me senti dominado por uma aura de felicidade, mas meus pensamentos perturbadores não abandonaram minha carne. Lembrei-me de uma

história que papai contava para me assustar. Há muitos anos, numa noite chuvosa que entrou para a história por ter matado e desabrigado milhares de pessoas na cidade, ele testemunhou uma estranha mulher vir a meu auxílio. Mamãe tinha morrido no meu parto e eu não possuía mais do que algumas poucas semanas de vida. Papai me contou que, naquela noite, acordou com meu choro e foi ver o que se passava. Eu era bem fraco e ninguém acreditava que um recém-nascido repleto de problemas de saúde, com um rim morto, fosse viver por muito tempo. Ao chegar em meu quarto, parado sob o marco da porta, papai jura por Deus e por todos os santos que viu uma mulher me amamentando enquanto sibilava uma canção de ninar. Ao se virar e contemplá-lo, papai observou que o rosto dela se transmutava nas faces de todas as pessoas que conheceu e partiram para o além ou para outros mundos não descritos nos textos sagrados. A mulher então me colocou no berço e fugiu pela janela de meu quarto. E desde essa noite, nunca mais chorei.

Era mesmo uma história intrigante. Papai sempre dizia que a Morte rondava minha vida e que ela queria me levar. E sempre que pensava nisso me enregelava de medo e era assaltado por calafrios. Melhor pensar noutras coisas que não estragassem aquela bela manhã.

O sol rasgou as nuvens de chumbo e espalhou

um terrível calor por aquela região condenada ao sofrimento. Havia em nosso quintal uma linda quaresmeira, desfolhada por causa do último temporal. Aos seus pés eu tinha plantado rosas que finalmente tinham desabrochado, o orvalho refletindo seu vermelho intenso e visceral. Chamei Frida para dar-lhe ração, entretanto ela devia estar metida em algum dos muros dos vizinhos. Quando sentisse fome ela por certo viria, esfregando-se em minhas pernas, dando seus miadinhos enjoados. Gata mais interesseira.

Enquanto eu regava as plantas, transformando a terra em barro, afogando as minhocas, ouvi um bater de asas e os pios agudos de uma coruja rasga-mortalha. Era a mesma coruja da última noite. E sei que havia feito morada no jatobá centenário aos fundos da casa. Resolvi procurar a coruja, mas não a avistei. Dei de ombros e voltei para a cozinha.

Coloquei o café no bule, abri um novo pote de manteiga e coloquei na cesta os pães fresquinhos. Fui acordar papai e trazê-lo para tomar seu café, mas ele estava imóvel na cama, meio litro de baba escorrendo da boca e os olhos escancarados fixados no teto. Pobre papai, agora era apenas uma lembrança, bem como Virgínia e mamãe. Fechei seus olhos com alguma dificuldade, lhe cobri com um lençol e virei de costas para ele todos os seus santos que estavam sobre a cômoda. Pretendia enterrá-lo

ao lado da cova de Virgínia mais tarde, no quintal da casa, a sete palmos abaixo da quaresmeira desfolhada. Mas agora preciso ir à peixaria comprar salmão e bacalhau para a Semana Santa. E ovos, não posso me esquecer deles! Ah, e de forma alguma não posso me esquecer de agradecer ao santo de argila por ter ouvido minha prece. De noite mato a coruja.

ROLETA DA VERDADE

Os seis detentos entreolharam-se dentro da pequena cela escura, gélida, úmida, fedendo a urina e a fezes humanas! O silêncio era sepulcral, ninguém conversava, mas todos sabiam o motivo de estarem naquele buraco imundo, onde o tempo parara e a aflição da incerteza só começava.

Um estampido oco e metálico propagou por todo o cômodo fétido, e a pequena porta de ferro da cela abriu-se, adentraram quatro pessoas, duas portando fuzis que carregavam um indivíduo do sexo masculino, desacordado, todo ensanguentado e machucado, mas ainda vivo, quer fosse isso bom ou ruim dada as circunstâncias. A quarta pessoa, e última, a adentrar pelo recinto, segurava, em uma das mãos, um revólver calibre 38, marca Rossi, tambor com capacidade para seis unidades de carga e empunhadura de borracha, completamente municiado. Esse homem que portava o revólver se postou ao centro dos outros comparsas que portavam os fuzis e, de frente ao homem moribundo que

fora deixado sobre o revestimento lodoso e insalubre que cobria todo o piso da cela:

– Vocês sabem as regras! O chefe deu o prazo de 1 hora para o engraçadinho que comeu a mulher dele, agora de manhã, entregar-se; o restante será poupado! Ela confessou ao chefe que um dos “soldados” que estavam vigiando a casa transou com ela na cama dele! Os “soldados” do dia eram vocês, então, um de vocês meteu o pau onde não devia. A primeira dama da organização não se lembra do rosto do infeliz, pois estava sob o efeito de crack, mas alguém vai pagar por isso aqui, hoje, e não se-rei eu! Vocês sabem como é o chefe!

O sujeito corpulento, de pele ressecada pelo Sol, com terno alinhado e sapatos italianos (que lhe causavam constrangimento por pisar naquele pardieiro), retirou todos os cartuchos da arma e recolocou apenas um no tambor do revólver, que reluziu toda sua cobertura prateada ao refletir a luz amarelo-opaca proveniente da lâmpada incandescente, com claridade bastante tênue, ante os desgastes dos filamentos, que acabara de ser acesa por outro capanga que se posicionara do lado de fora da cela, também, com um fuzil a tiracolo.

– Este filho da puta era o encarregado, do dia, de não deixar a patroa usar crack, recebeu ordens específicas do patrão quanto a isso, esse miserável! Terminou a frase chutando violentamente a porção central do estômago da sua vítima.

A vítima, já quase convalescente, vomitou sangue sobre o sapato bastante lustrado da única pessoa elegantemente vestida no local, enquanto, ao que parecia, conjurava algo completamente ininteligível em uma língua antiga, há muito esquecida, em meio a golfadas dolorosas de líquido vermelho e denso que se acumulava no chão, já anteriormente manchado de sangue.

– Você acha que falar com seus demônios agora vai lhe ajudar em alguma coisa “Necromante”? Acha que eles virão para lhe vingar? Aliás, que apelido estúpido foi esse que o patrão lhe deu? Por sua causa estou obrigado a permanecer nessa fossa imunda, por sua causa, a patroa deu uma recaída e, agora, sou obrigado a contaminar-me aqui com vocês. Antes de terminar a frase, um longo e incômodo gemido fez-se onipresente motivado pelo segundo chute na região do estômago que o infeliz recebera. – Sabem qual é minha alcunha na organização? — Continuou: – Eu sou o “Contador” e, ao contrário de vocês, sicários fracassados, o meu apelido representa realmente a função que desempenho na organização. Por lidar com tamanha responsabilidade, o patrão sempre me incube de fazer os serviços mais sujos que envolvam assuntos delicados e de cunho íntimo como agora. Só confia em mim para isso e, por isso, estou aqui; sei que acham que a confiança excessiva que ele deposita em mim é fruto do meu parentesco, já que nossas

mães são irmãs. Mas não se iludam, bando de derrotados, apesar do voto de confiança, se eu pisar na bola com o chefe, terei o mesmo destino de vocês!

“Contador” olhou para “Necromante” que, com muita dificuldade, continuava a movimentar os lábios e a gesticular com as mãos, cujos dedos estavam completamente lesionados e cobertos de sangue, cortesia da tortura que recebera a mando do chefe. O “Contador” retirou um lenço do bolso do paletó e limpou o sapato direito que se impregnara com o sangue do “Necromante”.

Após conferir meticulosamente se o sapato voltara ao brilho original, o “Contador” pegou a arma e, sem aviso, deu um tiro na testa do “Necromante”, que tombou inerte junto à parede na qual se encontrava encostado, deixando um rastro de sangue e fragmentos de massa cefálica no caminho e sobre o sapato esquerdo do “Contador”, que não conseguiu mais manter a compostura:

– O negócio é o seguinte, seus estúpidos, todos conhecem o jogo roleta russa, não conhecem? — Terminou de dizer enquanto limpava novamente o sapato, só que dessa vez o esquerdo. — É aquele jogo onde se utiliza um revólver como esse — disse mostrando o revólver com tambor aberto. — Coloca-se apenas uma munição no tambor. — Disse enquanto retirava a cápsula vazia do último disparo e colocava outra munição intacta no lugar. — Rodasse o tambor, aponta-se o revólver para a cabeça e

atira! Lembram? Nossa roleta russa será um pouco diferente, o chefe a chama de “roleta da verdade”! Toda vez que rodar o tambor e Deus ou o diabo interceder pelo infeliz, coloca-se mais uma munição no tambor para a próxima roleta e assim sucessivamente, entenderam? Lembrando que sempre iniciamos com uma munição.

Antes que alguém tivesse a oportunidade de se pronunciar, já que se tratavam de perguntas meramente retóricas, o homem conhecido como “Contador”, continuou: – O chefe, inclusive, já determinou a ordem dos disparos: “Sociólogo”, “Filósofo”, “Químico”, “Biólogo”, “Historiador” e “Matemático”, nessa ordem! Sinceramente, não sei por que o chefe escolheu esses codinomes de bacanas para vocês, já que não passam de uns analfabetos boçais! Mas é ele que manda! — Terminou a frase entregando a arma para o “Sociólogo”.

O “Sociólogo” não conseguia esconder o nervosismo, nunca ouvira falar de Durkheim, Marx, Habermas, Weber, Adorno e nenhum outro sociólogo famoso ou não. Mesmo sem instrução, o “Sociólogo” sabia que as chances de morrer naquele momento não eram remotas. Rolou o tambor e apontou para a têtpora direita, já que era destro! No lugar de um estampido, ouviu-se um click seco! Era o sinal claro de que “Sociólogo” escapara com vida!

O “Filósofo”, por sua vez, não era muito di-

ferente, o mais perto que chegara de Sócrates foi quando conheceu o jogador da Seleção Brasileira de 1982! Foi um domingo no shopping de grã-fino, trabalhava como porteiro, um dia que ele nunca esqueceu! O “Contador” adicionou outra munição ao tambor e entregou o revólver para o “Filósofo”, que, sem girar o tambor, apontou o revólver para a cabeça e efetuou o disparo! Novo click!

Os outros participantes, exceto “Sociólogo”, vociferaram pragas e maldições, alegando que “Filósofo” não rodara o tambor. – Foi providência divina! — Disse “Contador” em tom de palavra final.

Outra munição foi adicionada ao tambor do revólver, e este foi entregue ao “Químico”. Se estivesse a altura de sua alcunha no bando, ele saberia que a combustão da pólvora é exponencialmente potencializada pela pressão exercida dentro do estojo da munição, por isso, se atirasse no local certo, não sentiria nada ou quase nada ao morrer. Ao contrário do “Filósofo”, o “Químico” rodou o tambor sete vezes, seu número da sorte, apontou para a cabeça e ouviu-se novo click.

Novo alvoroço, a reclamação, desta vez, era por motivo contrário ao anterior, pois o “Químico” rodara o tambor da arma sete vezes! “Contador” examinou o revólver e as munições, adicionou outra munição ao tambor e, após entregar o revólver para “Biólogo”, disse: – Providência divina! Parem de reclamar que isso já está demorando demais,

não tarda, o chefe vem aqui querer saber o que está acontecendo, e vocês sabem que, se vier aqui, pessoalmente, ele mata todo mundo!

O “Biólogo” suava frio, mesmo não tendo a menor ideia do que seriam glândulas sudoríparas, glândulas écrinas, glândulas apócrinas e hiperidrose. O revólver quase escorregou de sua mão devido ao suor, após mais um click!

O “Contador”, já completamente impaciente, examinou novamente o revólver e adicionou a quinta munição, antes de passar o revólver para “Historiador”. Faria sentido se o “Historiador”, antes daquele momento decisivo de sua vida, rememorasse todos os acontecimentos históricos desde a idade antiga, passando pela média, moderna e contemporânea, como arcabouço teórico que justificasse um fim tão insosso como aquele para ele! Mas o “Historiador” tinha memória ruim, não se lembrava bem de fatos passados. A única lembrança nítida que tinha, de sua infância, era de sua mãe cantando quando ele passava mal, música que ele cantava baixinho agora.

“Não sabemos muito sobre o sal da terra, sobre a fé dos montes, sobre os horizontes*...”. Novo click! E todos olharam para o “Matemático”, que permaneceu em silêncio, pois sabia o que o último click significava!

Ao contrário do restante, o “Matemático” se lembrava muito bem das aulas de probabilidade que

recebera no colégio interno que frequentara quando adolescente. Quando “Sociólogo” rodara a roleta, as chances de ele escapar eram de $5/6$; “Filósofo” $2/3$; “Químico” $1/2$; “Biólogo” $1/3$; “Historiador” $1/6$, o que levava a concluir que o “Matemático” tinha 0% de chances de escapar naquele momento!

O “Contador” entregou o revólver para o “Matemático”, os sujeitos dos fuzis posicionaram-se apontando-os para o “Matemático”, caso ele tentasse alguma manobra não puramente suicida! “Matemático” pegou o revólver e, antes de colocar na boca para atirar, proferiu em voz alta:

– Fui eu que comi a mulher do chefe! E quer saber, foi péssimo! Ao contrário do que o chefe disse para mim, ontem, “Contador”, depois de comer a sua mulher!

Após acionar o gatilho, o projétil destruiu partes do cérebro por onde passara e saiu pela região occipital, então, alojando-se na parede oposta. No momento em que o corpo do “Matemático” tombara sem vida, a lâmpada do cômodo explodiu, deixando a iluminação da cela a cargo dos poucos raios de Sol que imergiam através da pequena fresta que chamavam de janela; em ato contínuo e quase simultaneamente, a porta da cela, confeccionada em metal, fechou produzindo um estrondo similar ao disparo de um revólver; ouviu-se, também, os berros do sicário responsável pela segurança do lado de fora.

Após os olhos acostumarem-se com a pouca iluminação do recinto, o “Contador” tentava, sem sucesso, abrir a porta e entender o que diabos estava ocorrendo, enquanto empunhava o revólver na mão direita, motivo pelo qual não percebera que o corpo de “Necromante” estava em pé, mesmo sem vida, com um ferimento fatal na testa, de onde escorria sangue sobre seus olhos fechados.

Quando o fenômeno surreal e macabro foi percebido por todos, tiros de fuzis e, posteriormente, de revólver foram ouvidos ininterruptamente por toda a propriedade, até as munições acabarem.

O corpo moribundo, sem vida, de “Necromante” demonstrou ser completamente imune aos disparos e permaneceu inerte, ainda, ereto. Após alguns breves segundos de silêncio ensurdecidor por conta do fim dos disparos, a criatura abriu os olhos e reluziu todo o revólver cromado de vermelho visceral fogo, moveu-se na direção do “Contador”, que, a essa altura, continuava a acionar o gatilho, mesmo que as munições estivessem acabado há tempo. Momento no qual ele se deu conta que sua vida de excessos e opulência se enceraria brevemente de forma surreal, agonizante e cruel!

* Dança das Luzes, Zé Ramalho.

COPO VAZIO

Esvazie-me como um copo, jogue-o no chão, junte seus fragmentos, pressione-os sob minha pele, faça-me sangrar, grite diante da taça, estoure a fina camada de vidro com sua intensidade vocal, perca o ar, perca o controle. Violente-me. Faça-me seu objeto, arraste-me como corrente, faça-me acreditar que o líquido era azedo demais e arremesse-o em meus olhos. Violente-me. Violente-me como nunca o fez antes, violento-me com seu ódio, violento-me enquanto diz palavras aleatórias insanamente, violento-me esquecendo o começo de tudo e me dê o fim. Nada mudará quando tentar juntar os fragmentos do copo. Mais uma vez. Construa-o, tente enchê-lo de novo e veja as rachaduras que deixou, tente fechá-las e perceba que o líquido sempre jorrará contra seu favor, o vazio nunca será preenchido. Serei partículas de pó brilhante e mortal para quem o inala alcançando seus pulmões, perfurando-os como agulhas invisíveis. Tente me expulsar e sinta o gosto salgado do sangue.

V ESTUDANTE E O DELINQUENTE

Esta é uma antiga lenda contada em várias versões. Eis a minha...

21h40. Os alunos da Universidade Federal de Pernambuco deixavam as respectivas áreas do conhecimento, e em bando ou sozinho, cada um seguia o seu caminho; uns se dirigindo para os estacionamentos, quem tinha carro; quem não o possuía, procurava os pontos de ônibus. E aqueles que moravam no entorno da cidade universitária, iam a pé para as suas casas.

Estes corriam algum risco, mas como saíam sempre em grupos...

No meio daquela massa de estudantes que deixava o campus da universidade, caminhava Leticia, que não ia para o estacionamento e nem tampouco para o ponto de ônibus; dirigia-se a passos largos para casa, pois morava a alguns quarteirões de onde estudava. Era só atravessar o viaduto da Avenida Caxangá, cruzar esta avenida e chegava a

sua casa no bairro de Iputinga.

Letícia estava no seu primeiro ano de faculdade, fazia pedagogia, e sonhava concluir o curso e ser professora para ensinar às crianças o caminho do bem e tirá-las — pelo menos qualquer quantidade já seria suficiente e compensador— da violência das ruas.

Estava muito feliz na força dos anos, na plenitude de sua mocidade, orçando pelos dezoito anos e estar começando a pisar o caminho que a levaria a realizar o seu sonho, visto que já era uma educadora infantil numa escola municipal de seu bairro.

Enchia-se de orgulho quando era chamada pela meninada, de tia Letícia. E sempre sorridente e com muito carinho, corria para cuidar das crianças que não paravam de chamá-la.

— Tia, ele tomou minha borracha!

— Tia Letícia, esse gordinho riscou meu desenho!

— Tá na hora da merenda, tia?

Essa gritaria tumultuava toda a sala de aula durante a manhã inteira, pois os meninos faziam uma algazarra de doer os ouvidos.

Durante o recreio, ela se multiplicava para formar fila com a criançada e levá-las à cantina.

Cada professora chegava ofegante, com a sua fila que não parava de se misturar com as demais. Mesmo dentro da cantina, elas ainda corriam atrás de um e de outro para trazê-los para a sua turma.

À noite, durante as suas aulas na faculdade, Letícia ficava observando o mestre diante da turma, sem muito aperreio, unicamente com maestria repassando os seus conhecimentos. Nessa hora ela ficava sorrindo por dentro e imaginando um daqueles professores na sua pequena sala tentando ensinar o abecedário para aquela meninada pobre de sua escola.

Letícia ficava pensando: “Quantos de sua escola, anos mais tarde, iriam sentar-se onde ela agora estava sentada, quantos?”

* * *

Ela atravessou o viaduto, cruzou a movimentada Avenida Caxangá, e seguiu pela Estrada de Barbalho, dirigindo-se para a sua casa na Iputinga, quando sentiu passos apressados vindos em sua direção.

Nessa hora o seu coração agitou-se, e lançando uma olhada rápida e interrogativa para trás, avistou, na penumbra, um vulto que vinha quase correndo. Letícia tentou apertar os passos, mas foi em vão, logo o vulto se transformara numa pessoa e esta já chegou segurando com força o seu braço.

Eles estavam num trecho deserto da rua, com boa parte da iluminação pública deficiente ou ausente, no final do primeiro quarteirão da Estrada do Barbalho, mas era esse o caminho mais perto

para levá-la a sua casa.

O bandido extremamente nervoso e muito apressado anunciou-lhe o assalto.

— Calma meu senhor! — apavorou-se Letícia, pensando que estava sendo atacada por alguém mais velho, porém se tratava de um adolescente. — Eu não tenho dinheiro. Só os meus livros e este celular.

Era um celular vagabundo, de pobre, que só funcionava para ligações e mensagens. Mas o meliante o arrancou mesmo assim das mãos da menina, fazendo-a derrubar os seus livros pela calçada. Só que ao arrancar o celular de sua mão, o vagabundo sentiu um grosso anel no dedo anular de Letícia. E segurando-a pela mão, tentou puxá-lo, mas o anel já estava há tanto tempo no dedo dela, que não queria sair.

Esse bonito anel, Letícia ganhara no dia de seu aniversário de quinze anos, quando seu pai, durante um tempo prolongado, com sacrifício juntara um dinheirinho para comprá-lo.

Fez algumas economias com a venda de verduras na sua barraca no entorno do Mercado São José. Ele era verdureiro e a sua mulher trabalhava de zeladora na mesma escola onde Letícia lecionava. Até as suas pingas foram deixadas de lado para que a sua única filha recebesse como presente de seus quinze anos, aquele anel de ouro.

Mas o bandido o queria de todo jeito, e não

mediu esforços para arrancá-lo do dedo da menina.

Por outro lado, Letícia não queria entregá-lo, pois sabia o valor simbólico daquele anel e o quanto seus pais se sacrificaram para presenteá-la naquela data marcante e inesquecível.

Na tentativa de soltar-se do meliante e fugir de suas garras, Letícia travou uma luta corporal com ele e ambos caíram atracados na calçada, rolando de um lado a outro, e de repente a estudante deu um grito de dor e caiu para um lado, esfaqueada no peito e com a garganta cortada de um lado a outro.

Aos poucos a sua visão foi ficando enevoada e nada mais conseguia enxergar, e as suas forças foram escapando-lhe e seus braços caíram para os lados.

O canalha continuava tentando tirar o anel daquele dedo inanimado, e como não conseguia arrancá-lo, resolveu cortá-lo. E ao som do corpo dela se debatendo, pois ainda agonizava no chão frio da calçada, seu dedo anelar da mão esquerda foi decepado pelo criminoso.

Ela deu apenas mais um gemido e continuou na sua agonia contra a morte.

O assaltante correu de rua afora, com o dedo da menina preso à mão, ainda sangrando, deixando-a sangrando na calçada.

O delinquente levou o anel, pois o dedo foi jogado no caminho, e sumiu pela Estrada do Bar-

balho, desaparecendo na penumbra das ruas mal iluminadas e procurou esconder-se nas favelas assentadas às margens do rio Capibaribe, naquele mesmo bairro.

Talvez fosse ali a sua comunidade.

* * *

Esse adolescente criminoso morava num barraco à beira do rio e vivia perambulando e roubando pela rua desde que fora expulso da escola. E fora expulso porque furtou alguns objetos na bolsa da professora e ainda feriu um coleguinha com uma gilete.

Fora preso várias vezes, mas como as nossas leis protegem o menor, esse pequeno meliante estava solto nas ruas a praticar furtos, roubos e latrocínios.

Geralmente ele só procurava a favela para dormir, e se escondia no barraco de sua tia, pois seus pais haviam-no jogado, ainda engatinhando, no colo dessa tia, que outrora o deixava comendo lama na beira do rio enquanto lavava um monte de roupa.

Era irmã de seu pai e lavava para as pessoas da avenida.

O pai estava numa penitenciária, pagando pena por latrocínio, e a mãe vivia solta no centro da cidade vendendo o corpo e dormindo por lá

mesmo.

No seu currículo de delinquência já havia passado por todas as medidas socioeducativas previstas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade — quando passava por essa fase, fora colocado para prestar serviços no Hospital Barão de Lucena, próximo à sua comunidade, e durante as três horas que passava naquela entidade, ele conseguiu furtar quilos e mais quilos de materiais e medicamentos hospitalares, até o dia em que foi descoberto o crime e ele jogado às próximas fases — liberdade assistida, regime de semiliberdade e por último, internação.

Dentro do sistema, ele foi agressivo, participou de uma tentativa de fuga e quase tirou a vida de outro interno. Iria ficar três anos, mas o juiz que verificou as suas avaliações decidiu por libertá-lo.

De novo estava esse criminoso nas ruas, praticando as mais variadas atrocidades.

Pouco tempo depois da decisão desse juiz, foi quando ocorreu o encontro indesejado de Letícia com esse infrator deixado vadiando nas ruas.

* * *

Decorreram sem novidades dias e dias uns após outros, e alguns anos somados, e numa noite de sexta-feira, a três dias do encerramento da 76ª Exposição de Animais no Parque do Cordeiro, um

casal enamorado passeava pela praça de alimentação e passava pelo parque de diversões da exposição conversando alegremente como velhos conhecidos. Mas na realidade eles haviam se encontrado naquela noite de sexta-feira dentro do parque. Cruzaram-se várias vezes no meio da multidão, até que se agarraram um ao outro, e logo adiante as mãos já se procuravam nervosas e as bocas se encontravam. Era um chamego cada vez mais ardente. Não eram eles os únicos que estavam encostados às árvores, havia muitos casais abraçados em recíproca harmonia.

Horas depois, já saciados, a jovem decide ir embora, alegando que já são horas e que seus pais ficam preocupados quando a sua cama é vista vazia após a meia-noite.

Como ela estava sozinha, o rapaz se ofereceu para acompanhá-la. Ela aceitou e os dois saíram do parque, já depois da meia-noite, pois no calor dos abraços esqueceram-se das horas, e seguiram juntos pela Avenida Caxangá até o viaduto, entrando à direita e pegando a Estrada do Barbalho.

Enquanto caminhavam, ao redor daqueles dois formou-se um silêncio enternecido. E continuaram caminhando, apenas de mãos dadas.

A Estrada do Barbalho, mesmo sendo próxima à BR101, continuava escura e muito deserta a essa hora da noite, pois os postes da rua continuavam com várias luzes queimadas e outras quebra-

das pelos vândalos, e não havia luar nessa noite.

Quando terminaram de caminhar o primeiro quarteirão da rua, o rapaz sentiu que a mão de sua recente namorada tinha uma frialdade de gelo, mesmo com o contato de sua mão apertando-a, e na esquina eles pararam e quando ele segurou a mão da menina para aquecê-la, percebeu que lhe faltava um dedo; o dedo anelar da mão esquerda que ele segurava.

Naquele instante ficou indiferente àquela deformidade física, mas quando seus olhos bateram no pescoço dela, viu ali uma cicatriz de um corte que começava a sangrar e quando estava prestes a socorrê-la, percebeu que o toco de dedo também sangrava.

Esteve a ponto de cair morto de espanto, sentiu certo arrepião, mas tomou coragem e procurou saber o que se passava com a sua companheira.

— Foi você quem fez isso comigo! — respondeu a menina, com uma voz pastosa e um olhar sem expressão, onde não havia nada de humano, e sua fisionomia estava, naquele momento, cadavérica e descorada. — Você me assaltou neste local que agora passamos, e além de me assassinar, ainda decepou meu dedo para roubar o anel. — E com um sorriso mórbido a tremer-lhe em torno dos lábios, repetiu aquela frase devagar e com nitidez, mas com um grito profundo e lamentoso: — FOI VO-CÊÊÊ QUEM COR-TOU O MEU DEEE-DOOO!

O infeliz, aliás, o meliante que há anos fizera aquela maldade com a moça, tomado de terror, tratou de gritar, mas infelizmente, não era dono da própria voz e de suas pernas.

Em seguida algo sinistro aconteceu na mesma calçada e na mesma esquina onde Letícia outrora havia caído esfaqueada e morta.

O bandido foi abraçado pela namorada que ele acompanhara até ali, e gradualmente ela foi sentindo o corpo do rapaz esvair-se, até que desapareceu por completo em seus braços, enquanto uma nuvem de fumaça se abatia pesadamente sobre os dois.

Ela também foi se dissipando e sumindo envolta a grande quantidade de fumaça que subia do chão.

Na calçada ficara apenas a fuligem no local onde os dois se dissiparam.

A CONFISSÃO DO DIABO

O Diabo entra na igreja depois da meia-noite. Ele anda em passos firmes enquanto o sino toca, melancólico, as doze badaladas. Já é dia 31

de outubro, feriado pagão. Os mortos não permanecem mortos, os pecadores não permanecem impunes. Todos confessam os seus crimes, mais cedo ou mais tarde.

Engulo seco, esperando pelo Príncipe dentro do confessionário, as cortinas roxas abertas, convidativas. Ele trás consigo a brisa gélida da rua, o ar da catedral se preenchendo com o pecado.

Sinto Nele o cheiro dos bordéis, os gritos das putas e até consigo sentir o gosto suado do prazer. Salgado, excitante. E desconfortável. Fecho os meus olhos e rezo contra a tentação, pedindo perdão para a minha carne fraca em uma confissão para deus. Amém.

Aperto o meu crucifixo de madeira, me acalmando na presença do espírito santo enquanto eu fecho, com esforço, a pesada cortina da minha cabine.

Temo ver a aparência Dele, cada vez mais próximo em seus passos pesados. Rezo mais alto, mas o latim fluente dos meus lábios perdem o significado. Me vejo recitando um idioma desconhecido, ineficaz. Uma memorização insignificante. A presença Dele me confunde. O mais belo de todos os anjos, o Rei dos Caídos. Tantos nomes para Ele que eu esqueço o meu próprio.

O suor encharca as minhas axilas enquanto Ele entra na cabine ao meu lado, a madeira santa sobre os seus pés rangendo em protesto. O ar é quente, crepitante.

Pela grade dourada em formato de cruces eu tento ver a face Dele, mas não consigo identificar as Suas feições. Por medo. Por precaução. —Me perdoa, pai, pois eu pequei... —Ele diz, a voz maliciosa. Há um sorriso em cada palavra Sua. O deboche Dele me enfurece. Sinto toda a minha fé se juntar em um punho bendito mas me acovardo perante a Sua presença. Não sou um Messias.

Inspiro, o ar carregado do cheiro de enxofre. Os gritos de prazer dão lugar aos gritos de dor, o gosto salgado do coito se torna metálico, de sangue.

Os meus braços tremem conforme eu pergunto para Ele qual o seu pecado. Minha mão está branca, a marca da cruz em ambas as palmas mas eu continuo apertando a madeira. A voz que sai da minha boca é desafinada, temerosa. Eu clamo pelo meu deus ausente. Sem pai, sem filho e sem o espírito santo. A santa trindade me deixa a sós com Ele.

—Eu me apaixonei, pai... E engravidei uma mulher, fora de um casamento... Ela era uma freira. Serva de cristo! —Ele diz. Eu rezo de forma silenciosa, reconquistando ao pouco as palavras do latim, mas o Demônio não teme as minhas crenças, as minhas línguas. Ele se fortalece delas, do meu medo, dos meus símbolos. A cruz é para Ele uma vitória. Uma celebração da morte daquele que não deve ser nomeado pelos Seus lábios carnis. Lábios que pingam vinho, o sangue de cristo. Que mastigam o pão, a carne. Lábios que blasfemam o sagrado. Sei disso porque a cruz arde em minhas mãos. Deixo-a cair no chão, as palmas crucificadas. Mais deboche. —Ela estava sozinha, desesperada. Eu também me sentia sozinho, me sinto o tempo todo. Não posso casar, sabe? Nem fornicar. Sendo quem sou, um pecador... Precisava de um alívio e ela estava andando

sozinha naquela rua escura de pedras, com aquela maldita roupa preta que lhe tapava tudo. A curiosidade me dominou, pai, me transbordou. Não foi minha culpa. Foi o meu instinto pecaminoso. Eu precisava ver e eu vi, rasgando o tecido ao som dos gritos dela. O meu estômago se revirou em aversão mas a excitação era maior...

Ele se silencia, esperando por um sinal que mostre que estou Lhe ouvindo, e este sai na forma de um gemido, moroso. A minha pele pálida se umedece inteira de suor e coberto de medo, eu digo para Ele prosseguir. —Ela era tão linda, como se tivesse sido esculpida em mármore. Uma escultura grega, herege. As curvas perfeitas, até mesmo o seu grito era sensual, mitológico. Eu estava diante a própria Afrodite. E não me controlei. Numa oração carnal banhada em suor e resistência, o meu clímax escorreu por entre suas pernas e ela aprisionou o Meu herdeiro. Como Eu poderia ter um filho, sendo eu quem sou?

A minha respiração é arfante, as minhas mãos trêmulas. Procuro o rosário em meu pescoço, mas não está mais lá. Minha batina está pesada com o suor bento. Tento me levantar, mas as minhas forças não me pertencem. A cortina roxa é uma parede de pedras, e eu me sinto aprisionado nesta caixa de madeira, sendo o Diabo o meu carrasco.

—O que eu fiz em seguida foi necessário...

O suor escorre na minha testa, pingando em meu óculos. Sinto uma brisa fria me refrescar, o peso da batina desaparece. Me sinto leve, diferente da consciência de um pecador. Retiro a armação do meu rosto e usando um lenço branco do meu bolso, limpo as lentes. O meu estômago está embrulhado em um nó de repulsa e medo. O Diabo continua confessorando, e cada palavra Sua atinge a minha pele como uma faca. Ele Caim, eu Abel. Ou seria o contrário? Por dentro eu sangro e por fora, choro, desentendido. Jesus é o rei do inferno? Lúcifer o senhor do céu? Não sei, não sei...

—Eu não tive escolha. Aquela pecadora me obrigou, ela não deveria ter me roubado a semente. Seu corpo impuro jamais poderia gerar um fruto meu. A criatura imunda estava crescendo no ventre dela, eu sentia o seu coração se formar, pulsando fraco. A freira tentava gritar por entre meus dedos que lhe tapava a boca. Tentava pensar em uma solução, mas estava tudo confuso. Frenético. Peguei uma pedra do chão e... a apedrejei. Sua cabeça se afundou, um buraco no meio da testa. Ela continuou me olhando, olhar de vidro. Defunta. Quem pecou que atire a primeira pedra, certo? Ou seria o contrário? Pouco importa, a apedrejei uma segun-

da vezes, terceira... E o corpo dela dançava na calçada, convulsionando. Ela gritou por uma última vez, mas ninguém veio ajudar a freira no meio da noite. Eles pensaram ser alguma puta ou drogada, tendo um orgasmo ou overdose. Quem se importa com essas pessoas? Nem mesmo deus, nem mesmo Eu... A apedrejei até que ela e a criança maldita se misturassem em sangue e carne, um só punhado de morte. Da cabeça aos pés, ela jazia deformada. Bíblica, não mais Afrodite.

A confissão acaba.

Expiro, minha cabeça doendo.

Cada palavra ouvida volta na minha garganta, ardendo em um refluxo. Não consigo engolir. Pergunto se o Diabo está arrependido dos seus pecados, mas Ele ri. Outra pessoa ri também,

uma voz feminina. Doce, afrodisíaca. Herege. E outra voz chora, infantil e inocente. Levo as mãos a minha cabeça, meus dedos agarrando tufos da minha cabeça prateada. Estou ouvindo coisas. Puxo mais forte o meu cabelo grisalho mas a dor não me tira deste lugar maldito, abençoado por cristo. Estou ouvindo coisas Satânicas dentro da minha própria igreja. Estou em uma assembleia? Catedral? Igreja cristã? Nem sei mais qual. Nenhuma delas, todas elas. Estou em um bordel, a puta do meu lado. O prazer me preenche no pecado primordial,

a fornicação. Estou nas ruas de pedra e a droga me aquece. O medo me acolhe e, em seus braços, eu soluço enquanto as minhas lágrimas banham o meu rosto enrugado. Velho, eu estou perdido. Perdido, estou no confessionário.

—Deus meus... —O Diabo diz enquanto se levanta. Outra alma caminha com ele, o som de quatro pés no chão da congregação, catedral, assembleia ecoam em minha mente. O Demônio sai para fora da sua cabine e fica em pé na frente da cortina da minha, as suas palavras movendo o tecido grosso, turbulento. Pelo roxo, vejo a silhueta Dele, o contorno tão humano quanto eu. Ele se ajoelha no piso de mármore, o corpo de sombra levantando as mãos juntas em direção ao céu. —*Ex toto corde paenitet me omnium meorum peccatorum, eaque detesto, quia peccando, non solum poenas a te iuste statutas promeritus sum, sed praesertim quia offendi te, summum bonum, ac dignum qui super omnia diligaris. Ideo firmiter propono, adiuvante gratia tua, de cetero me non peccatorum peccandi-que occasiones proximas fugiturum.*

Não entendo suas palavras, mas sei que é o ato de contrição. Tento rezar. Não sei mais como. Para qual deus eu clamo? Choro, mas não adianta.

A besta se levanta e abre a minha cortina roxa,

revelando o seu rosto. Sinto um arrepio percorrer o meu corpo inteiro. Atrás Dele, vejo uma mulher nua, com o corpo todo deformado. Ela amamenta com sangue uma criança como ela, morta. Choro. Clamo. E nada.

Nas feições do Diabo eu me vejo. Os meus olhos, a minha boca e meu óculos. Suspiro, meu coração acelerado. Ele veste a minha batina e rosário, as suas mãos enrugadas segura a minha cruz. Eu olho para baixo, minha visão desfocada, e estou nú. Sem pele, sem pelos, sem carne e ossos. Não mais existo. Atordoado, eu pergunto novamente, antes que a minha voz desapareça, se Ele se arrepende dos Seus pecados.

A porta da igreja se fecha em um estrondo e, com ela, se fecha a porta do Paraíso. Sinto meu nariz sangrar, pela droga. A overdose toma conta do meu corpo e não estou mais na igreja. A puta grita na cama, me olhando com nojo e pavor. Em convulsão, eu sigo a dança que a freira dançou no chão de pedra. E grito também. Choro. Imploro. A porta do inferno se abre, o cheiro de pecado. Tentação. Deus me responde enfim, a voz calma, divina:

—Padre, Você se arrepende dos Seus pecados?

ECDISE HUMANA

O cheiro de mofo já havia penetrado por todos os meus órgãos. Os ácaros já formavam uma camada de proteção em minha pele e quando eles falavam comigo, eu respondia. No sótão, os corpos gordos e anelados das larvas se contorciam; e eu apreciava os ruídos de sua dança ao mesmo tempo em que os insetos passeavam por aquilo que estava apodrecendo lá em cima. De certa forma, minha nova casa era o meu caixão, e eu, viva, decompunha. Mas sei que a culpa é minha: mesmo nos lugares mais inóspitos, recobertos pelos mais variados exoesqueletos dos insetos que me faziam companhia, eu achava conforto — afinal, era parte do trabalho. Entre as frestas turvas da parede de madeira na qual minha cama se encosta, os raios de Sol adentram e, do ponto de vista de quem recém abriu os olhos, evaporam. É como se essa casa sugasse sua luminosidade e os deixasse percorrer apenas alguns centímetros antes de exterminá-los.

Entre os poucos raios solares que sobreviveram à avareza do meu lar temporário, vejo meus pés se deslocando ao chão. Antes mesmo de tocá-lo, ele já sente a ameaça de sua presença e grunhe. Quando finalmente encosto meus dedos na madeira, tenho certeza de que todos os seres presentes naquela casa estão acordados — e me encaram. Escuto o meu gato miando da cozinha. Em um só movimento, estou de pé e vestida — e, devido a tanta poeira acumulada, pesada. A cada passo meu, a casa grita. Após descer as escadas, agonizada com tantos ruídos agudos, vejo o gato sentado no meio do cômodo. Mesmo após tanto barulho, ele parece não perceber a minha presença — ou a ignora. O sirvo sua ração rançosa e coloco o recipiente em frente a meus pés — quem sabe assim, forçando contato, ele aprenda a gostar de mim. Quando seu focinho fareja o alimento, ele desloca a cabeça e me encara. Tento retribuir o ato, mas não alcanço sua vista: mesmo estando ali, frente a ele, seu olhar atravessa a minha carne e se perde no desconhecido.

Já do lado de fora, incomodada pelo clima abafado que tanto detesto, posiciono as chaves na fechadura; e o gato mia novamente. A casa possuía um pequeno jardim externo — pelo menos, foi o que me disseram; não considero a presença de gramineas e daninhas genéricas um jardim. Mesmo assim, a vista era única — um clichê sombrio, mas

não me importo em chamá-lo de lar. Enquanto olhava as plantas se sincronizando com os movimentos do vento que soprava timidamente, percebo aqueles olhos amarelos me fitando por de trás da cerca enferrujada. Sempre gostei de gatos e da maneira com que eles se satisfazem apenas em encarar qualquer coisa que se movimenta, mas a frequência com que essa coisa tem sido eu está começando a me incomodar. Esforço-me para retribuir o olhar petrificado, mas seus olhos ficam cada vez mais distantes. Dou-lhe as costas e me ponho a caminho da labuta.

Retornando de outra tarde cansativa e monótona, mantenho a minha mente ocupada delirando sobre um banho refrescante. A minha atual casa tem uma banheira branca e clara, que concentra toda a pouca claridade do lugar. Mas o ralo, de certa forma, me incomoda: marrom e mofado, me encara lá de baixo. Avisto a minha casa na esquina: deste ângulo, não entendo como aceitei morar nesse lugar. Na verdade, não me lembro de fazê-lo. Quando estou fechando a porta do carro, escuto algo se movendo atrás de mim: outro felino faz presença. Esse era cinza e sujo e também me encarava, ao mesmo tempo em que seu olhar parecia atravessar a matéria que compunha meu corpo. Tento retribuir o ato, mas não alcanço sua vista. Abrindo a porta e entrando em casa apressadamente, percebo

que o meu gato permanece no mesmo lugar em que se encontrava quando saí — e me encara da mesma forma. Presto atenção em suas pupilas elípticas e estáticas. Quando percebo, sinto o vômito subindo pela minha garganta e queimando meus tecidos internos: diferente do que eu pensava, ele olhava para trás de mim. Todos eles o faziam. Meu pescoço paralisa. Tomada por raiva, arremesso as chaves no gato. Subo as escadas com a cabeça formigando e me tranco no quarto. O que é que estava lá, não entrou aqui.

Tranco o ralo e ligo a torneira. Enquanto sinto nojo daquela água suja que deslizava raspando pela porcelana, penso no gato. Em seus olhos verdes e suas patas cor de rosa que me fascinavam quando pequena. Ele sempre fora a minha única companhia — e mesmo assim, a melhor. Desço as escadas ao som da água que passava com muita pressão por aqueles canos frágeis, enquanto meus olhos procuram pela figura aveludada e pequena. O avisto deitado de costas perto do sofá, esperando por mim. Quando piso no chão, o líquido se espalha através de ondas pela superfície, e meu pé nu é machado de sangue. Acompanho a poça que vai até o corpo do gato: com o pescoço perfurado por uma chave, seu olho ainda estava aberto e inundado de lágrimas — e morto. O calor de uma mão repousa em meu braço. Sinto o medo, mas não irei expres-

sá-lo: sei que a culpa é minha.

Subindo as escadas enquanto deixo pegadas de sangue, olho por cima do ombro e sei que aquilo ainda está atrás de mim. Tranco-me no quarto e caminho em direção à banheira, enquanto meus pés se lavam na água que derramava. Já imersa na água suja, sinto as lágrimas forçando a saída; reluto. Ouço o chão grunhir. Em um só movimento, olho para trás, mas aquilo não estava mais ali. No fundo da garganta sinto algo rastejando. Por um espasmo de ânsia, as larvas saem. Uma. Duas. Muitas. E através da porcelana, a mão agarra meus tornozelos. Uma perna de cada vez, uma mão de cada vez. Pelo meu pescoço, outra mão me arrasta para o fundo. E enquanto a água entra em meus pulmões e me afoga junto às larvas, sinto o limbo — era abafado e monótono, mas não me importo em chamá-lo de lar. E enquanto minha pele é rasgada por baixo, meu pescoço se contorce: e quando finalmente olho pra trás, vejo a mim mesma enquanto me encaro.

O CABIDEIRO

Dois irmãos conversam sentados na escada de um prédio, no centro de Cabo Frio, município do estado do Rio. É véspera do Dia das Bruxas.

— Carlos, me conta umas histórias assustadoras? Daquelas que dão um frio na espinha e te deixam sem ar? Quero chegar no colégio na segunda e falar delas para o pessoal — pede Daniel, que tem apenas 13 anos.

— Olha, Dani, eu posso até te contar, mas depois você vai ficar com medo, falando que não consegue dormir, pedindo para dormir no quarto dos nossos pais...

— Não vou! Juro que não! Dessa vez é sério, juro de dedinho (oferece o mindinho a Carlos).

O rapaz, do alto dos seus 30 anos, suspira resignado, consente com a cabeça e firma o compromisso simbólico com as mãos da criança, cujos olhos enchem-se de brilho.

— Eu posso te contar a respeito dos meus medos quando tinha a sua idade. O que você acha?

— Pode ser!

Carlos se ajeita no degrau de pastilha da antiga construção, que sempre serviu de opção de veraneio para as férias da família. Olhando para as paredes, começa falar.

— Bom, lá na década de 90, bem antes de você nascer, eu, mamãe e nossos irmãos morávamos numa casa de campo, no interior do Rio mesmo, numa cidade chamada Silenceiro, que já não existe mais. Virou distrito de algum município maior, se eu não estou enganado. Enfim, foi nesse lugar que eu tive contato com os meus medos pela primeira vez. E consigo lembrar exatamente do momento em que o pavor tomou conta da minha breve existência, inaugurando toda a série de temores que me perseguem até hoje.

Daniel escuta atento, entretido e compenetrado, embora a escolha rebuscada das palavras do irmão dificulte um pouco sua compreensão da história.

— Eu tinha muitos brinquedos. Bonecos, na verdade. Como a nossa família não era muito rica na época (e continua não sendo), eu me contentava com uma penca de figuras de ação falsificadas, de qualidade muito duvidosa, mas que cumpriam seu papel. Tinha super-herói da Marvel, alguns Pokémon, outros personagens de anime e de desenho... E eu, assim como você, era bem destruidor mesmo. Sempre que promovia minhas lutas imaginárias,

acabava quebrando algum brinquedo e era um chororô danado para a mamãe me dar outro.

— Eu não sou assim! — Esbraveja o irmão mais novo, deixando o óculos escorregar sobre sua face.

— Tá certo, tá certo, você é mais cuidadoso com as suas coisas. Mas, vamos lá, continuando: por vezes, eu acabava me empolgando nas brincadeiras e meus brinquedos ficavam espalhados pelo chão. Tinha um quarto velho no final do corredor da sala, que andava sempre trancado. Mamãe dizia que a porta estava “colada”, que aquele espaço tinha sido derrubado para aumentar o espaço de outros cômodos. Em algumas ocasiões, meus bonecos acabavam indo parar em frente a porta desse quarto e eu, sempre que chegava perto da fresta do chão, sentia uma corrente de ar gelada. Aquilo me dava uma agonia e eu saía correndo de lá, o mais rápido possível.

— Sentia medo?

— Não, ainda não era medo. Era um mal-estar, sabe? Um “nervoso”, como a mamãe costuma dizer. Eu sentia uma agonia e uma necessidade de me afastar dali o mais rápido possível.

A feição de Carlos começa a ficar mais séria e abatida. Daniel muda de posição “pro bumbum não ficar dormente”.

— Certo dia, no meio de uma batalha feroz de Pokémon, meu Charmander voou longe e fi-

cou preso embaixo da porta. Eu pensei muito antes de ir lá buscar; da altura do chão, aquela porta de madeira marrom claro era enorme, imponente e assustadora. Como era um dos meus monstrinhos prediletos, resolvi arriscar. Fui engatinhando devagar até o antigo quarto e respirei fundo antes de tentar puxar o boneco do vão. Contei até três e enfiei a mão lá, pegando nas pernas do brinquedo. Eu puxava, puxava e nada, estava realmente emperado embaixo da porta. Depois de muito esforço, percebi que o objeto estava cedendo e que era uma questão de tempo até conseguir soltá-lo.

— E então? Deu tudo certo?

— Depende do ponto de vista. Já no final dos meus esforços, eu comecei a sentir o tal “nervoso” de novo. Foi me batendo um desespero e a corrente de ar gelada apareceu, sem mais nem menos. Eu já estava suando frio e rezando internamente para que aquilo acabasse logo. Estava sozinho em casa, a Dorian, moça que trabalhava como nossa empregada doméstica na época, tinha ido ao mercado fazer compras. Antes de puxar definitivamente o bonequinho, eu vi dois vultos passarem por debaixo da porta. Duas línguas negras e com formato de pés. Nessa hora, eu quase desmaiei, minha cabeça começou a doer muito e eu já estava encharcado de suor. Finalmente, o brinquedo se despreendeu e eu pude sair correndo dali, direto para o meu quarto.

-...

— Antes, eu dei uma última olhada para trás. A porta estava aberta, com uma pequena fresta para fora. Eu encarei aquele vão e vi a imagem de um cabideiro de madeira recostado, como se estivesse querendo sair dali.

— E era só um cabideiro mesmo? Qual o problema disso?

— O problema é que não era um cabideiro qualquer. No topo da sua forma, eu vi dois olhos brancos horizontais e uma boca, também branca, brilhantes, olhando para mim, me encarando e rindo. Eu vi aquilo e corri para o meu quarto, fechando a porta rapidamente. Estava todo arrepiado, suando frio e com muito medo.

Um vento cortante passa pelos dois irmãos e levanta algumas folhas secas e pétalas que estavam jogadas pelo chão de cimento. Daniel repara o brusco movimento da natureza e olha para Carlos, que segue impassível na narrativa.

— A partir desse momento, muita coisa mudou. A porta de fato ficou destrancada e causou grande surpresa na família. O espaço não era lá muito aproveitável: devia ter uns 5 metros quadrados, por aí. Nem para despensa serviria, mas nossa mãe achou de bom tom recuperar o cabideiro, para o meu completo desespero. Nessa época, ainda dividia o quarto com ela.

— Não me diga que o negócio foi parar no...

— Exatamente. O cabideiro foi transferido

para o nosso aposento, mesmo com todas as minhas reclamações. Ela dizia que meu medo era ridículo, que aquele reles objeto de madeira inanimado não faria nenhum mal a ninguém, que era coisa da minha imaginação de criança. E foi aí que meu inferno começou de vez.

Carlos puxa o maço de Chancellor de bolso e acende um cigarro, dando uma pausa momentânea na história. O irmão mais novo logo reclama da fumaça e diz não entender o porquê do irmão “acabar com seu pulmão” dessa forma.

— Um dia você vai entender porque as pessoas encurtam deliberadamente as suas respectivas vidas por prazeres momentâneos. Enfim, voltando: nessa época, eu dormia de frente para a janela, local escolhido para abrigar o maldito cabideiro. Ou seja, toda noite, antes de dormir, eu era obrigado a encarar aquela desgraça. Os primeiros dias foram os mais traumáticos. Mamãe tinha um sono pesado e logo apagava, bem diferente de mim, que sempre custei a dormir. Numa noite de segunda-feira, se eu não estou enganado, terminei de assistir meus desenhos na sala, fui escovar os dentes e logo deitei na cama. A essa altura, casacos, jaquetas e um chapéu já ornamentavam o cabideiro, dando a ele uma silhueta assustadora de uma pessoa, mais especificamente um homem de meia idade. Isso na minha cabeça, claro.

— Já entendi que parecia uma pessoa. Mas

não era, né? Era só uma estrutura de madeira que segurava as roupas e tal.

— Seria realmente lindo se fosse só isso e, no princípio, esse raciocínio me ajudou muito a não aceitar as coisas bizarras que eu via ali. Já embaixo das cobertas, depois de tentar a todo custo fechar os olhos, eu direcionei minha visão, quase que involuntariamente para a janela. Lá estava o cabideiro, um vulto preto vestido, como se estivesse me encarando, munido de muito ódio e raiva. Não conseguia ver aqueles olhos brancos de outra, mas sentia uma energia pesada e que formava uma espécie de fumaça escura em sua volta. Eram tentáculos escuros, esfumaçados e esmaecidos, que se espalhavam pelo ar, paredes e teto. Eu esfregava meus olhos e custava a acreditar que aquilo pudesse ser real. Durante muito tempo, todas as minhas noites seguiam esse mesmo ritual e eu só conseguia dormir depois de muito custo, já cansado e exausto de tanto sentir medo.

— E por que você não acordava a mamãe?

— Fiz isso muitas e muitas vezes. Porém, bastavam os olhos dela abrir, que tudo voltava ao normal. Logo, nem ela e nem ninguém acreditava na minha história. “Você anda assistindo muita televisão”, diziam. E assim se seguiu durante anos.

— Poxa, mano, mas não tinha nada que desse para fazer? Tipo, cobrir o cabideiro, sei lá...

— Sim, sim, você tem razão e eu realmente

tentei de diversas formas me livrar daquilo. No começo, eu comecei a cobri-lo com lençol, mas os vultos continuavam presentes. Depois, tentei tirá-lo do meu campo de visão, mas sempre ficava uma parte aparecendo e sendo suficiente para me aterrorizar. Por fim, depois de muito esforço, consegui convencer mamãe a tirar o cabideiro do nosso quarto toda noite. Essa medida, de todas as outras, foi a que mais me ajudou, embora eu ainda sentisse a presença dele vindo da sala, como se estivesse com mais raiva ainda por tê-lo expulsado do seu espaço. Eu aprendi a conviver e a dormir com aquele ódio presente, que parecia fungar e respirar do meu lado, mesmo estando fisicamente longe.

Daniel estava absorto nesse momento. Na cabeça da criança, não fazia muito sentido ter medo de um objeto aleatório de madeira, encontrado num quarto minúsculo e abandonado. A forma como o irmão contava a história, no entanto, plantava muitas dúvidas em sua cabeça; Carlos era brincalhão, mas tinha muita dificuldade em sustentar uma mentira, sempre caindo no riso ou narrando com a leveza de quem não sabe falsear um relato. Naquele momento, o clima pesado não parecia forjado.

— Bom, depois de muito esforço, eu consegui convencer as pessoas de casa a se livrar do cabideiro. Dois “braços” dele já haviam se quebrado e uma parte já estava comprometida pelos cupins. Ainda

que meu problema fosse especificamente com um deles, passei a ter pavor desse tipo de móvel, independente de forma, cor ou preço. Estava decidido a nunca mais ter que conviver com aquilo.

— E aí? Sem ele lá, não teria mais porque você ter medo, certo?

— Sim, na teoria. O problema é que as coisas não aconteceram exatamente como eu planejava. Aquele cabideiro era carregado de tanto ódio, tanto rancor, tanta raiva, que sua energia acabou se impregnando no meu quarto.

— Lá vem...

— E veio. Nos dias que se seguiram, o medo tratou de encontrar uma outra forma de me atingir. Pela fresta da porta da frente do meu quarto, se transfigurava uma nova versão do cabideiro; saía o chapéu e entrava um capuz; as jaquetas e casacos foram substituídas por uma túnica preta. E, toda noite, aquela silhueta tentava entrar no espaço do qual havia sido expulsa, ameaçando nossa mãe de morte. Passei a ser vigilante e rezava, dia após dia, impedindo que seu desejo nefasto ganhasse vigor. Eu não podia fraquejar, não podia esquecer do meu mantra diário de proteção. Tornou-se minha missão mais valiosa. E, com o passar do tempo, suas visitas foram ficando cada vez mais raras e intermitentes, até cessarem por completo.

Daniel ouvia atento as palavras do irmão e mostrava-se curioso em relação ao desfecho daque-

la história.

— Já mais velho, resolvi correr atrás da origem daquilo tudo. Eu me recusava a acreditar que aquela maldade tivesse nascido do nada, sem nenhum antecedente. Fiz uma pesquisa, de campo mesmo, procurando ouvir cada parte envolvida na construção daquele antigo quarto de nossa casa.

— E descobriu alguma coisa?

— Sim. Naquele apartamento, há muitos anos, nosso falecido bisavô guardava suas roupas, sapatos, chapéus e demais adereços. Não sei se mamãe já te contou, mas a relação dele com a nossa vó nunca foi lá das melhores. Muito pelo contrário: a criação dela foi traumática, com uma rigidez quase inexplicável e que ajuda a entender a falta de empatia que ela tem hoje em dia. Sem justificativa alguma, quase todas as noites, o biso levava a vovó para o quartinho, deixava seu chapéu e paletó no cabideiro e a espancava sem dó, deixando marcas físicas e psicológicas que podem ser vistas até hoje. Numa dessas sessões de tortura e violência, ela perdeu parte dos movimentos da perna esquerda. Aquele cômodo foi palco, ano após ano, de um ritual sombrio de socos, pontapés e xingamentos. O cabideiro assistiu aquilo tudo, enquanto “segurava” as vestes de nosso bisavô nos seus rompantes de raiva.

As informações eram muitas e inéditas para Daniel, que escutava, incrédulo, todos aqueles segredos de família que nunca tinham sido revela-

dos. O quarto da maldade não foi fechado por uma questão espacial ou de estilo, pensou, mas sim para colocar um ponto final naquelas lembranças tão doídas dos seus parentes, em especial, de sua vó.

— Durante as minhas andanças pelo caminho da verdade, algo me chamou a atenção, positivamente. Lembra do período em que eu ficava de vigia da mamãe? Impedindo que o vulto negro entrasse no quarto e maltratasse ela?

— Lembro.

— Pois é, nessa mesma época, a vovó, que sempre foi Kardecista, estava frequentando um centro espírita perto da casa. Era uma rotina: ela depositava o nome do biso na sessão de psicografia e esperava que ele mandasse algum sinal, explicando as razões de ter causado tanto mal a ela.

— E ele respondeu?

— Por incrível que pareça, pela primeira vez, ele entrou em contato. Através de uma médium, pediu desculpas a minha vó e lamentou não ter sido um pai melhor. Mas nunca explicou o porquê de toda aquela violência descarregada na própria filha, que tanto lhe causou mal. Essa é uma dúvida que eu ainda tenho e que espero conseguir respostas um dia.

Daniel aproximou-se do irmão e lhe deu um abraço forte e apertado. O menino chorou um pouco e algumas lágrimas também caíram dos olhos do irmão mais velho.

— Sabe, Dani, quando a gente cresce, a gente compreende que o verdadeiro terror está nas coisas mundanas. O que assusta mesmo é o próprio ser humano e os nossos fantasmas nada mais são do que projeções do verdadeiro terror que presenciamos em vida. Por isso, hoje, o que me dá medo mesmo é o sujeito ali da esquina e não uma entidade demoníaca ou um espírito malfazejo que ronda por aí.

— Essa palavra é engraçada. Malfejezo.

— Malfazejo

— Isso.

O dois irmãos espantam a tensão com risadas e se abraçam ainda mais forte.

— Vou subir lá para casa, ok? Tenho que me despedir da mamãe, pego a estrada ainda hoje.

— Tá bom.

Enquanto Carlos sobe os degraus, Daniel sente uma corrente de ar gelada passar por sua pele. Arrepiado, olha para os dois velhos balanços do térreo e fica com medo. Fecha os olhos, reza pelo bem da sua família, engole seco e se levanta. O primeiro contato com a vida, irmã gêmea da morte, é inesquecível.

PANELA DE BARRRO

Dante se sentou ao lado de Maura na poltrona. Ela parou a leitura fechando o pesado livro de capa de couro em seu colo e acariciou as orelhas do gato. Seus pelos negros refletindo a luz do abajur. Conforme passava a mão pelo corpo do animal notou que os pelos caíam mais do que o normal. “Já está na hora da troca”, pensou ela. Se levantou e carregou o imenso livro até o pedestal na mesa ao lado da escada. Dante deu um miado baixo e se deitou na poltrona de onde havia se levantado, mas não tirou os olhos dela.

Encarando de volta, Maura notou que os olhos amarelos do gato, antes extremamente brilhantes, começavam a ficar opacos. Respirou fundo e foi até o telefone.

— Alô? Lúcia? Oi. Sou eu. É, já está na hora mesmo. Conseguimos hoje à noite? Certo... Já tenho tudo aqui, só falta a... ok, ok. Tá bem. Te espero às 23h. É, eu também. Até mais tarde.

Maura desligou o telefone e viu que Dante

havia levantado da poltrona e se sentado aos seus pés. Se olharam, Dante soltou um miado fraco. Ela chamou o gato e se dirigiu até a cozinha para começar os preparos. Eram 20h45.

Era um cômodo completamente pálido. Os azulejos nas paredes, armários, e mármore sobre a pia e a ilha central eram todos completamente brancos. A única exceção era um armário alto de duas portas, feito de metal e fechado por um cadeado. Maura puxou do peito um colar longo de cordão de couro. Na ponta, um pingente de estrela e uma pequena e velha chave. Sem tirar o colar do pescoço e com muita cerimônia, colocou a chave na fechadura do armário e virou. Antes de abrir as portas, baixou a cabeça e murmurou:

— *Nam pro salute eius.*

Dante se enrolou entre suas pernas. Abriu as portas revelando várias prateleiras pretas. Alguns potes de vidro transparentes com partes de animais como olhos, línguas e orelhas eram o que mais chamava atenção. Vasilhas com elementos variados, minerais dos mais variados tamanhos e cores. Frascos com óleos e ramos de folhas amarrados e secando estavam colados nas portas. Na última prateleira, pratos, vasilhas e talheres de prata.

Maura pegou o que precisava: um prato, talheres, alguns elementos variados das prateleiras e começou a misturá-los no prato. Dante subiu na ilha da cozinha e miou, sentando ao lado do prato.

“Isso mesmo, Dante. Esse é para você. Mas deve ser paciente. Lúcia está preparando a outra parte.”

Ela colocou a mistura em uma panela de barro e ligou o fogo, mexendo até borbulhar. Durante a fervura, acrescentou o conteúdo de outros dois frascos do armário. Desligou o fogo, tampou e cobriu com um pano azul marinho para esfriar. Trancou o armário e guardou o cordão dentro da blusa novamente.

Caminhou pelo corredor até o quarto e notou que Dante não estava com ela. Olhou para trás e o viu na porta da cozinha, olhando para a panela de barro que descansava no centro da ilha branca central.

— Dante! Vem cá!

O gato olhou para ela com olhos arregalados e as orelhas estáticas.

— Ah, faz o que você quiser.

Foi para o quarto e pegou o vestido marinho do armário. Entrou no banheiro e começou a preparar um banho de flores e ervas. A água estava fumegante quando ela colocou o primeiro pé lá dentro. Ela não exitou com a alta temperatura da água. Se deitou calmamente e ali ficou imóvel até a água esfriar. Quando percebeu a água fria, se levantou e viu que Dante havia se deitado ao seu lado no tapete do banheiro. Se secou e vestiu a roupa que havia selecionado antes. Olhou no relógio da parede do

quarto: 22h10.

De volta à cozinha, preparou tudo o que seria necessário. As velas, o preparo da panela de barro, as sementes de pimenta e a adaga. Quase se esqueceu do grande livro de couro e voltou correndo à sala para buscá-lo. Quando o apoiou no imenso balcão branco da cozinha, a campainha da casa tocou. Apressada, foi até o hall e observou pelo vitrô amarelo antes de abrir e viu Lúcia acompanhada de uma jovem mulher.

Abriu a porta e pode vê-la melhor. Loira com os cabelos bem longos e lisos. Nariz pontudo e olhos azuis já turvos. Vestia um conjunto de alfaia-taria com blazer e saia lápis vermelhos. Nas mãos, uma bolsa grande de couro na cor creme e uma sacola com uma embalagem de presente. A olhei de cima abaixo.

— Tem certeza?

— Tenho. Já comecei o procedimento. Melhor nos apressarmos.

Entraram na cozinha e Dante começou a miar muitas vezes e muito alto. Toda vez era assim. Ele subiu no mármore e se sentou no canto, ao lado da panela de barro.

Colocou a pequena escada de sempre ao lado do balcão e a mulher automaticamente subiu os degraus e se deitou na ilha no meio da cozinha. Fecharam a porta e Lúcia começou seus dizeres com as mãos nos ombros da mulher que permanecia

imóvel, agora com os olhos fechados.

Maura tomou sua posição e aguardou. No momento certo entregou a ela a panela de barro, que derramou um pouco sobre a testa e o peito da mulher. Recolheu a panela e colocou no chão, ao lado da cabeça da mulher, onde já sabia que o sangue escorreria pela inclinação do mármore. No momento exato, entregou a adaga, ao mesmo tempo em que Dante saiu de seu posto e parou ao lado da panela de barro no chão.

Lúcia afundou a adaga no peito da mulher, que imediatamente abriu os olhos inspirou o ar curta e rapidamente antes de sua alma deixar o corpo. O sangue começou a pintar o mármore branco e pingar da pedra para a panela no chão. Em alguns minutos o ar ficou turvo e pesado. A panela começou a se encher de sangue, com seu conteúdo sendo misturado ao preparo feito anteriormente. Dante começou a beber seu conteúdo e o ar da cozinha ficou mais leve. Havia acabado.

Após alguns goles d'água, Dante a olhou já com os pelos brilhantes e os olhos vívidos. Acariciou sua cabeça antes de começar a ajudar Lúcia a limpar a cozinha. Retirou a roupa da mulher e Lúcia foi ao porão ligar a fornalha. Quando levou o corpo da mulher para o porão, Maura limpou toda a cozinha que, em alguns minutos, ficou impecável.

Lúcia voltou do porão com o saco de tecido branco com os ossos da jovem mulher. Apontou

para a bolsa dela e a sacola de presente.

— Você cuida dessa parte?

— Cuido claro.

Se aproximando dos pertences no balcão ao lado da porta, abriu a embalagem de presente e havia uma roupa de bebê. Ao lado de seus pés, Dante ainda bebia do líquido sangrento na panela de barro.

— Lúcia, sabe se a mulher estava grávida?

Ela olhou para Maura por cima do óculos redondo antes de sair e mirou a roupinha que eu segurava. Era azul com um barquinho estampado.

— Acho que não. Provavelmente não. Mas se estivesse não tem nenhum efeito diferente para ele. Talvez até funcione por mais tempo, consumir uma alma tão jovem assim, ainda no ventre, provavelmente é benéfico.

— Poderia ser um presente também. Às vezes alguém da família dela teve um filho recentemente.

Continuou com a roupa na mão, analisando minuciosamente. Lúcia assistia a cena esperando a conversa continuar. Se irritou.

— O que é, Maura? Tá com dó ou você quer que o Dante vá embora?

A agressividade do comentário a assustou. Dante também notou o tom de voz e se aproximou das duas e manteve uma postura de ataque. Maura fechou a cara e bufou enquanto devolvia a roupa à sacola de presente.

— Calma, não é assim também. Só estava pensando.

— Pois pare de pensar. Apenas pare. — E saiu porta afora com o saco de ossos nas mãos.

Maura se sentou na poltrona e começou a ver todos os pertences da mulher loira que algumas horas atrás estava deitada na ilha de sua cozinha. Uma agenda, cartões de visita, um livro de romance, minutos de sabedoria, vários batons de cores variadas e outras maquiagens. Na carteira, um pouco de dinheiro, documentos e duas fotos. Uma dela com um Poddle e outra de uma família da qual ela não fazia parte. Uma mulher de cabelos pretos, um rapaz forte e careca que sorria com um bebê no colo e duas meninas gêmeas de uns cinco anos.

Ela não se lembrava quanto tempo ficou ali sentada observando a família. Pensou na roupa que o bebê nunca vestiria. Na família que nunca teria. Também não se lembrava a quanto tempo fazia esse tipo de coisa. Aprendeu com sua mãe que aprendeu com sua avó. Ela nunca conheceu Dante de fato, apesar dele dormir na cama dela todos os dias desde que nascera. Nesse minuto Dante miou fazendo um som grave e longo, como se lesse seus pensamentos.

Por volta de 4 meses depois, Dante voltou a ficar cansado, com os olhos opacos e os pelos caindo. Ligou para Lúcia.

— Oi Lúcia. Acho bom nos apressarmos.

Sim, sim. Você já está vindo? Não precisa de mais tempo para... Certo. Vou preparar tudo.

Se banhou com as flores rapidamente e foi ao armário da cozinha. Puxou a chave do cordão.

— *Nam pro salute eius.*

Dante miou. Enquanto recolhia os ingredientes e começava os preparos ele continuou miando. Miava e a olhava com os olhos cansados, porém, fixos. Quando repousou o preparo no centro da ilha da cozinha a campainha tocou e ao abrir a porta viu Lúcia sozinha e ouviu Dante miar mais uma vez.

Antes que pudesse perguntar qualquer coisa Lúcia estalou os dedos em frente a ela que sentiu todos seus impulsos se esvaírem. No reflexo do vidro amarelo da porta que se fechou, viu seus olhos turvos. Queria gritar, mas não conseguia. Queria fugir, mas não conseguia. Como que presa por um ímã, seguiu Lúcia até a cozinha e lá acompanhou o procedimento que sabia de cor. Se deitou na ilha do centro da cozinha. Lúcia procurou pelo cordão de couro e o retirou, vestindo no próprio pescoço. Ouviu Lúcia declamar os cânticos, sentiu a água gelada da mistura cair em sua testa e peito. Viu Lúcia levantar o punhal. Sentiu o exato momento que Dante pulou suas pernas e desceu do balcão para o chão ao lado da panela de barro que logo estaria cheia de seu próprio sangue. Ouviu seu último miado. Sentiu o coração acelerar, mas nada podia fazer.

TRILHA DOS PESADELOS

Já era tarde da noite quando os quatro amigos conseguiram chegar à Ilhabela, tinham reservado quartos na pousada. De manhã seguiriam a trilha a pé até a Praia do Bonete, uma praia isolada que só tinha acesso de barco, lancha ou através da trilha de 12 Km pelo Parque Estadual de Ilhabela, uma caminhada de 4 a 6 horas.

O dia nem amanhecera e uma moça os chamavam para iniciarem a caminhada, estava preocupada com a previsão do tempo.

-Você será nossa guia? – perguntou Eduardo.

-Sim, algum problema? – olhou e ergueu a sobrancelha.

-Eu tinha entendido que seria um homem. Ah deixa pra lá. – respondeu.

Não tinham andado nem 1km e Marie começou a reclamar dos insetos.

-O que você imaginou? Aqui não é um shopping center. – riram.

-Eu sei, mas não pensei que fosse assim.

-Não se preocupe, podemos parar num ponto de acampamento se vocês optarem, armamos as barracas ou alugamos as casas dos caiçaras. – falou a guia.

-Quando vamos chegar nas cachoeiras? – perguntou Eduardo.

-Faltam uns 3km ainda.

Começa uma garoa fina e apertaram os passos, Marie tropeça num galho e cai. Começam a rir da situação, até que Eduardo chama a atenção deles.

-Vocês não estão se divertindo, o lugar é lindo, esse cheiro de natureza. – e aspirou o ar.

-Ah que maravilha!

-Ok. Senhor “natureba”, estou cansada, vamos parar um pouco. – falou Marie.

-Podemos explorar aqui ao redor. – Diz Eduardo entusiasmado.

A guia balança a cabeça, coça o queixo dizendo:

-Olha meninos, não podemos sair da trilha.

-Hum, porque acha que vamos nos perder? – pergunta Eduardo.

-Não é isso, pode ser perigoso, é mata nativa e tudo pode acontecer.

-Vamos continuar.

Retornam a caminhada até um ponto que avistam um área de camping, resolvem parar e abastecer as garrafas de água. A guia conversa com outros guias sobre a previsão do tempo, mas acre-

dita que dê para chegarem antes da chuva. Quando chove as caminhadas pelas trilhas são suspensas.

-A cachoeira é mais uns duzentos metros. Vocês irão adorar a paisagem.

Banharam-se na cachoeira de Laje, se divertiram com brincadeiras, até que Lucia encontrou um embrulho entre as pedras. Estavam animadíssimos pela descoberta. O que nenhum deles imaginava era o que os aguardava no futuro. Havia quatro colares, cada um representava figuras de animais em miniatura, parecia arte indígena. Eduardo escolheu um colar e colocou no seu pescoço, sendo seguido pelos demais.

-Você não quer um? – Saulo perguntou para a guia.

-Não obrigada.

-Vocês irão querer acampar na trilha? Se vão querer podemos ficar mais um pouco aqui.

-Queremos ver a outra cachoeira. – respondeu Eduardo.

-Então melhor voltarmos a caminhada.

Chegaram na Praia de Bonete no entardecer e seguiram para a casa que haviam alugado, estavam cansados. Lucia e Marie foram dormir, Eduardo e Saulo ficaram bebendo cerveja.

Marie entrou na casa que parecia estar abandonada.

-Há alguém aqui?

Não obteve resposta e começou a explorar

a casa entrou num cômodo, onde pisava o assoalho rangia, olhava as paredes com fotos antigas e o chão debaixo dos seus pés cedeu.

-Ahhhh!

Caiu de costas num outro cômodo, ficou estática no chão, algo começou a se mover gelado sobre suas pernas ela tentou se sentar mas seu corpo doía, rolou para o lado e mais coisas se movendo, quando um raio de sol atravessou por um buraco da janela ela pode visualizar cobras por toda parte.

-Socorro, alguém me ajude. – Marie gritou.

Ela se levantou mas as cobras começaram a enrolar-se nela, caiu novamente sendo sufocada. Sentiu as dores das picadas, numa sensação repugnante.

-Acorde, Marie você estava sonhando. – Lucia a sacudiu.

-Aí, meu Deus. – começou a chorar.

-Eu...tive um pesadelo. – disse chorando.

-Está tudo bem. – disse abraçando-a.

Saulo acabou pegando no sono no sofá, Eduardo foi para o quarto.

Estava numa rodovia movimentada dirigindo contra o fluxo dos veículos. Como fora parar nessa estrada! Precisava parar no acostamento. – pensara.

Uma carreta estava fazendo uma ultrapassagem, bateu de frente no seu carro.

Sentiu os ferros penetrarem em seu corpo,

os vidros estilhaçados entraram nos seus olhos e o gosto de sangue tomou sua boca, não conseguia respirar, o ar estava o deixando para sempre.

Se debatia no sofá, com falta de ar, dor no peito e suas pernas retorcidas. Só via as imagens ao redor, não mais se moveu.

Pela manhã os colegas o encontraram imóvel. O chamaram e nada, somente seus olhos se moviam, acharam melhor chamar um médico. Na ilha só tinha uma enfermeira que fora socorrer o rapaz. Ao chegar constatou que não podia ajudar muito.

Na noite seguinte ele sonhara a mesma coisa e se debatia. Os amigos se revezavam para cuidar dele até conseguirem sair da ilha.

Lucia pegou no sono sentada na poltrona. De repente escuta os gemidos de Saulo e tentou pedir socorro e saiu da sua boca uma aranha.

Ela tentou gritar e cada vez que abria a boca saia mais aranhas, pulava e batia as mão tirando aquelas terríveis criaturas até cair no chão.

Marie estava presa no seu sonho com as cobras e Eduardo acordou com os gritos e percebeu que estava dentro de uma caixa.

-Quem o colocara ali? – pensou.

Procurou por um isqueiro no bolso, a caixa era apertada, somente nesse momento notou que o haviam enterrado vivo.

Batia sem sucesso, gritava e nada. Seu fim estava próximo. Quanto tempo teria ar naquela cai-

xa? Precisava ficar calmo. –pensou Eduardo.

A guia ficou sabendo que algo estranho aconteceu a um dos meninos e foi até a casa ver se podia ajudar.

Na frente da porta havia um velho sentado fumando cachimbo calmamente.

-Boa noite, os meninos estão na casa? – perguntou a guia.

-Ainda estão, mas não por muito tempo. – respondeu o velho.

-Ah! Já estão de partida.

-Sim, sem volta.

-Não gostaram daqui?

Ele sorriu. – Eles não deviam pegar objetos que não os pertencem.

-Como assim?

-Eles sabem.

-O que eles pegaram e de quem?

O velho veio caminhando de encontro a guia e desapareceu como uma fumaça.

-Nossa estou tendo alucinações. — falou em voz alta.

Entrou na casa e viu Saulo no sofá com os olhos vidrados e Lucia se debatendo. Subiu as escadas até os quartos, Eduardo estava deitado imóvel como se tivesse morto, Marie gritando e se arrastando pelo chão.

Foi até ela tentando acordá-la e não teve sucesso, nessa luta por segurá-la o colar rebentou

e Marie acordou. A guia percebeu que os colares eram os objetos que eles tinham achado na cachoeira. Correu para o outro quarto e tirou do pescoço de Eduardo que abriu os olhos respirando ofegante.

Assim fez com os demais.

Ela relatou o que tinha acontecido e resolveram eliminar aqueles objetos, queimando-os.

Se despediram e a guia tomou o caminho de volta para sua casa, quando fora abordada pelo velho.

-Uma vida pelas deles. – falou calmamente o velho.

A guia tentou correr de volta para casa, algo penetrou seu corpo queimando. Não sentiu mais nada.

Os moradores da ilha encontrou o corpo da guia amarrado pelos pés na frente da casa alugada pelos turistas.

O CRÂNIO

Virna galgou os degraus de dois em dois até o laboratório de anatomia, preocupada. Estava meia hora atrasada para a aula e provavelmente ganharia uma bela bronca do professor. Entrou sorrateira, aproveitando que o mestre explicava o funcionamento do pâncreas, absorto com o órgão na mesa. Deslizou para o fundo, tentando não fazer qualquer ruído. Ajeitou os óculos de aro grosso e tentou ver algo entre os colegas que estavam à sua frente. Pouco aproveitou do restante da aula, o melhor realmente ficara para o início. Deu de ombros, no entanto, pelo menos o professor sequer percebera seu atraso. Pediu a um dos amigos suas anotações para poder copiar e ficou no laboratório, quando todos se foram. Ouviu um barulho nos fundos e viu Leo, o auxiliar de laboratório, arrumando uma prateleira com uma grande variedade de ossos humanos. Viu-o pegar algumas peças, avaliar rapidamente e colocar em um saco plástico preto. Quando ele pegou um crânio e fez o mesmo, Virna se aproximou.

— O que está fazendo, Leo? Esses ossos vão para o lixo?

Ele sorriu, paciente. Abriu um pouco o saco, para que ela pudesse ver.

— Incinerados. Alguns já são muito antigos, estão deteriorados. Sempre fazemos uma limpeza, de tempos em tempos.

— Entendi... Mas sabe de uma coisa? Sempre tive vontade de ter um crânio. Uma pena um desses virar pó.

Leo alargou o sorriso e pegou o crânio do saco, fazendo um sinal de silêncio e dando uma piscadela. Virna passou-o para a mochila rapidamente e sorriu de volta. Voltou ao apartamento que dividia com uma colega de faculdade e abriu espaço na estante de livros. Ajeitou o crânio com cuidado, retirando a etiqueta que ficava em sua base. “Gênero: Masculino. Idade estimada: 30 a 40 anos. Causa mortis: indefinida”. Pensou em colocar uma vela aromática ao seu lado, mas achou creepy demais. Quando a amiga voltou da aula, tomou um susto.

— Credo! Que merda é essa na estante??

— Ah, sempre quis um desses para decorar minha casa. Não é uma belezinha? Tá inteiraço! Devia ser um homem bem charmoso.

— Você é louca. Tem um parafuso a menos. Também, só uma pessoa completamente insana escolhe fazer psiquiatria.

— Você diz isso porque é de Humanas. Vai

escrever seus poeminhas, vai.

Helena jogou uma almofada em sua direção, mas na verdade se davam muito bem. Os dias se passaram e ela passou a ignorar a estranha decoração. Virna, no entanto, estava encantada. Sempre conversava com Mario – sim, esse era o nome que resolveu batizá-lo – falava sobre as dificuldades que tinha nos estudos, da saudade de sua família, sobre a paixão secreta que sentia por um dos seus professores. Colhia flores no campus e enchia um vaso com elas para colocar ao seu lado. No fim do ano, até arrumou um gorrinho de Papai Noel e colocou nele, para deixá-lo mais festivo. Depois das férias, dois meses depois, retornou ao apartamento e viu que sentia falta dos papos com o crânio. Limpou a poeira acumulada e até deu um beijinho na testa.

— Eu não acredito que você beijou essa coisa.

Helena parecia horrorizada. Virna riu e recolocou-o no lugar.

— Mario é meu amigão. Sempre está aqui para escutar minhas lamúrias. Diferente de você que é um pé no saco.

— Você é doente – ela esfregou os braços, como se sentisse frio. Mas fazia 30 graus lá fora e o apartamento sem ar-condicionado estava bem abafado.

— Que foi? Tá com gripe?

Helena a olhou de forma estranha. Abriu a

boca para falar, mas pareceu repensar. Depois tomou coragem.

— Às vezes eu acho que escuto vozes aqui. Quer dizer... Não vozes normais, sabe? Uma voz específica, de um homem. Parece que ele fica murmurando pelos cantos, nem sempre entendo o que fala – Ela olhou para o crânio, sinceramente assustada – Eu juro por Deus que isso só começou depois de você trazer essa coisa para cá. E durante as férias eu continuei a ouvir, mesmo longe... Ele falava que tinha saudades de você. Que você tinha sumido.

— Quer dizer que você acha que o Mario conversa com você?

— Para de chamar essa coisa por um nome!
– Ela explodiu. Estava tremendo de medo – Eu sinto ele pela casa... Estou apavorada!

Virna se aproximou devagar da amiga e a abraçou até que ela parasse de tremer. Pediu que ela repetisse toda a história e fez diversas perguntas. Concluiu que ela estava sofrendo com o estresse do final do curso e, como tinha pré-disposição para acreditar no sobrenatural, canalizou suas emoções para o crânio. Deu-lhe um calmante leve e, apenas para deixá-la mais calma, resolveu tirar Mario da estante da sala e levá-lo para seu quarto. Acomodou-o em uma caixa dentro do guarda-roupa. No dia seguinte, após voltar da aula, encontrou Helena ainda mais descontrolada do que na tarde anterior.

— Você não se livrou dele!

Ela estava com os cabelos bagunçados, a pele pálida e com olheiras profundas. Soluçava e embaralhava as palavras. Pediu que ficasse calma, mas ela desabou em um choro convulso.

— Ele não para de murmurar em meu ouvido... — seus olhos estavam vidrados, pareciam que não estava enxergando — Ele chama por você, diz que está no escuro, que está sentindo falta de seu toque. O que você fez, Virna? O que você fez?! Precisa se livrar dele!

Ficou sinceramente assustada. Helena estava em um episódio de surto psicótico. Ligou para uma ambulância e a acompanhou até o hospital, onde foi medicada. Seus pais foram chamados e todos concordaram que era melhor que ela ficasse um tempo afastada da faculdade, para se tratar. Virna voltou ao apartamento, arrasada. Foi até o quarto e tirou o crânio da caixa. Por um breve instante considerou as palavras de Helena. Afastou os pensamentos, quanta bobagem. Não acreditava em fantasmas, não acreditava vida após a morte, sequer acreditava em Deus. Ficou um tempo segurando Mario e ponderou jogá-lo fora, para deixar Helena mais calma. Mas decidiu que isso daria ainda gás às suas alucinações. Deixou-o na mesinha de cabeceira da cama. Duas semanas depois, recebeu um telefonema da amiga.

— Eu não vou mais voltar. Tranquei o curso, acho melhor ficar um tempo afastada de tudo.

— Poxa, amiga. Mas se você acha que isso vai te fazer bem... Só desejo o melhor para você.

Helena hesitou um instante. Depois suspirou e falou de forma calma e firme.

— Eu sei que vai ser melhor. Ele estava muito irritado comigo. E sei que agora ele está bem mais calmo, dormindo ao seu lado.

Virna arrepiou-se. Não tinha como ela saber que colocara o crânio na mesinha de cabeceira da cama. Helena continuou:

— Eu sei que não acredita, Virna. Mas ele está grudado em você. Se alimenta de você. Queria dizer que está tudo bem, mas não está. Tome cuidado.

Antes que pudesse dizer algo, Helena desligou. Ficou um tempo com o celular no ouvido. Sentiu um arrepio frio pela espinha. Olhou para o crânio que descansava imóvel na mesinha. Engoliu em seco e saiu, sem saber para onde. Apenas seguiu pelas ruas do bairro, até ver do outro lado da avenida uma portinha com um letreiro de luzes neón dizendo “Madame Benê – Vidente e Conselheira Espiritual”. Cruzou a via e entrou no local, com forte cheiro de incenso. Uma jovem ocupava-se digitando mensagens no whatsapp atrás de um balcão. Perguntou se podia falar com Madame Benê e a menina consultou uma agenda.

— Ela está com uma pessoa agora, mas se esperar uns minutinhos...

— Sim, eu espero.

Não entendia porque estava ali. Era óbvio que não acreditava no sobrenatural. Helena estava seriamente doente, desgastada emocionalmente. Tinha-se levado por aquela história fantástica e agora estava sentada em uma sala de espera cheirando perfume barato e mofo, esperando para falar com uma picareta que ia levar um bom dinheiro para falar coisas genéricas. Levantou, irritada.

— Pode entrar, senhora.

A porta se abriu e um homem de meia idade saía, enxugando lágrimas dos olhos. Deu uma bela assoada em um lenço e Virna fez uma careta de nojo. Resolveu entrar. A tal vidente estava atrás de uma mesa com uma toalha roxa. As paredes também eram pintadas de roxo e um candelabro antigo pendia do teto. A luz era fraca e cartas de baralho estavam dispostas na mesa. Sentou-se, já se perguntando quanto aguentaria naquele lugar.

— Então, garota, o que a traz aqui?

Virna pensou em dizer “ora, a vidente não é você?”, mas conteve-se. Explicou rapidamente do que se tratava, enfatizando que não acreditava em fantasmas. A mulher a escutou com atenção. Pegou o baralho e ficou um tempo brincando com as cartas. Virna perguntou se iria tirar a sorte dela. Ela sorriu.

— Claro que não, criança. Agora fique quieta, Mario está falando comigo. Estou tentando es-

cutar o que ele diz.

A cor de seu rosto sumiu completamente. Não tinha falado em nenhum momento o nome Mario. Prendeu a respiração inconscientemente, obrigando-se a encher os pulmões quando se viu um pouco tonta. A mulher enfim deixou de brincar com o baralho e voltou sua atenção à Virna.

— Pois bem. Mario – ela sorriu, parecendo se divertir – Ele aparentemente gosta mais desse nome do que aquele que costumava ter quando era vivo, disse que gosta muito de você. De fato, você foi a única pessoa que demonstrou algum carinho por ele. Quando vagava pela Terra, em seu corpo carnal, teve uma vida difícil. Sem família. Poucos amigos. Entregou-se às drogas, à bebida. Morreu como indigente. Teve seu corpo estudado, retalhado e ficou anos naquela prateleira. Sozinho. Então, você chegou, conversou com ele. Agora não quer mais se afastar.

Virna teve de lembrar a si mesma de manter-se respirando. Sentia cada músculo de seu corpo tenso.

— Ele está aqui?

— Sim. Ele a acompanha. O crânio é apenas um condutor. Ele vagava ao redor dele, pois apegava-se ao antigo corpo como forma de negar a morte. Mas agora ele se ligou a você.

— Caramba. Puta que pariu. O que eu faço??

A mulher fez uma careta e pensou por um

momento.

— Não há muito o que fazer. Ele não quer seguir em frente. Gosta de sua companhia.

— Não! Por favor, me ajude!

Ela balançou a cabeça, devagar. Fechou os olhos um momento, juntando os dedos indicadores na frente da testa. Depois falou, ainda de olhos fechados:

— Enterre o crânio decentemente em solo consagrado, seguindo os ritos sagrados. Acenda cinco velas e espalhe cinco flores brancas ao seu redor. Reze o Pai-Nosso e peça para que os espíritos evoluídos o guiem para o outro lado.

Abriu os olhos e, por um instante, Virna achou que ela fosse desmaiar. No dia seguinte, fez o que lhe foi pedido. Pagou para enterrar o crânio em um túmulo de indigentes do cemitério da cidade, acendeu as velas, espalhou as flores e rezou fervorosamente. Sentiu-se leve. Foi até o apartamento e acendeu uns incensos e velas, só para garantir. Deitou-se, exausta, caindo no sono imediatamente. Nos dias seguintes assistiu às aulas normalmente, sentindo que tudo voltava ao normal. Um mês depois, o telefone tocou. Era Helena.

— Amiga! Vai ficar feliz em saber que Mario se foi.

Helena suspirou.

— Não. Ele não foi. Ele não vai. Não entende, Virna? Ele ainda está aí, ao seu lado. Até o fim

dos tempos.

O telefone ficou mudo. Sentiu uma respiração pesada ao seu lado. Quando virou seu rosto, viu um homem de barba castanha, com os cabelos compridos, o rosto de um cinza pálido e cheio de cicatrizes. Ele sorriu e seus olhos eram dois buracos negros.

— Até o fim, Virna. Até o fim.

BRINCANDO COM O MAL

Eu não devia ter brincado com isso!

Rafael olha para o celular sem entender a mensagem de Flavia.

Esta falando do que meu amor? – Digita ele intrigado.

Eu fiz a invocação e agora ele veio atrás de mim!

Quem esta atrás de você? Não estou entendendo nada. – Digita ele preocupado e aflito, pois sabia que ela devia estar com medo para mandar respostas tão vagas.

Ele está aqui

Ele sente um frio na espinha ao ler a mensagem.

Aqui aonde? – Digita ele suando frio.

Ela não responde de imediato e isso o preocupa ainda mais.

Onde você está?

Passou-se um minuto e nada de resposta.

Me diz onde você está meu amor?

Ele descia as escadas do apartamento sem tirar os olhos do celular.

Me responde! – Digita ele pensando um milhão de coisas ruins que podem estar acontecendo com ela.

Ele chega até a garagem e vê o carro dela estacionado. É uma mistura de raiva e alívio se apoderaram dele.

Porque não me responde? – Digita ele irritado.

Ele ouve o toque de recebimento de mensagem dela.

? — Digita ele para ter certeza de onde vem o som. E foi seguindo.

?

?

A cada mensagem enviada mais preocupado ficava, pois ela insistia em não o responder.

?

— Flavia? Onde você está querida? – Gritou ele.

Silêncio total.

— Flavia, por favor, me responde!

Ele vê a luz de mensagem do celular piscando e corre para o local.

— Flavia! Fala comigo meu amor! – Pede ele em desespero ao vê-la coberta de sangue.

— Eu achei que ele poderia resolver nossos problemas... – Responde ela num fio de voz.

— Não precisa me explicar nada agora...

— Você tem que ir...

— Não. Eu vou chamar uma ambulância...

Um rosnado baixo faz o sangue dele gelar.

— Você precisa ir embora agora! – Pede ela o empurrando.

Ele olha para o lado e vê um ser grotesco se aproximando deles.

— O que é isso? – Pergunta ele num sussurro.

— Vai embora...

Ele olha para ela sem entender nada.

— Você precisa ir! – Implora ela tentando se levantar.

Aquela coisa se aproxima deles num pulo e a arranca dos braços dele.

— Corre meu amor! – Ela grita para ele em meio aos gritos de agonia.

Ele corre sem olhar para trás.

— Desculpa meu amor! Perdão! – Grita ele a cada passo que dava para longe dela, implorando para os gritos pararem.

Desculpa ter sido um fraco. – Digita ele em meio as lágrimas.

Não ouve resposta.

Desculpa por não ter te salvado.

Não ouve resposta.

Me perdoa? – Digita ele contendo um soluço.
Há três dias ele enviava para o celular dela as
mesmas mensagens.

O toque de recebimento de mensagem o as-
susta.

Não se preocupe meu amor, ele irá te buscar
em breve.

O rosnado que ele ouve ao longe o fez entrar
num estado de choque e choro contínuo.

Enquanto isso mais mensagens de sua faleci-
da esposa chegam no celular.

Ele está chegando.

Ele está indo te buscar.

Em breve você saberá o que é ter a carne di-
lacerada.

Em breve você estará comigo.

Não adianta chorar.

Ele gosta dos nossos gritos!

Nossa carne tem um gosto melhor quando
choramos!

Não vai me responder seu covarde?

Você correu e me deixou ser devorada!

Ele lia tudo em meio ao choro e raiva.

Você não é ela! — Digitou ele e jogou o celu-
lar no chão.

Não?

Ele não teve coragem de retrucar a mensa-
gem.

Eu gritei para você correr, mas na verdade eu

queria ser salva!

Ele chorou mais ainda ao ler aquilo.

Me perdoa! — Digitou ele entre choro e gemidos de tristeza.

Isso não importa mais querido.

Ele ouviu o rosnado perto da porta do quarto.

Ele está aqui. — Enviou ele.

Eu sei. Estaremos juntos logo.

Ele olhou para o lado e lá estava o ser grotesco novamente.

Ele quis correr.

— Pode vir! — Gritou ele para a coisa.

Em um segundo aquilo estava em cima dele.

A cada mordida que ele levava um grito abafado saía de seus lábios.

— Estou indo querida!

SONHOS FACTUAIS

Baseado em fatos reais... Um conto sombrio e apavorante de uma pessoa de relatos imprescindíveis de compactação a qualquer outra, relatos estes que certamente atestariam e aprovariam sua falta de sanidade!? Talvez não! Padres acompanharam sua situação com confissões e indicação de orações, acompanhamento médico e frequência na casa do pai. Não era suficiente o acompanhamento médico para sonhos, visões, delírios e vistas reais. O conto é assombroso e os relatos são verdadeiros.

Colidir com sua cabeça por várias vezes contra um guarda roupa com ira de si mesmo e do destino programado para ti após uma desilusão pessoal com a carreira profissional, faria qualquer um te chamar de louco, mas para a pessoa foi um início do carma em sua mente.

Primeiro indício, sons estranhos pela casa falariam por se só o que se passava no ambiente, contudo apenas isso não seria um indício de que coisas aconteciam no antro. Certamente que ouvir

rangidos no forro acima de seu quarto, e uma es-
peça parte de concreto que se desprende da estru-
tura e rola pelo o mesmo forro também pode ser
especulado como um acontecimento comum? Sem
relatar que nesta noite apenas ele se encontrava em
casa, revelar para sua família foi motivo de chacota.
Além de andanças de pombos no mesmo forro, isso
já aceitamos ser algo normal.

Um segundo indício, voltamos à fase da in-
fância. Mesmo fora da cronologia do conto, po-
dendo esse ser o indício um, atesto ele em segundo
pela gravidade do ocorrido, mais acentuado que o
próprio indício primeiro. Carregando em ti uma
idade relativamente jovem, contendo entre dez e
doze anos, o citado estava solitariamente em sua
casa fazendo o que mais gostava, conversar por si-
tes de relacionamento ao mesmo tempo em que se
deliciava em jogos online e baixados em seu PC.
Entretido com o seu jogo online ouvindo músicas
de seu gênero predileto, o dito cujo sentira aquela
sensação de aproximação que todo ser humano já
sentira pelo menos uma vez na vida, ou com fre-
quência, quando uma pessoa esta se aproximando
de ti. Isso fora sentindo com ressentimento, po-
rém era algo normal em sua visão, pois sua tia que
passava dias em sua casa poderia chegar a qualquer
momento. De resto ele se sentira normal. Mesmo
com o pressentimento, nada de ouvir passos ou vo-
zes no interior de sua casa. Ressabiado e já com um

medo percorrendo todo seu corpo, sua ação fora caminhar até a porta do cômodo onde se encontrara para olhar para o corredor. O mesmo esvaziado e com atmosfera estranha. Chamara duas vezes pelo nome de sua tia. Sem respostas e já com o corpo inteiro tomado por calafrios e pavor, lentamente fora fechando a porta do cômodo a trancando sem fazer barulho algum. Rapidamente desligou o computador de maneira direta apertando o botão de força, e desligou todas as luzes do quarto. Em ato de desespero abriu a janela lateral com o intuito de saltar para a casa da vizinha, que também estava vazia e as escuras. Era noite e uma criança a sós em casa já era pretexto para tudo parecer macabro a seu ver. Sua ideia de fuga fora interrompida por sua fobia de altura. Janela fechada e um último ato de pavor. Ficar debaixo da cama foi o escolhido por si como refúgio contra um pânico ascendente.

Em silêncio absoluto se manteve inerte e imóvel no apertado espaço. Para se sagrar motivo de chacota para todos que pudessem ouvi-lo, o jovem garoto presenciou a maçaneta da porta se movimentar lentamente com intuito de abri-la. O som da mola interna se fechando ficara em seu ouvido até os dias de hoje. Para maior temor a maçaneta ficara por um tempo abaixada, mas nenhum som de tentativa de abertura da porta fora ouvido, e após alguns segundos de apreensão a maçaneta lentamente se elevou ficando em sua posição na-

tural. Ficar debaixo da cama era seu pensamento até seus pais chegarem, mas seriam minutos ou até mesmo horas de desespero e angústia. Abrindo a porta com brutalidade saiu em disparada pelos corredores gritando efusivamente para espantar sua tensão armazenada em seus minutos de terror.

Terceiro e quarto indícios, juntos contarão que o garoto, anos mais velho, ainda tinha receios com os escuros de seu ambiente familiar. Ele se precaveu com atitudes a serem repreendidas pelos pais. Por noites e noites o adolescente se submeteu a dormir com uma grande faca debaixo de sua cama, na visão de seus pais isso era por modos de um jovem assistir demasiados filmes e vídeos de terror e acontecimentos penosos. A repreensão por parte da família o fizeram ir muito além, pelo ocorrido tempos atrás, ele se sujeitou a agir com mais discricção. Uma combinação macabra por quem vira de fora, cabo de enxada e pregos, martelados assiduamente.

Quinto indício, nesta etapa a sua fase adulta já se consagra com eventos perturbadores, com a própria visão do inimigo da igreja. Além de desgraças sequentes para pessoas que o magoavam ou até mesmo irritavam-no. Tudo estava ligado a sua percepção de fatos. Talvez o tinoso o quisesse, talvez ele o defendesse de pessoas que o faziam mal, ou que tamanhas desgraças fossem propositadas pela presença sombria do portador de sussurros em

seus ouvidos. Sussurros ao ouvido foram aos montes chamando pelo seu nome em seu ambiente de trabalho. Frequentemente seu nome era chamado, mas nenhum ser vivo estava no local para proferi-lo. Algo poderia estar entranhado em sua presença, isso seria interessante em sua visão.

Sexto indício, o prazer em ver a desgraça de pessoas ou grupo de pessoas que faziam mal para seus semelhantes ou até mesmo animais. Ira e ausência de compaixão seriam marcadas em ti aos olhos de quem convivia proximamente consigo. A brutalidade de seus pensamentos o indicaram que o mesmo precisaria de ajuda urgente.

Sétimo indício, a sessão de horrores que o fizeram buscar a confissão como busca para se livrar de seu infortúnio demoníaco. O desejo incomum de comer carne bovina crua lambendo a vasilha com a salmoura que escorrera, com uma intensa queda e admiração súbita pela luxúria, que acendia um desejo sexual a cada hora do dia, com sede insaciável de sua necessidade carnal. Tais atos deixavam pessoas próximas enojadas e até mesmo reacias com tamanhas bizarrices. Isso serviria para a pessoa saciar tudo o que tinha vontade de fazer.

Oitavo indício, visões parvas. Em uma noite comum se deitara para repousar em sua aconchegante cama. Sempre sem sono, nos primeiros minutos da noite ficava silenciosamente atento a vídeos que assistia em seu celular toda noite após

se acomodar no leito. Ao pegar no sono, suas movimentações noturnas demonstravam que algo não estava como uma pessoa normal gostaria de seguir em uma noite relaxante. Farto de tanto rolar pela cama, se levantou e seguiu para o banheiro com olhar pesado e sono abundante. Por uma fatídica ironia, nunca, jamais se posicionava para observar a escada em um cômodo de sua moradia. Nesta noite o início dos pesadelos se iniciou. Diante de uma paralisia que conteve todo seu corpo, o rapaz se deparou com corpos envoltos em sacos semelhantes aos de batata. Empilhados um sobre os outros em plenos degraus da escada, rapidamente caminhou para trás para se esconder do que acabara de ver. Súbita e desconhecidamente acordara no outro dia com lembranças da noite passada. Meses depois sem se lembrar do tempo específico, uma noite até que aprazível o fez dormir sem problemas. Mesmo durante a noite ele ficou como um bebê tirando sua noite de sonhos de forma contínua. Aqueles dias eram de felicidade extrema para ti, uma mulher belíssima entrara em sua vida e sua vida começou a fazer sentido. Ele estava apaixonado. Entretanto algo mais estranho que a visão dos corpos na escada foi mais assustadora para ele. Como toda noite ao menos uma vez ele se levantava para beber água ou ir ao sanitário, durante essa noite sua coberta fora empurrada por sua perna em movimento para se levantar. Seus olhos captaram um acontecimen-

to que o fizeram saltar da cama de prontidão e espantado. Dezenas de cobras se emaranhavam ao seu lado, aquilo fora real, muito real, seus olhos enxergaram aquilo com precisão de detalhes. Cobras beges de tom escuro engalfinhadas umas nas outras debaixo de suas cobertas. Ao saltar observou sua cama vazia, assim como debaixo da cama, ao redor do quarto, nada de anormal. Aquilo não fora um sonho, fora algo surreal de realidade para ele. Ele presenciou as cobras, ele saltou da cama acordado, ele se lembra de ter estado acordado, a sensação de medo acelerou seu coração o fazendo ficar em claro o restante da noite. Não foi um sonho.

Nono indício, aparições duplas. Em seu quarto, novamente à noite, mais uma noite se aproximava e com isso um sono agudo que se estabeleceu em seu corpo depois de um dia inteiro de trabalho pesado. Após um dia todo de diálogo e gargalhadas com seus companheiros de trabalho e academia, seu dia estava completo e um sono fácil seria o que tinha para aquela restante de dia. Seus olhos repousaram mansamente. Como sempre fazia diariamente, a porta de seu quarto era fechada por “toc”, assim como portas de guarda roupa e gavetas. Adormecendo lentamente com olhos carregados de sono, sua visão chegou a um ponto “x” do quarto. Tranquilo e calmo observou um vulto negro em pé diante de sua pessoa. O vulto estava imóvel e nada era possível de se ver, apenas seu contorno de um

homem que usava um chapéu de abas retas parado lá ao lado da porta o olhando penetrantemente. Seus olhos não eram visíveis. Exatamente um contorno estava diante de ti. Aquela aura negra não se mexia em instante algum, nada fazia e nada falava. Sereno olhando a aparição, o rapaz esticou sua mão como se tivesse a intenção de que o homem a agarrasse, seu braço ficou esticado por algum tempo. A aparição permaneceu imóvel. Sua figura aos poucos fora sumindo de sua vista, não pela aparição estar indo embora, mas sim pelo seu corpo estar sendo vencido pelo sono maciço. Ao acordar também se lembrava da figura com exatidão de detalhes. Na noite seguinte, semelhante à noite passada, tudo estava idêntico, sono cavalariço e quarto intacto. Naquela noite, na mesma posição, um vulto branco ficou parado a sua frente, na mesma disposição do vulto negro da noite passada. Entretanto com as mesmas características de contornos masculinos, a aparição branca não portava um chapéu, e seu brilho era um tanto fosforescente. A aparição permaneceu parada olhando sua pessoa deitada. Também como na última noite, esticou sua mão para o vulto para que o mesmo a agarrasse, diferentemente da noite anterior, o vulto se mexeu caminhando para fora do quarto que tinha a porta fechada. O vulto atravessou a porta de madeira. Se levantando sonolento, porém com controle total de seu corpo provando não estar com sonambulismo, ele seguiu o vulto

até o corredor. A aura branca estava parada ao lado da porta do banheiro e assim ficou imóvel vendo a aproximação do relatado. Quando se aproximava cada vez mais, a aparição se adentrou ao banheiro assim sumindo da visão do rapaz que ficou a ver o banheiro como ele sempre foi. Nunca mais fora visto nenhuma das aparições.

Décimo indício, último indício de coisas sobrenaturais. Diante da madrugada um sonho o perturbou para fechar a sua odisséia de terror. Em seu sonho diante da sala de sua casa, ele estava em pé no centro do cômodo observando todo o arredor de maneira aleatória. O ambiente estava escuro, apenas as luzes da iluminação pública estavam clareando a cortina, certamente uma iluminação quase nula. Olhando para o chão sobre o tapete, o controle de seu vídeo game estava simplesmente parado lá, abaixando para recolhê-lo subitamente o controle se moveu para longe de seu domínio, assustado com o acontecimento, ficou espantado e atemorizado. Se virando para ir rapidamente ao seu dormitório, se pôs a olhar a janela da sala vendo a cortina fechada com uma pessoa atrás da mesma. De maneira sobrenatural a cortina se abriu revelando a face do diabo que gargalhava de sua cara horrorizada. A figura demoníaca se esquivou para o lado deixando apenas a visão da rua para ele. Acordando durante a noite não voltou a pregar os olhos naquela madrugada.

Esse conto pode ter sido baseado em fatos reais, porém pode ser que você lendo isso, duvide de algo relatado. Isso caracteriza momentos a sós de você em seu quarto escuro? Fica a seu critério debochar dessa pessoa... Mas pense, nesta noite você pode acordar com uma aparição dessa diante de ti, qual será sua escolha? Não há monstros debaixo da cama, há monstros diante da escuridão de sua casa!

DOIS REVIS

A microssaia cor de sangue era a mesma da noite passada. A esperança que fossem fazer programa, não. Afinal, tinham sido três negativas nas últimas duas horas. Parou de encará-lo, desejou-lhe a morte, mordeu um pedaço de unha e acendeu um cigarro. Estava cansada da noite. Odiava a noite. Odiava os homens com quem transava e desejava a desgraça daqueles com quem não conseguia transar. A dele, inclusive. Era só isso que sabia fazer da vida: abrir as pernas por dinheiro e torcer pela ruína de quem a rejeitasse.

Ignorando o ódio que vinha do outro lado da rua, ele tomava o último gole de cerveja morna. Chapado e morto de sono, deu o cartão para o garçom de sempre. “Crédito”. Pagou o que devia, guardou o cartão, viu que não tinha um tostão na carteira e se lembrou de que precisava de um dinheiro qualquer para o guardador de carros. Se não desse um trocado naquela noite, na próxima vez que viesse ao bar, a lataria seria arranhada ou um

pneu seria furado.

“Ei, Francisco, me arranje dois reais”, pediu ao garçom.

Ele tinha bebido todas, estava fedendo a cigarro, o corpo estava moído por causa do muay thai. Havia prometido levar a noiva para dançar, mas estava cansado e sem saco de ir para a balada. Ela, herdeira de uma cadeia de postos de gasolina, passaporte carimbado para um futuro financeiramente promissor, adorava varar a madrugada em boates. Ele tinha se sujeitado por dois longos anos a esse tipo de programa, que detestava, e a todos os caprichos sexuais da noiva, que não eram poucos. Insaciável, ela. Tarada. Ele a satisfazia muito a contragosto. Era um preço alto demais, o que estava pagando, e já tinha chegando ao seu limite. Não aguentava mais o mau hálito e os gemidos nasalizados dela. E o suor recendendo a eau de parfum adocicado? Asco. Era o que sentia pela patricinha ninfomaníaca com quem ia se casar em dois meses.

“Foda-se! Vou tomar o rumo de casa, desligar o celular e dormir”.

A noiva vinha notando que ele estava diferente. E vinha fazendo ameaças veladas de terminar o noivado. Se ele não aparecesse na casa dela aquela noite, ela iria tomar a iniciativa de pôr um ponto final em tudo. “Tomara! Aí passo a noite de sábado já como um homem livre. Pobre, mas livre”.

No caminho para o carro passou por dois ca-

chorros de rua que rosnavam um para o outro. Disputavam uma lata de lixo. Um deles tinha a cara de perverso, um latido gutural que lembrava o urro de uma pessoa possessa. O outro, visivelmente mais velho e mais frágil, percebeu que não tinha chance na peleja, botou o rabo entre as pernas e fugiu. Infelizmente para o coitado, havia um terceiro na esquina que se aliou ao alfa na perseguição.

Os dois taxistas parados no ponto, esperando clientes, riram, debochando do destino do cão idoso: “Dessa noite esse aí não escapa”, disse o mais sebooso dos dois, antes de cuspir na calçada uma mistura de muco e catarro. O outro, mais barrigudo e dissimulado, soltou um risinho debochado que lembrava uma hiena ululando.

“Devia ir de táxi, mas não vou com a cara desses dois. Acho que vou de uber”.

Ele continuou cambaleante até o carro, sem decidir se ia para casa dirigindo. Abriu a porta do motorista e o guardador de carros se aproximou. Deu-lhe os dois reais.

“Valeu, patrão”, disse o homem de meia idade, antes de sair correndo para ver se conseguia pegar um trocado mais adiante, no fim do outro quarteirão.

Eis que mais um guardador apareceu — esquelético e fedendo a mijo.

“Foi a esse ou ao outro que eu prometi dinheiro? Ah, isso não importa, porque agora já es-

tou mesmo sem um tostão”.

O que ficou sem grana olhou-o de uma forma estranha, ameaçadora, e passou a língua sobre os lábios queimados. Os olhos estavam em carne viva. Olhos de craqueiro saltando sobre a pele acinzentada e cheia de feridas. A garota de programa a tudo observava, sentido indisfarçado prazer pela tensão que se formou.

Ele tateou os bolsos de trás das calças frouxas. “Deixei a porra do celular em cima da mesa”. Levantou a cabeça e viu que a garota de programa o encarava de novo, com um sorriso de canto de boca, entre lascivo e sádico. “Insistente, essa moça”.

Uma travesti alta e morena de cabelos alisados com chapinha desceu da garupa de uma moto e fez leve aceno para a prostituta, simpatia disfarçando a disputa do ponto.

“Essas duas hoje ainda não apuraram nada”.

Francisco havia lhe falado que tinha certa curiosidade de sair com a travesti, até ficar sabendo que era violenta. Corria o boato que havia cortado o pau de um senhor aposentado que costumava se embriagar às segundas-feiras. Andou um tempo presa, mas estava de volta às ruas, com seu corpão voluptuoso e intimidante.

“Vão cair já no tapa”.

Ele atravessou a rua de volta para o bar. Francisco veio ao seu encontro, entregou-lhe o celular e lhe perguntou se as fotos haviam sido apagadas.

“Todas”.

Mentir descaradamente fazia parte da sua rotina. Voltou para o carro achando graça da situação, sem perceber que o guardador de olhos de demônio tirava uma faca do bolso traseiro da calça.

“Se não tem dois reais, passa o celular”.

Ele não se intimidou e abriu a porta do motorista. O que sentiu a seguir foi a dor excruciante de uma faca sendo fincada em seu peito. O sangue começou a jorrar e ele tombou na calçada.

“Eu tô entregando sua alma ao diabo pra ele me dar muita riqueza”, disse o guardador-demônio, antes de pegar o celular e fugir.

A última visão dele foi dos sapatos gastos de Francisco.

Não era de todo ruim morrer assim, aos pés do objeto da sua atração, pensou. Morria no armário, sem falar a verdade para a noiva. Ela não ia ficar sabendo que ele transava com ela pensando em Francisco, e que fingia orgasmo para pôr fim às intermináveis maratonas sexuais, que detestava sair com ela para a balada, que tinha convencido o garçom a fazer um ménage com a garota de programa e ele na noite anterior, que não conseguiu ter uma ereção porque estava bêbado demais, que ficou apenas fazendo vídeos e tirando fotos — mais de cinquenta — de Francisco fazendo sexo anal com a mulher, e que chegou em casa às sete e meia da manhã, tomou um banho, cheirou uma carreira

de cocaína, trocou de roupa e foi encontrá-la para irem juntos ao muay thai.

Ela não ia saber de nada. Nem ninguém.

E assim ele estrebuchou e agonizou, sob os olhares assombrados de Francisco, da travesti violenta, dos dois motoristas de táxi sebosos e da prostituta que rogava pragas a quem se recusava a penetrá-la num programa.

Morreu assim, do nada, porque não tinha dois reais na carteira.

LAZANHA CONGELADA

Doris bufou, ainda com os olhos fechados. Queria acreditar que estava sonhando. Quando aquele lamento agônico ecoou de seu telhado novamente, rangeu os dentes e sentou-se na cama.

O quarto estava escuro. O maldito gato não esperava mais as primeiras horas da manhã para começar sua gritaria. Jogou-se novamente no colchão e encarou o teto.

O som furava seus tímpanos. Doris apertava seu maxilar contra os dentes, esperando senti-los trincar. Sua mente girava, lentamente, distanciando-se do miado. Tudo tornou-se vago e leve em sua cabeça.

Só percebeu que fechara os olhos ao abri-los, sobressaltada. Alguém esmurrava a porta da frente. Doris esquadrinhou o teto, de lá não vinha barulho algum. Levantou-se e arrastou os pés até o vestíbulo.

Abriu a porta. Em sua soleira, uma mulher de meia idade, peitos caídos por debaixo de uma camisola que não cobria suas canelas. Doris a odiava

e para isso não necessitava saber nem mesmo seu nome. Bastava espiar a nojeira que era o quintal de sua vizinha para saber o tipo de pessoa que a acordava antes do amanhecer.

“Meu gato está preso no seu telhado!”, disse com urgência, fazendo menção de entrar.

Doris colocou seu corpo sonolento diante dela, barrando-a. “Se seu gato subiu até lá, ele que aprenda a descer”.

“O Geisel está há uma semana fora de casa! Deve estar com fome e com medo”, replicou a senhora.

Doris respirou fundo e sentiu seu maxilar travar. Mantendo o semblante fechado, entreabriu a boca, ouvindo um estalo.

“Experimenta subir no meu telhado, que eu mesma dou um jeito de descer você e a porra do seu gato de lá”. Bateu a porta e voltou ao quarto sem sono algum.

Na mesma manhã foi ao mercado. Comprou lasanha congelada e dois maços de cigarros. Passou na avicultura e comprou veneno para rato — “É esse verão”, comentou o vendedor.

Tirou do fundo do refrigerador um pedaço de bife velho e o colocou debaixo da torneira da pia, descongelando-o. Esperou. Sentada à mesa, fumou um maço inteiro.

Lá fora fazia uma tarde abafada, a rua estranhamente silenciosa. Doris levantou-se, indo ao

quintal dos fundos. Pegou a escada e subiu no telhado. Deu uma olhada. Folhas secas e merda de gato. Desceu até o armário, na cozinha. Voltou ao telhado munida com sacos plásticos, a vassoura e luvas de látex amarelas.

Levou a tarde inteira para desentupir a calha e recolher as folhas e o cocô. Ao terminar, jogou as luvas, os sacos e a vassoura fora. Tomou um banho e esquentou a lasanha no micro-ondas. Ligou o rádio baixinho e fumou um cigarro, satisfeita.

Comeu e descartou o prato. Pegou o bife da pia e retirou o veneno de rato da gaveta. Enrolou um punhado generoso na carne e espetou alguns palitos para manter o conteúdo preso.

À noite, no quintal dos fundos, arremessou a carne para cima do telhado e sentou-se na cozinha com a porta fechada. Esperou. Passava da meia-noite e o último maço de cigarros estava acabando.

No escuro, ouviu passos acima de sua cabeça. Movimentação furtiva. Doris desligou o rádio, apurando os ouvidos. Silêncio. Procurou pelo último cigarro na embalagem, não achou.

Passou um café e bebeu em uma xícara, observando o muro da casa em frente pela janela. Um sorriso malicioso nos lábios.

Saiu para o quintal; novamente encostou a escada junto à lateral da casa. Subiu os degraus com cuidado, iluminados apenas pela luz trêmula do poste da calçada.

Doris parou quando sua cabeça encontrava-se à altura do telhado. Olhou adiante. O farfalhar de folhas vinha da copa da árvore do quintal vizinho. Cachorros latiam ao longe, sirenes brilhavam mais adiante.

Recomeçou a subir. O corpo duro estendido na telha. Geisel, o gato. Ela esticou o braço e puxou-o pelo rabo frio. Desceu a escada, voltou à cozinha e trancou a porta dos fundos.

Jogou o corpo em cima da mesa. Era um gato vira-lata, muito gordo, partas curtas demais para sustentar seu peso, a cabeça era de um cinza encardido, mas o restante da pelagem era tingido de marrom; aqui e ali havia uma mancha branca de formato arredondado.

Era horrendo, pensava Doris, fedia como o diabo. Seus olhos amarelados cheios de malícia estavam entreabertos, vessos.

Ela cutucou com o dedo indicador sua barriga flácida. Depois, abriu sua boca, deixando-a escancarada em uma posição cômica. Puxou o pelo, arrancando-lhe um tufo e enfio o dedo mindinho no ânus do bichano.

Tomou outra xícara de café, caminhando sob a luz amarelada da cozinha. Enquanto observava o gato ria, constatando que fez o que era melhor. Queria dizer isso a ele, rir abertamente do destino que impusera ao gato.

“Estúpido”, disse baixinho, temendo ser ou-

vida. “Gato estúpido”, repetiu mais alto. Sentiu seu rosto esquentar, surpresa com sua ousadia.

Dóris, séria, sentou-se próxima aos olhos semicerrados de Geisel e com uma fúria que sentia pulsar em seu peito, começou a falar sem constrangimento para ele.

“Todas as noites que passei sem dormir por causa do seu gemido! Essa sua dona imunda, que espalha sua sujeira por onde anda, que sente prazer na imundície. Deveria ter um fim ainda pior que o seu!”.

Geisel, o gato, piscou, ronronando como se as palavras de Doris fossem afago. Ele encarou o rosto da mulher, sombreado pela luz, e com um movimento rápido pusera-se de pé na mesa.

“Você deve ser um ser humano e tanto”, disse o gato, lambendo as patas.

Doris não se assustou, continuou censurando-o com o olhar. “Melhor do que qualquer pessoa desse bairro que caga onde come”, replicou.

Geisel emitiu um miado que Doris julgou irônico, como se fosse possível tal distinção.

“O homem é produto do seu meio”, disse o gato, pedante, “e o seu é solitário, triste e neurótico”.

Doris não pôde disfarçar sua incredulidade: “Como ousa?”.

“São três horas da manhã de um sábado e você está aqui conversando com um gato morto”,

respondeu Geisel.

Eles se encararam e o silêncio foi rompido pelas gargalhadas altas que ambos soltaram.

“Acho que eu posso melhorar isso”, disse Geisel, ainda rindo.

Doris observou o gato arquear as costas e entreabrir a boca; seus olhos esbugalharam-se, tornando-se vermelhos. Ele continuou fazendo força, puxando algo de seu diafragma para a garganta.

Geisel emitiu pequenos arrotos enquanto esticava o pescoço com as patas dianteiras separadas uma da outra. Finalmente, um barulho que lembrou a Doris uma rolha separando-se da boca de uma garrafa, indicou que Geisel finalmente expeliu o que queria.

Doris aproximou-se da mesa, sentando-se na beira da cadeira. Uma pedrinha branca envolta em pelos jazia na mesa. Poderia ter saído do rim do gato, pensou a mulher. Geisel deitou-se, observando-a.

“O que é?”

“Crack”.

Doris hesitou. Geisel virou sua grande barriga para cima, jogando as patas para o ar. “Vamos, não tenha medo”.

Ela levantou-se e cuidadosamente levou sua mão à barriga de Geisel. Sentiu os pelos entre os dedos, mas continuou aprofundando-se até o ponto em que todo seu braço estava no emaranhado

de pelos. Finalmente ela sentiu algo roçando-lhe os dedos. Ela fechou o punho em volta do objeto e retirou o braço.

Na palma de sua mão havia um cachimbo. Imediatamente seus olhos viraram-se para a pedrinha ao lado e em seguida para um insinuante Geisel.

“Sabe como fazer?”, perguntou ele.

Antes que ela pudesse responder, alguém socou a porta sucessivas vezes. Eles se encararam. “É a louca da minha dona”, afirmou Geisel.

Doris largou o cachimbo e dirigiu-se ao vestíbulo. Abriu a porta e a vizinha com a mesma camisola e os peitos murchos surgiram em meio à madrugada.

“Geisel subiu no seu telhado de novo!”, gritou ela.

Calma, Doris olhou em direção à cozinha. “Bem, espere aqui”, disse para a velha.

Voltou à cozinha. Geisel ocupava-se com o cachimbo como se fosse um rolo de lã. “Você tem que ir embora”, disse Doris.

“Eu não entendo essa mulher”, disse Geisel, distraído, “quanto mais eu a odeio, mas ela me quer por perto”.

Ele parou, atentando-se a Doris. “Você sabe como fazer”, miou.

Doris aproximou-se mais uma vez. Geisel virou-se de barriga para cima e a viu enfiar seu bra-

ço até o cotovelo nos pelos de sua barriga. Doris sorriu, tirando de lá uma machadinha afiada. Ela a escondeu em suas costas e voltou para o vestíbulo.

“Não achei ele”, disse para a vizinha.

“Então eu vou subir no seu telhado e encontrá-lo!”, respondeu a velha.

Doris apenas riu, sentindo suas mãos suarem. A vizinha parou no ato, aterrorizada. “O que você fez com ele?”.

“Nada”, respondeu Doris, “nada mesmo”.

“Porque não seria a primeira vez!”, disse a velha. “Você já o matou outras seis vezes”.

Doris miou, cortando o ar com um movimento diagonal com a machadinha. A lâmina cortou o pescoço da velha, que caiu de costas no chão enquanto sua artéria espirrava sangue na soleira da porta.

Doris puxou a velha pelos tornozelos até a cozinha. Sua roupa molhada de suor colava-se ao corpo. Ela ergueu-se e deu de cara com Geisel andando sobre a mesa com o cachimbo na boca.

“Ótima noite para um pouco de crack”, disse.

Doris remexeu os bolsos da camisola da velha e encontrou um isqueiro; acendeu o cachimbo e viu o gato inspirar uma fumaça branca espessa.

Geisel revirou os olhos, enrijecendo, e tomou de lado, soltando o cachimbo. Doris olhou para cena diante de seus olhos. Uma trilha de sangue seguia do vestíbulo à cozinha, terminando em uma

poça debaixo da vizinha estirada aos seus pés.

Arrastou-se para o quintal, encheu um balde de água, acrescentando água sanitária e desinfetante. Da dispensa trouxe um grande saco de lixo e o rodo.

De volta à cozinha, colocou o gato de barriga para cima, fazendo suas patas penderem debilmente ao lado do corpo. Suspirando, agachou-se diante da velha e a pegou nos braços. Era mais leve do que pensara.

Aproximou-se do gato e vagarosamente mergulhou a senhora em sua barriga. Seus membros foram sumindo em meio aos pelos espessos; primeiro sua cabeça, depois os braços e, como se brincasse, Doris manteve apenas o pé da velha suspenso até que soltara-a. A machadinha e o cachimbo tiveram o mesmo destino. Doris jogou o corpo de Geisel no saco de lixo e amarrou-o.

Começou a limpeza. Quando a água do balde tornava-se vermelha, ela trocava-a até que finalmente o chão ficou limpo e reluzente.

Jogou os panos de chão e suas roupas no saco. Tomou banho, trocou-se e recolheu-o, colocando-o na lixeira ao lado de seu portão.

Decidiu que iria ao mercado e compraria lancha congelada. Também precisava de cigarros. Se encontrasse daqueles sacos coloridos para reciclagem talvez comprasse alguns. Novos hábitos eram sempre bem-vindos.

AMÁBILY, GUSTAVO, AURORA E A FOTOGRAFIA

Era década de 1930. Tempo em que homens cortejavam as senhoritas vestidas com bastante discrição e elegância e, sendo elas moças de sobrenome importante, o único caminho a ser seguido era o matrimônio. Com Gustavo a história não foi diferente e, ainda muito jovem, no auge dos seus 20 anos, causou-se com Aurora.

Rapaz de muitas posses — havia herdado tudo de seu pai que morrera cedo, devido a tuberculose que o acometera — por isso, não exitou em dar todo o tipo de luxo e conforto para a esposa. Moravam em um casarão antigo, típico da época imperial, um pouco afastado da cidade. Nele a decoração rústica era predominante, tinha enormes janelas cobertas por pesadas cortinas de tecido, as quais eram mantidas fechadas por exigência de Gustavo, que também contratou vários empregados para servi-los.

Dentre eles estava Amábily, com a mesma faixa etária dos patrões, morena da pele cor de jamba, lábios carnudos, olhos amendoados, estatura

mediana. Não demorou muito para que Gustavo cedesse aos seus encantos. Porém, na cidade os murmúrios davam conta de que aquela moça era adepta de feitiços e magias, indo todas as noites de lua cheia ao Monte dos Uivos. Diziam que no local ela conversava com espíritos através dos lobos que ali habitavam e deles recebia instruções de como se comportar com o amante.

Encontravam-se no único motel da cidade, sempre as sextas-feiras, quando Gustavo inventava para a esposa que precisava trabalhar até mais tarde na sede da empresa que era sócio.

Num desses encontros, Amábily — já a muito tempo orientada pelos lobos — disse ao amante que não suportava mais aquela situação e que tinham que encontrar uma maneira de se livrarem de uma vez por todas da patroa.

— Amábily, você sabe que sou um homem bastante conhecido e tenho negócios importantes, não posso ser personagem de um escândalo de adultério.

Diante do argumento, Amábily retrucou:

— Podemos resolver tudo de um jeito fácil e rápido. Basta que a envenenemos e depois a enterremos em qualquer mata afastada da cidade.

Os concubinos então puseram o plano em prática e, aos poucos, por cerca de uma semana colocaram pequenas doses de veneno nas bebidas que ofereciam a Aurora, até que finalmente, a jovem

mulher enfartou de maneira fulminante e na surdina da noite, eles a enterraram na mata próxima ao Monte dos Uivos. Na ocasião, Gustavo dizia a todos que Aurora havia desaparecido.

Passados alguns meses, depois de Amábily e Gustavo terem assumido seu romance diante de toda a sociedade, o infiel viúvo começou a ter constantes pesadelos. Em seus sonhos via uma mão esquelética, ensanguentada e suja de terra úmida balançando um berço e risos malvados dizendo “eu volto, eu volto...”

Certo dia, o fotógrafo local bateu a porta dos recém-casados, trazendo consigo as fotos do casamento. Ao folhearem o álbum, qual não foi a surpresa de Gustavo ao perceber que, na tradicional foto dos noivos sentados um ao lado do outro, existia a silhueta de uma mulher deitada e de um feto, com cerca de dois meses de gravidez. Ali ele soube que a fala de seus pesadelos era da finada Aurora.

CORÇÃO DE GALINHA

Não me deixe só. Arranhei da garganta num pio, no instante em que a mãe bateu o portão. Em seguida, minha tia estalou o bico, cacarejando afa-zeres. Acordar cedo, tenho medo do escuro. Tra-tar das galinhas, tenho medo do inseguro. Cuidar do terreiro, dos fantasmas da minha voz. Pra me ignorar de vez, aumentara o rádio. Estática, uma música aleatória timbrou-se em mim na forma de um cercado. Não me deixe só.

Desde pequena, carrego desejos maiores; sempre grávida, acalentando-os. O convívio no galinheiro cascou todos. Quanto mais mirabolante o devaneio, maior seria a envolvente camada dura; mais fortes, os nutrientes. Não funcionava a pro-teção, pois eu comia meus ovos-sonhos do mesmo jeito que as galinhas presas e carentes de cálcio ins-tintivamente fazem.

Quando a mãe despejou a novidade da parti-da, me obrigou a fugir do choro. As lágrimas em-paparam na goela. Galinha sempre corre d'água.

Guardei-as pra não me inundar diante do medo de ser gente. Éramos uma ninhada de nove. Virei o ovo de ouro cedido e invejado pelos irmãos, carregado de obrigação em ajudar no futuro.

O povo da roça é igual bicho, feito pra ser iludido. Nasce, é domesticado. Cresce, é consumido. Minha tia garantiu pra mãe que me consideraria a filha-mulher nunca gerida. Ficou de me dar teto e ração básica de comida, água e aulas de português e matemática, em troca de companhia. Ninguém acordou os meus custos de botar a própria vida fora.

O único rompimento na rotina era a missa. Íamos bem vestidas com as penas eriçadas, lustrosas. Pela música, amadureci uma prece silenciosa, mental e miúda igual à música. “Não me deixe só, que o meu destino é raro. Eu não preciso que seja caro, quero gosto sincero de amor.”

Demorei a soltar a voz dentro daquele galinheiro humano. Não me aceitava frango, que adianta a chegada do sol, pra anunciar a Deus que estava viva, sozinha. Com o tempo, atinei que não ia me atender. Por isso, estiquei pescoço e cordas vocais. Quem sabe estufada, Ele me ouvisse? Ganchei admiração, dispersei cobiça. Me transmutei num bichano de companhia que invejam ter, buscavam absorver.

“Fique mais”. O músico me cercou na saída. “Que eu gostei de ter você”.

Me esvaí muda, preparada pra ser degolada, sair correndo e esguichar sangue, medo. Ele planejava aprimorar o canto. De começo, minha tia não ia me repassar a ninguém. Mas por Deus, fui dada como oferenda. Ela vislumbrou uma constante reverência, típica de uma perseverante Santa Mônica atual. Seus filhos-machos abraçaram bebida e bola. Pelo menos a filha chocada fora do útero serviria ao sacro, cantando em missas, louvores. Pra garantir o brio na terra, me cedeu como díizimo ao céu.

Uma vez por semana, me cruzava com Jacinto. Tímidos, conversávamos sem palavras por meio da música. Nos tornamos uma só unidade em comunhão.

Certa vez, no portão, foi capaz de despertar trivialidade. Perguntou se me amedronto. Cantei-falei ou falei-cantei em tom baixo e pouca força. Na dúvida se valia a pena repetir, ele se sobrepôs e revelou que me levaria num local onde eu poderia ser abatida diante do aventureiro desconhecido. Deixei.

Jacinto me pendurou numa moto, cansada e raquítica. Com garras, segurei em sua barriga. Voamos pelo trajeto rápido. Chegamos numa roça de casa modesta, igual a da mãe. Temi entrar, me revia uma menina-franguinha de novo, recém-saída de um ovo. Meus desejos calcificados moveram-se nas tripas.

Aterrissamos por causa da musicalidade num

terreiro de umbanda, colocados perto de atabaques. Fiquei em posição de choco, colada a uma branquela com olhos esverdeados. No momento em que os trabalhos começaram, perdi meu corpo. Queimei do mesmo jeito que água fervente escalda pele, tirando penas minúsculas, me deixando lisa. Removida de minha película, veio frio. eclodiu alma. Estufei dorso. Ritmei, rodopiei. A negritude atávica escondida no cabelo alisado e nas vestes a tapar quadril, explodiu.

Algo sagrado ou alguma santidade desceu. Em transe, voltei eras e vidas. Descobri ser mente velha num corpo novo, espírito eternamente jovem numa carcaça ancestral. Levantei poeira, capenguei, bati testa, palmas, pé. Requebrei, me quebrei. Cantei minha música-tema. E falei muito, me expressei. Repercutia num bom som de gargalhadas. “Venho da capoeira. Sou perigosa, sou macumbeira. Eu sou de paz, eu sou do bem mais.” Finalmente pus uma identidade quentinha no ninho da vida.

Na volta, as entranhas reviravam-se pesadas. Eu havia sido abatida? Me renasci num não-ser? Tinha sido uma galinhada de domingo, resplandecente enquanto observada. Minha carne não me pertencia, outros iriam se nutrir de mim. Nem os ossos retornariam ao pó, pois se destinam aos cachorros de quintal. “Ah, ah, ah, ah, ah, ah, aah”. Então, o que haveria de ficar e ser meu?

Jacinto captou o cantarolado desconexo. Pa-

rou a moto. Eu podia vomitar, mas não perderia as possibilidades maturadas. Diante do escuro da floresta, reafirmei a compreensão de que vivia uma normalidade alheia. O silêncio do breu me confortava além de me confirmar. Haveria sempre as tarefas a cumprir, a música como escape. Receberia desprezo da minha tia, ausência de mãe, amor das galinhas, silêncio de Deus, isolamento dos demais.

Por essa razão, comi Jacinto. Me variei em galo que monta no topo da galinha. Na garupa-poleiro, voei pra cima, não me preocupava em perder o equilíbrio. As mãos-asas abriam-se, fechavam-se em dança. Minha pélvis doía, Jacinto se contorcia. Não fizemos amor, muito menos sexo. Provamos um acasalamento. Coletei a gala da vida pra não perder a força geradora. Como retribuição, sujei Jacinto de sangue, manchando como propriedade, animal sacrificado, conquista de guerra, espólio.

Ao bater o portão de minha tia, entendi a mãe. Intuí que ele não ia ser meu, nem ninguém. Mulheres não possuem homens, é o contrário. O destino feminino envolve ser usada, volver-se em sacrifício. E por que não o inverso? “Fique mais, que eu gostei de ter você.” Devolvi o cantado a fim de encerrarmos. Engoliu a migalha pra não depernar a masculinidade.

No escuro, ouvia a gema de dentro fortalecer, brilho amarelo. Sozinha, acalentei a nota musical que me pauta em crescimento. Assimilei as letras

definitivas a me ditarem sem necessidade de variação. “Não vou mais querer ninguém, agora que sei quem me faz bem”. Sou como clara, eu.

UMA MULHER DE CARNE E OSSO

— Desta vez é verdade! – as xícaras tremeram na mesa com o soco de Yolanda.

— Acalme-se mãe! Você não tem certeza de nada! – Joana procurou amenizar.

— Ele está me traindo com alguma vagabunda! – ela disse sacudindo o cigarro no ar – Não é a minha imaginação! É uma mulher de carne e osso! Você tem que me ajudar a descobrir minha filha!

— Foi por isso que você me chamou aqui? Eu não acredito — ela se recostou na poltrona.

— Você sabe como é o seu pai — disse após dar um trago no cigarro – Ele esconde tudo de mim. Eu não sei nada sobre a vida dele! Acha que eu sei alguma coisa sobre a rede de açougues? O negócio que sustenta a nossa família há anos! Olha que eu também sou sócia! Mas desta vez é verdade! – disse tornando a bater com a mão na mesa realçando cada sílaba.

— Você precisa voltar para terapia! Está tudo na sua cabeça. Além do mais tenho que voltar para

o trabalho. Estou no horário de almoço e não posso demorar.

— Não! Eu não suporto mais viver assim! – disse antes de retirar um notebook da bolsa que estava ao seu lado. Imediatamente Joana reconheceu o modelo.

— Está louca? Eu não vou espionar o computador do papai.

— Se você não me ajudar vou pedir para o Diego, filho do nosso vizinho Torquato. Aquele que é gerente de banco... ou administrador... eu acho. Pouco importa! – tornou a sacudir o cigarro no ar — Não conheço esta gente do prédio! Sei que ele é jovem e estuda informática. Basta oferecer algum dinheiro que tenho certeza de que ele vai aceitar correndo!

Estava encurralada. Expor o computador de seu pai para o filho do vizinho estava fora de cogitação. Não era a primeira vez que sua mãe a convencia através de uma chantagem. Sentiu um frio na barriga antes de ceder e concordar.

— Tenho certeza de que você vai descobrir num instante! – ela disse entregando o notebook nas mãos da filha.

Apertou o botão para ligar a máquina apostando que estava fazendo a coisa certa. Logo a sua mãe se acalmaria, assim que nada encontrasse de especial. Após carregar o sistema operacional, surgiu a tela de login pedindo nome e senha.

— A senha! — disse levando as mãos à cabeça — Agora não vamos saber nada! Ai meu Deus! Maldição!

Imediatamente Joana se lembrou da primeira vez em que seu pai comprou um notebook. Ela o havia ajudado na configuração. Apostou na mentalidade conservadora do pai e digitou a mesma senha que ela sugeriu na época: joanaqueiroz.

— Cacete! — ela gritou bem próximo ao ouvido de Joana — Como que você sabia a senha?

— Foi um palpite. Acalme-se pelo amor de Deus! — disse afastando um pouco a cadeira, distanciando-se de sua mãe — O que você quer que eu veja?

— Eu sei lá! Olhe tudo! Alguma coisa vai aparecer.

Abriu o navegador para ver o histórico das páginas visitadas. Percorreu a lista de páginas relativas ao ramo do comércio de carnes. Um artigo de um blog falava a respeito da crise econômica dando uma análise positiva em termos de perspectivas de curto prazo para o mercado de alimentos em geral.

Outra notícia de um jornal falava a respeito do desaparecimento inexplicável de várias mulheres nos últimos dois anos. A polícia estava sendo pressionada por resultados e suspeitava da ação de um assassino em série. Eles diziam que já haviam descoberto alguma conexão entre as desaparecidas, mas preferiam não comentar para que não afetasse

as investigações.

Bisbilhotar o histórico de navegação do seu pai deu-lhe uma estranha sensação. Era como olhar dentro de sua carteira, para ver o quanto possuía, enquanto ele estava no banheiro.

— Está satisfeita? Não há nada aqui. Só páginas de negócio e notícias — disse tentando inutilmente acalmar sua mãe.

— Temos que ver os extratos bancários e dos cartões de crédito — afirmou após tragar com força o seu cigarro.

Sua mãe não iria desistir enquanto não fincasse os dentes em alguma coisa concreta, Joana pensou. Olhar os extratos de seu pai era equivalente a ela espiar pelo buraco da fechadura do banheiro, enquanto ele fazia suas necessidades. Mas ela não tinha as senhas das contas. Se errassem a senha um determinado número de vezes, corriam o risco das contas ficarem bloqueadas. Após explicar esta santa impossibilidade, que tinha o poder de retirá-la daquele desconfortável papel de detetive particular, Yolanda disparou:

— Seu pai imprime tudo. Ele não gosta de ler na tela. Depois sempre destrói os papéis naquela maldita fragmentadora. Eu não aguento o barulho que aquilo faz!

Como num passe de mágica, Joana lembrou de ter utilizado um software espião na sua empresa que permite recuperar os últimos arquivos que fo-

ram impressos. Se esforçou para disfarçar e esconder aquela livre associação da sua mente.

— Você teve alguma ideia? Eu conheço este olhar. Não me esconda nada filha! — Os perdigotos saltavam de sua boca como malabaristas de circo.

Pediu paciência para sua mãe e abriu sua caixa de correio eletrônico. Filtrou as mensagens enviadas por Manoel, o analista de sistemas da empresa. Rapidamente encontrou o software mágico de apenas 500kb com as instruções de instalação.

A lista dos últimos documentos impressos surgiu na tela fazendo com que Yolanda colasse seu rosto ao rosto da filha. Abriu o primeiro documento. Era um extrato bancário. Joana sentiu um frio na barriga quando viu um valor de um pagamento de oitocentos reais com a descrição: Rua Felisberto de Menezes, 555, apartamento 1002.

— Que apartamento é este? Viu só? Eu não te disse? Ele paga um apartamento para a piranha! — ela esbravejou sacudindo o cigarro.

Tonta com a situação, Joana começava a se perguntar se realmente conhecia o seu pai. Ao abrir os documentos mais antigos lá estava o valor de oitocentos reais, se repetindo todo dia dezenove.

— Cacetada! — alertou Yolanda — Acabo de me lembrar de uma coisa — ela disse antes de se levantar e sair correndo para o quarto.

Apreensiva, Joana ouvia de longe o som das gavetas se abrindo e a voz de sua mãe praguejan-

do. Sentiu sua garganta secar, conforme o tempo passava.

— Aqui! – ela mostrou um molho de chaves cujo chaveiro tinha estampado o número mil e dois – Eu sempre desconfiei deste chaveiro! Quando eu perguntava ele dizia que era do escritório. Maldito! Vamos até lá agora! Eu quero ver a cara desta vagabunda! – disse apanhando a bolsa.

— Espere! Eu encontrei um extrato do cartão de crédito — disse Joana surpreendendo-se com o que acabara de sair de sua boca.

— Sim, é claro! Se vamos desnudar o desgraçado que seja até as cuecas.

Um par de sapatos num mês, uma gravata noutra e uma compra de dois mil dólares em nome da Abyss Creations, LLC. Durante um segundo, que pareceu durar uma eternidade, as duas se entreolharam. Retrocediam nos meses e compras com o valor semelhante apareciam em nome da mesma empresa. Pelo menos oito mil dólares já tinham sido gastos.

— Eu não quero ver mais nada! Este filho da puta também é um gastador! Privou-me do acesso ao dinheiro e ainda me acusou de desequilibrada. Deve estar comprando presentes para a vagabunda! Eu vou até este submundo e você vai comigo! Desliga isto!

Assim que Joana estacionou na frente do prédio, sua mãe saiu furiosa distribuindo insultos ao

vento. Apertava o botão do interfone de número mil e dois como se ele fosse capaz de lançar mísseis contra um inimigo.

— Fale alguma coisa piranha! — gritava.

Confrontada pelo silêncio sepulcral, Yolanda apanhou o molho de chaves e tentou abrir a portaria do prédio. Após duas tentativas, a porta se abriu.

— Aqui vou eu vagabunda! Prepare-se!

Joana apressou-se para acompanhar os passos de sua mãe até o elevador. Quando chegaram no décimo andar, Yolanda saltou direto para a porta de número mil e dois empunhando as chaves. Como um cão que é solto após estar preso há vários dias sem água e comida, ela entrou porta adentro.

O interior do modesto apartamento não tinha muitos móveis. Na sala havia apenas um sofá cama de dois lugares e um abajur. A pequena cozinha não contava com uma geladeira. Também não havia uma máquina de lavar roupas. Era impossível que alguém vivesse naquele lugar. Yolanda olhava para tudo a procura de vestígios de uma relação. Uma foto num porta retrato, um vaso com flores ou uma peça de roupa.

No quarto, depararam com uma grande cama de casal e um enorme armário. Apostando encontrar alguma roupa de mulher Yolanda decidiu abrir o armário.

— Cacete! Santa Maria!

Joana olhava para aquilo de boca aberta e não sabia qual emoção manifestar.

Dentro do armário estavam penduradas quatro lindas bonecas em tamanho natural: uma negra, uma japonesa, uma ruiva e uma morena. Eram extremamente realistas. Com o queixo caído, Yolanda admirava o conteúdo do armário e sentia ciúmes pelos tipos escolhidos pelo marido. Todas diferentes dela.

— Seu pai é um punheteiro! É um doente! Estou casada com um homem doente. Meu Deus!

Constatar que seu pai era um homem de fantasias sexuais pouco convencionais fez Joana se sentir aliviada. Aquilo parecia melhor do que uma traição com uma mulher de verdade.

No caminho de volta, Yolanda parecia convencida a pedir o divórcio. Afirmava que se ele tinha bonecas é porque era um covarde, sem coragem de lutar por uma mulher de carne e osso. Ela não era mulher para estar casada com um covarde.

No elevador Joana insistia que a mãe respirasse profundamente e contasse até dez antes de dizer qualquer coisa. Yolanda confirmava positivamente com a cabeça enquanto fazia as respirações.

Ao abrirem a porta deram com Paulo sentado na poltrona da sala lendo o jornal. Ele abriu um sorriso ao ver sua filha querida acompanhada de sua esposa.

— Punheteiro de merda! Descobrimos teu es-

conderijo e teus brinquedinhos sexuais! Você não tem vergonha? Velho sacana!

Seu rosto adquiriu uma expressão de terror e a cor da sua pele mudou como um camaleão. Sem emitir uma palavra sequer Paulo Queiroz saltou pela janela do oitavo andar na frente da esposa e da filha, caindo em cima de um carro estacionado que disparou o alarme.

Quinze dias após a morte do pai, mãe e filha permaneciam devastadas. Afundada numa forte depressão, Yolanda quase não saía de seu quarto. Joana, por sua vez, procurava inutilmente compreender a atitude do pai. Durante aqueles dias, não foi difícil descobrir que Abyss Creations era um nome de fachada para a empresa Real Dolls.

Mas a dúvida persistia. Movida pela angústia e a procura de respostas, Joana decidiu retornar ao apartamento da rua Felisberto de Menezes.

Diante da porta de número mil e dois, ela não hesitou. Entrou e caminhou decidida em direção ao quarto. Seus passos ecoavam dando a impressão de que ela não estava sozinha. O som abafado de seu coração persistia como música de fundo.

Já no quarto, abriu a porta do armário e sentou-se na cama para contemplar as bonecas. Como alguém pode preferir a satisfação solitária através da imaginação ao invés da realidade, ela pensou. Seria muito mais fácil para ele ter uma relação com uma mulher de carne e osso mesmo que fosse por

dinheiro. O dinheiro gasto com as bonecas pagaria infinitas noites de orgias com prostitutas. Qual a motivação? Um pensamento reconfortante surgiu como resposta: os longos anos casados fizeram que a vida sexual entre os dois esfriasse, mas o amor por sua mãe o impedia de traí-la. Ele tinha encontrado um refúgio neste oásis particular que era apenas uma forma sofisticada de masturbação. Era isso. Mas por que se matar? De volta ao ponto de partida.

Cansada de pensar no assunto resolveu levantar-se e retirar uma das bonecas do armário. Talvez agindo como seu pai ela fosse capaz de entendê-lo melhor. Sem razão aparente, escolheu a ruiva. Ao tentar movê-la surpreendeu-se com seu peso muito acima do que tinha imaginado. Ao fazer força desequilibrou-se e acabou por derrubar a boneca no chão.

A boneca se partiu, partindo junto com ela as últimas convicções que ela tinha a respeito do pai.

Joana gritava.

As partes de um corpo desmembrado de uma mulher, envolvidas por sacos hermeticamente fechados, tornaram-se visíveis no interior da boneca partida.

Uma mulher de carne e osso.

PORTA FECHADA

Porta fechada. Janela fechada. Olho que se abre. Ainda. Boca fechada. Silêncio denso, parado. A mão se fecha e a boca se abre. Num de repente, gesto para matar o grito. Conseguiu uma vez mais. Grito longo, mas a mão resiste. Sufoca. Respira e o soluço explode e a mão treme e volta a ser pedra que fecha o grito na caverna. Sai a lágrima do olho que se fecha para tornar o silêncio o escuro que cobre. A mão não aguenta e se vinga, marcada de dentes, marca com unhas a garganta para matar mais um grito. Conseguiu uma vez mais. Dói respirar, precisa respirar contudo. Arrancar a mão marcada e jogá-la para qualquer alvo que possa agarrar, prender, marcar ! encontra a outra mão que parece pedra. Que seja pedra essa mão que se segura. E respirar, sim, respirar. Olho abre e só enxerga escuro, boca abre e só recebe escuro. Nenhum grito, muitas lágrimas. Conseguiu uma vez mais? Sim, está ai, uma mão agarrada a outra e a outra como pedra que é peso.

A chave na maçaneta. Porta aberta. O silêncio quebrou-se. Janela aberta. O escuro quebrou-se. Olho fechado, contudo. Sim. Manter os olhos fechados para manter a boca fechada e nela o silêncio. A mão que é pedra é o ponto para conseguir uma vez mais, manter-se. Respirar. Sim, respirar. O ouvido arranhado pelos passos arrastados. Percebe as distâncias e voltas que fazem. Manter-se firme, boca bem fechada para guardar o resto de silêncio. Ouvidos bem abertos, tão arranhados. Os passos arrastados continuam e agora junto a eles, outras fagulhas de ruídos, pois outros movimentos. Suportar e respirar, sim.

Pronto. Conseguiu uma vez mais. A porta, contudo, agora fica aberta. Logo entrarão para perguntarem e responderem e repetirem entre si, porque entre si os olhos e bocas abertos. Suportar e aí será outro pronto a se conseguir uma vez mais. A porta será fechada, será trancada até a próxima volta dos passos arrastados. Esse o espaço de tempo para abrir os olhos e deixar a mão pedra leve em gesto de afago. Esse o espaço de tempo para abrir a boca libertar o resto do silêncio que guardou e deixar a mão marcada jogar sua força em algum alvo que possa agarrar, prender, se amansar!

Sempre levam o cadeado da janela. Esse é um dos ruídos em que o ouvido se arranha. Janela que se abre para muro. Muro tão áspero, a mão já sentiu. Muro tão próximo, a mão já mediu. Muro

duro. Muro puro. Muro pele grossa. Grossa e áspera. E nessa pele há silêncio também. Diverso, certamente. Silêncio de travessias e sobras e poeira, pois muro tão próximo a janela forma corredor para o ar passar e passa – brisa, vento, vendaval, aí é grito que corre. Já ouviu e o ouvido não se arranhou, antes foi corredor livre. Ouvido atalho desse corredor que não é corredor, é tão somente janela que se abre para muro. Todo dia aí está. Toda noite continua, apesar da janela fechada. Muro pedra, como a mão pedra que ampara a mão que agride. Já tentou furar o muro. Sim. Todo dia, toda vez olha e olha direto. Tenta furá-lo com o olhar. Um dia, quiçá consiga, já que tantos olhares também lhe perfuram, talvez consiga também exercer essa ação. persistir.

Talvez não tenha força. Talvez não tenha olhar afiado o suficiente. Seu olhar segue o chão que tem tantas rotas sulcadas pelos passos arrastados. Olhar que não se amola, antes escorre, espalha o silêncio que a caverna guarda. É pesado, encharca-se do ínfimo que acumula e gruda e se junta em outros muros que estes sim consegue desmanchar com o muito silêncio guardado na caverna.

E o chão que também pisa e pisa lento, pisa curto. Como isso irrita aos que tem passos arrastados! Mas segue outro passo, o seu. Destoa porque espalha esse silêncio que também pesa, também se acumula.

Muro, chão, janela, porta. Fronteiras? Olho, ouvido, mão, boca. Fronteiras?

Em tudo silêncio e controle. Movimento balé que se repete e repete, não há música, daí o balé ser mais cruel porque não se interrompe, porque não se acompanha, porque não pára e nunca começou!

Quando tornarem a abrir a porta, será estátua na cadeira próxima à janela. Passos arrastados chegarão e trarão outros ruídos e humores. Palavras que se arrastam tanto quanto os pés. Não variam, falam e não se fazem ouvir. Também são ruídos. Advertências e comunicados e conselhos e tão logo ditas, tão logo esfareladas. Conseguir uma vez mais não se sujar dessas palavras. Palavras de ordem, palavras tão tão gastas porque eles falam e falam e falam e falam para não ouvir, e falam para não olhar, e falam para não se falarem. Sim, não se sujar dessas palavras, deixar que esfalem e se acumulem, uma vez mais. Sempre. Tem conseguido, garantido seu silêncio na caverna e outro silêncio também.

Próxima a cadeira em que está, a mesa virou chão para o prato que os passos arrastados trouxeram. Prato acompanhado de caneca. Prato e caneca que não quebram. Prato e caneca que já não tem cor, mas tantos arranhões, tanto tempo neles incrustados. Sobreviveram a quantos que aqui passaram? No prato o alimento, na caneca a água. Uma mordida e um gole e outro e outro e pronto. Não mais. O que fica, fica para ser levado. O que foi, não

foi alimento, foi manutenção do silêncio, a garantia e sair ileso. Um cumprir e seguir mantendo-se. Farelos escapam no prato, ficam na mesa. A mão que agride toca esses farelos, junta-os – união de medo, porque tão juntos e tão desamparados, são arrastados, levados, sem escolha. Tantos farelos juntos, mais um bocado, pequeno, mas mais um. Não. E a mão que agride os livra, empurra para o chão, tornam a espalhar-se. Seu pé pisa e arrasta, faz o ouvido ouvir esse arranhão, até que se cansa e para. Mesa sem farelo, mas com prato e caneca.

Agora um tempo tão grande. Pudera entrar no armário e nele encharcar-se de escuro, mas não há mais como. É mantido trancado para que não entre. Fica na cadeira, pois. Armário fechado, janela aberta, porta destrancada. Interdição e fronteiras? Entrou no armário para fugir da claridade e ficou e ficou ainda mais que fechou a porta e quase a travou por dentro. Não conseguiu e quando os passos arrastados chegaram e ficaram impacientes em passos perscrutadores, momento chegou que abriu o armário. Flagrante. A impaciência dos passos, espalhou-se na garganta que teve que travar e falar como falam e falam e falam, mas o olhar não falava, labaredava. Desde então, armário interdito e em toda e cada vez, abre e fecha e guarda a chave. Fica na cadeira de sentinela e se levanta e leva seus passos daqui para lá, de lá para cá. Quantas vezes? Vezes o suficiente para o corpo pesar em cansaço.

Volta para a cadeira. Volta para a janela. Volta para a cama. Não volta para o armário. E nessa volta fica, até que os passos arrastados cheguem para levar o prato e a caneca e espalhar suas palavras.

Eis que o escuro se adensou do lado de lá do muro. Escuro que chega pela janela aberta, mas não vieram levar prato e caneca e fechar a janela, trancar a porta. O tempo se esticou mais? Um hiato que se estica? Novos ruídos além da porta. Ruídos que não arranham, são outros. Força que quer capturar, mas só volta silêncio. Silêncio diverso também. Gritos, urros, berros... o ar do corredor muro/janela entrou e encarnou em vozes? Vozes dos que também silenciados são e são abertos e fechados e perguntados? Será? Quanto mais grito, mais silêncio de não-resposta. Quanto mais urro, mais portas e janelas a espera das mãos dos passos que arrastam. Quanto mais berros, mais doses de palavras que falam e falam e falam e não falam de si. No hiato, a estranheza. Fio que se desenrola e não chegam passos arrastados para manter o balé. Outros passos emergem. Não se arrastam, tem a força da sua mão que agride. Passos duros e tantos! Não há o balé, ficou hiato, mas tanta música! Sim. Tão diversos do seu também esses passos. Seus passos são curtos e pesados. Não se arrastam e não fazem o chão gritar. Não quer, portanto, juntar-se a esses passos como aos arrastados também não.

Olhar se ergue e nada vê. Porta destrancada,

mas encostada. E num desatino, o inusitado fez essa porta abrir-se em fresta. Não veio brisa empurrá-la para um abrir-se de vez, para fechar-se de vez. A porta também em hiato, fresta que estende o caminho do olhar que agora vê. Muitos dos que tem os passos duros e, surpresa, os que tem os passos arrastados também. Legião desgovernada em braços, vozes, olhares. Tantas direções. E quantos ruídos! Mais agudos, mais repetidos, mais acompanhados do ar encarnado em gritos, urros, berros. O tempo se encolheu tanto! Não para de acontecer. Baixou o olhar. Respirar, sim. Olhar voltou para dentro e o armário trancado. O olhar vagou e encontrou a cama. Cama não tem chave. Lembrou-se de quando criança. Repetir o gesto: enfiou-se debaixo da cama. Trouxe a mão pedra para o peito. A mão que agride também. Conseguir uma vez mais, talvez. Respirar, sim, respirar.

Porta hiato. Janela destrancada. Olho fechado.

O CRIME DE LEONOR V

“Quem sabe um dia;
Quem sabe um seremos;
Quem sabe um viveremos;
Quem sabe um morreremos!”
(Mário Quintana)

O remorso é o maior delator de um crime. Nesse instante sinto a morte invadindo meus sentidos, e esse sentir me aterroriza. Faz dias que eu não me alimento e não durmo. O remorso dói como uma ferida aberta a sangrar pelos móveis, pelo teclado do computador, de onde escrevo agora. Pelas pernas, encharcando as meias de sangue. Eu fico olhando as paredes que eram brancas, vendo imagens que correm de lado a outro. Quando deparo com manchas de escarlata seiva desenhando a cara dela. Caminhando de cabeça para baixo pelo teto. A boca aberta. A língua, ora serpenteando, ora estirada, tesa, apontando para mim, acusando-me. Falando coisas terríveis dentro do meu ouvido. Eu

mando que cale a boca, mas ela não cala. Estou com a boca seca, o peito mole, doendo. Difícil é engolir a noite, mastigá-la e sentir seu gosto amargo. Ouvir a campainha tocando sem parar. A angústia fazendo do desespero uma faca silenciosa cortando as fatias do medo e saber que serei a próxima vítima de mim mesmo.

A ideia persiste, tenho que escrever sobre Leonora. Tantas vezes tenho pensado durante este último ano tão penoso e vazio para mim. Preciso ocupar o espaço físico de Leonora, dando-me um sentido maior. É necessário que se faça um outro ser dentro de mim. O rumor de suas palavras, durante a noite, já não é o suficiente para consolar meu espírito que sofre tantos sobressaltos.

Sim, muito eu teria a dizer sobre o modo de ser de Leonora. Embora tenda a acreditar ser muito difícil falar sobre Ela. Sua forma frágil e imperatriz de ser, seus devaneios e sua mansidão, o pacato e o agressivo do olhar. Creio, pois, desnecessário salientar a dificuldade que tenho de formular conceitos, sejam eles quais forem sobre Leonora.

Há nas minhas lembranças estranhos hiatos. Fixaram-se, ao mesmo tempo, coisas insignificantes e extraordinárias. Depois vem um esquecimento quase que total. E essas recordações aparecem-me sempre emaranhadas e esmaecidas. Nada se organiza em minha memória. Daí o motivo de nada poder escrever sobre Leonora. Então...

Pego seu retrato e olho-o com zelo, e observo que meia metade, um quarto daquilo que houvera sido já está retraçalhado pela traça. Essa descoberta me confunde, me assusta. Foi sob esse profundo horror que repus o retrato onde estava. E percebo que não tenho mínima capacidade de escrever sobre Leonora.

É quando um remordimento e a dor tomam conta de minhas entranhas, logo choro convulsivamente a melancólica lembrança Dela. Então imploro aos deuses que devolvam minha Leonora. Mas eles nada me dizem como resposta. Eu sei desta impossibilidade, então volto a cair em um pranto ainda maior e durmo numa inconsolável tristeza. E quando acordo estou mais triste ainda e decido que escreverei de Leonora o que Shakespeare escreveu de Desdêmona; Cervantes divagou sobre a Dulcinéia del Toboso para o seu Quixote e Rosa cantou de Diadorim e Riobaldo. Porque, realmente sou desprovido de talento para escrever sobre Leonora.

Mal faço anotações sobre sonhos exóticos, encontros impossíveis como os que tive à meia-noite de um dia qualquer. Em que sobrevoava o Monte Everest, içando Leonora e sua carruagem de fogo, rebocada por 16 cavalos e suas 48 ferraduras de prata, salvando-a do degelo movediço da montanha. Por isso tomarei outro rumo. Tentarei descrevê-la naquilo em que fui cúmplice, como se

um diário fosse. Para quem não entende de nenhum estilo literário, forma melhor não há.

No entanto, não fosse minha parca sabedoria faria de Leonora uma heroína. Assim como Salomé, uma Sherazade, uma Olga, uma Anita Garibaldi; ou quem sabe, uma lenda budista, uma deusa grega ou um ente folclórico. E por que não uma Ana Karenina? Só por que foi suicida? Mas de nada adianta meus esforços, porque só tenho reminiscências. Aliás, Leonora não foi à estação àquela tarde para me matar. Ela apenas foi avisar que tudo já estava pronto, que eu poderia voltar. Mas a cena que ela assistiu foi fatal para o desenlace do arдил montado. Sua investida contra mim já estava planejado, o meu revide é que foi excessivo, fora do roteiro, uma fatalidade.

Agora estava eu ali, sentado no mesmo banco, na mesma estação, esperando o mesmo trem. Sendo alvo de olhares de desdém e perguntas indiscretas entre os passantes. Cada um tentando imaginar meu drama... Estaria eu com fome, desempregado, doente... Por quem sofro, por quem choro?... Não, não venham me perguntar. Porque não direi que é por Leonora que choro.

— Está vendo ali?

— Estou. Mas, será que está chorando mesmo ou é impressão minha?

— Está chorando, sim.

— Coitado!

Leonora tinha uma discreta personalidade, da qual cultivava um gênero não muito difundido de elegância, de uma intimidade invisível, cheia de pudores; se recusava a qualquer forma de ostentação. No seu conceito, uma forma incontestada de soberba. Sempre fora uma voraz crítica ao modismo, as tolas invenções, aos falsos raciocínios, as hipocrisias e todos os delitos humanos. Guiava-se Leonora apenas pelo sentido poético. Embora tivesse sido de uma poética violenta, às vezes. Pois que, ainda está muito vivo em minha mente, e é apavorante a lembrança Dela me enterrando todo o corpo na areia salgada da praia e sair para fazer compras na feira de artesanato local.

E vale lembrar que Ela era extremamente fissurada por quiromancia e cartomancia. Embora todas as suas adivinhações fossem fundamentadas nas imagens fulguradas dos mitos fenícios, e não nos meros símbolos dos anjos das cartas e das linhas das mãos. Assim sendo, Leonora via em mim um ótimo instrumento para experimentar suas previsões e prognósticos místicos.

Quando ela voltava do passeio e via minha cabeça vermelha como um açafrão suado e, imbuída dos poderes da Deusa Astarteia, cuja divindade empresta suas energias através das pedras seixos dos rios, e delas, Leonora fazia uso para decifrar previsões modulando o calor das pedras em meu rosto quase espectral, estes eram, inclusive, alguns

dos arcaicos ritos da prostituição sagrada, que era muito comum na Babilônia de Nabucodonosor e que Leonora usava em nossas orgias sexuais. E isto, Ela fez logo que desenterrou meu corpo da cova de sal, onde eu, moribundo, quase morto, jazia moído e cozido; quando aproveitava para quebrar o resto dos meus ossos. Então predizia, sussurrando ao meu ouvido, em tom metafísico e transcendental que a morte da geometria estava próxima e que o mundo já tinha data certa para seu fim.

Esses são apenas alguns poucos fragmentos da personalidade de Leonora. Eu não tenho o menor ressentimento em acusá-la de anjo ou demônio. Porque Nela, era fácil se perceber distintamente duas formas de caráter. Leonora tinha a nítida intenção de demonstrar que, se hoje era uma, amanhã seria outra. E isso me fascinava ao mesmo tempo em que me aterrorizava. E tal demonstração era convincente. Uma taça de vinho em suas mãos tanto poderia ser uma bela cena Vê-la sentir o buquê do vinho pelas bordas da taça, como terrível era Vê-la comprimindo-a até espatifá-la, deixando-a em cacos dilacerantes numa mistura infernal de vinho, vidro e sangue, contraindo o rosto em angústia para em seguida seus olhos se iluminarem demonstrando alegria infantil.

Vale ressaltar que nosso estar junto era ilusório e enganador. Não éramos nada um para o outro. Apenas cúmplice de uma existência angustiada

e cheia de anseios. Leonora era lúbrica, libidinosa, verdugo, fada e musa. E apesar de tantos e tantos predicados, das virtudes e dos vícios, eu nunca soube o que escrever de Leonora. Apenas engasgo em seu nome: Leonora, Leonora, Leonora...

O relógio marca meia-noite. Nesse instante escuto o ding-dong tocar com mais insistência. Arrasto-me penosamente até a porta. Universos foram criados e destruídos; Eras pereceram em lapsos de tempo. Ando, ando e não saio do lugar. Era como se o corredor se alongasse, postergando o que viria a seguir. Num esforço de pesadelos, abro a porta.

Na porta, uma figura espectral de olhos incandescentes a dar luz à escuridão. Que em tom gutural diz:

— Vim trazer sua Leonora para mais uma noite.

— Quem é o senhor?...

— Quem sou eu?... Deveria saber. Eu sou Belzebu o Príncipe das Moscas!

Ei-la, os lábios vermelhos se contraindo contra os dentes perfeitamente brancos. A pele alva como o um alfenim sob um capuz preto. Dos olhos negros grandes e sérios brotam faíscas que mais parecem brasas. Estranhamente, estão mais vivos do que nunca; não me olham, invadindo minha alma. Os cabelos, da mesma cor dos olhos, lhe caem até a metade das costas, lisos. O vestido é o mesmo com

que eu a enterrei. Eis meu cadafalso.

Já não sei se estou acordado, vivo ou morto. O pensamento pesado de transgressões e remorsos como um navio cargueiro se misturam em minha mente. O peito aos pedaços. Dilacerado. Meu coração é forte, meus ressentimentos é que me doem! Sua rouca e tenebrosa voz uiva dentro dos meus tímpanos:

— Se em vida fui para ti um tormento, morrendo eu serei tua morte.

— Não chegue perto de mim. – eu grito.

Mas ela se aproxima e eu já sinto suas mãos. E a esganadura no meu pescoço. Quando por fim ela cortou minhas forças e embrulhou-me em seu manto.

MURMURATÓRIO

A luz acabou. O mundo sumiu, desconectou. Da varanda do sétimo andar possível é de se contemplar o fim: os automóveis, mesmo com seus faróis acesos, ziguezagueiam a não confiar em sua luz própria; os semáforos se apagam, uma batida acontece e um grito é ouvido. Ao longe, o barulho zombeteiro de um gerador muito egoísta gera inveja em todo o centro dessa urbanicidade, iluminando-se enquanto todos os arranha-céus no raio de um quilômetro ranhetam na escuridão. Das janelas, celulares e lanternas acompanham o espetáculo. Enclausurados, reféns, engradados. Apoiado na minha grade, pela primeira vez em anos noto que pessoas se apóiam na grade vizinha à minha também – escuto uma conversa e me assusto, falam baixo, mas soa tão alto!; moram ao lado, sempre moraram, mas sempre estiveram tão inexistentes! Logo nas trevas vieram se insurgir a mim? No elevador, pessoas atuam um choro nunca ensaiado porque nunca imaginado; o calor de 41 graus, o

crepúsculo que só chegou às 20h00, a água que falta e a torneira que cospe quente; o ventilador que não liga, os mosquitos que se ligam. Vê se se liguem! Um mesmo diálogo que ecoa em todos os lares, e todos os lares que se tornam um murmuratório unísono pela cidade. Um murmuratório. Aprisionados, desesperados com o tempo que se passa, e nada; vítimas, amedrontadas, feridas. Uma ambulância cruza o paço donde um coqueiro farfalha; um vazio perpassa as salas donde a tecnologia falha; o tédio invade os corações donde o medo do tédio trás a loucura que é se entediar. Na outra esquina, o vidro de uma loja é desvidraçado. Palavrões e guturais... Os monstros surgem, o medo paira, a indecisão decide, o caos reina. Pessoas desavisadas seguram seus aparelhos para compartilhar a situação, mas não há rede de comunicação porque tudo está fora do ar. O ar é de vazio. Por alguns minutos, a internet não internecta, os telefones não telefonam, os aparelhos eletrônicos não eletrificam, os carros não têm razão para sair de casa; as pessoas se personificam, as conversas enfim se fazem em versos que se compõem e se cooperam: co-versas dignas de se espalhar e de co-versar. Não seria avistada humanidade até que o sol renascesse – e haveria de renascer, sim, mas... uma noite inteira sem luz? De que seria a humanidade até lá? Banho frio, alimentos descongelados, podres. O que se curtiria, o que se assistiria, o que se leria? Todos os meus

livros, virtuosos, foram digitalizados e morreram de virtualiose. A luz oscila, o Homem fracassa, os casais confraternizam no breu, o jantar é sob as sombras de velas – é o fim. Nossos antepassados, aos vultos de lampiões, aos acordes de um violão, ao galão de cachaça, aos tremulares da fogueira e ao coqueiro, riem. Suas crianças, acostumadas às estórias de terror e de fantasmas que saltam do mato, que brincam até com os próprios dedos sem precisar de brinquedo algum, riem. De todos os prédios as pessoas comemoram, urram, gritam glória quando a luz retorna. Todavia, não... não vale de nada. Acesos, desse jeito, a luz não retornará, e tampouco estaremos a salvo. A luz, novamente, oscila; há lampejos de salvação, há chances de civilização; há murmuratório. A oscilação pára, a luz volta, e o silêncio rerretorna e as pessoas se despedem. É a volta do fim, é a descrença da esperança, é o nada. Uma imensa lanterna revela a imensidão de um nada. Há tudo, há nada. O mundo sumiu. Parece que o murmuratório nunca existiu. Essa luz da noite também é artificial; dividimo-nos entre a lâmpada e a lucidez; a luz dessa nova civilização é umbral.

AS FONTES DA TINTA VERMELHA

Desde que ganhou do pai um estojo de pintura, Eric abandonou as brincadeiras das crianças de sua idade e passou a dedicar-se às artes. Os pais sentiram-se bem, afinal o filho deixava um pouco aqueles jogos perigosos de celular. Nunca se sabe as violências que as crianças podem ver ali.

– Olha mamãe! Tá bonito?

– Está lindo, meu amor! Você é um verdadeiro artista.

– Artista? O que é ar — tis — ta?

– Ai filho, depois a mamãe te explica. Toma aqui: olha como escreve.

– Ar — tis — ta — repetiu Eric, correndo para seu cantinho de pintura.

Na escola, o menino já era nomeado um notável pintor infantil. Seu talento era elogiado pela professora diante dos coleguinhas. Esses elogios faziam aflorar a segurança de Eric e a inveja de um desafeto.

Sua maior satisfação era terminar um traba-

lho e sair correndo:

– Olha prô! Num tá lindo?

– Um espetáculo, querido! Olha gente, o trabalho do Eric!

“Para uma criança de sete anos, temos aqui um talento promissor”, publicou o diretor, na página oficial do colégio.

Na última exposição de artes, três trabalhos de Eric foram exibidos. Os outros coleguinhas, com esforço, só conseguiam ter um trabalho exibido. Alguns, apenas por piedade da professora.

Matheus – o desafeto – passou a chacotear Eric. A inveja o movia. Sem apoio professoral, partiu da inveja para a raiva; da raiva para a ação.

– Prô! O Matheus riscou meu desenho! – resmungou Eric numa manhã.

– Matheus! Que coisa feia! Vai já pedir desculpa para o seu amiguinho!

Apenas um mover de lábios quase cerrados significou “desculpa” para Matheus.

Essa bronca deu satisfação ao pequeno Eric. Passou a entender a diferença entre ele e os outros. Alegrou-se com as lágrimas no rosto do inimigo.

Em casa, recolhia-se em seu cantinho de pintura e passava horas ali. Reproduzia quase tudo ao seu redor: os dois gatos de estimação; o prato de comida que deixava pela metade; o irmãozinho de sete meses; a expressão de tristeza do Matheus.

Os potinhos de tinta guache acabavam logo.

Pintava com pincéis finos e grossos. Ou então, com os dedos. Sem tinta, partia para o giz de cera, lápis de cor, terra molhada, gema de ovos, restos de comida. Qualquer meleca colorida servia para aquele furor artístico.

– Maurício, você viu meu batom?

– Não querida. E anda logo que estamos atrasados.

– Mas eu não acho meu batom. Espera que eu vou procurar outro.

Eric ouvia essa conversa e silenciava. Não queria mostrar para seus pais o batom apreendido. Era, afinal, de uma cor linda. Apaixonou-se pelo vermelho. Seu coraçãozinho até batia mais forte.

Aprendeu a esconder não só o batom da mãe. Um tomate, um pote de ketchup, esmaltes. O esmalte, então, foi uma descoberta. O brilhante, então, causou-lhe euforia. Achou a coisa mais linda aquele vermelho pulsante em seus desenhos.

– Olha mamãe!

– Lindo, meu artista! – fingindo não saber que era seu esmalte.

Maurício sentia orgulho do filho. Frustrado pelo daltonismo descoberto na infância, vibrava com o talento do pequeno. Projetava no menino seu apreço pela arte, ainda que não soubesse bem o que era um vermelho ou um verde. O menino achava muita graça na dificuldade do pai e adorava seus elogios.

– Papai, este é o vermelho! – apontando com o dedinho.

– Sério filho? Mas e este aqui, não é também? – ria atrapalhado.

As confusões de Maurício eram a diversão da família. Eric sentia pena do pai, mas não evitava as brincadeiras.

Os cadernos de desenho não bastavam. Pacotes com folhas de papel empilhavam-se num canto da casa.

– Mamãe, acabou o papel! – anunciava com beicinho.

– Espera filho, vou pegar!

As folhas eram entregues aos montes. Primeiro um tanto, depois um tanto maior. Em pouco tempo, o pacote inteiro.

Depois de mais uma manhã nervosa na escola, Eric chegou em casa sério. Almoçou calado e pela metade. A pressa de sempre. Correu pela escada até o seu cantinho.

Puxou com raiva uma folha de papel do pacote. Ao tentar aparar a folha com a outra mão, sentiu uma ardência em seu polegar.

– Mamãe! Tá doendo, tá doendo!

– O que foi meu filho?

– Meu dedo! Cortei o dedo!

– Mas como? No que você mexeu?

– Em nada mamãe! Ai, ai, tá doendo. Vem logo!

Gotas de sangue pingavam do corte. A lâmina da folha de papel triscou a pele e desenhou uma linha. O sangue brotou e fluiu com vigor.

Algodão para estancar o fluxo. Sabonete. Lágrimas. Ardência desesperadora. Mais lágrimas. Pomada cicatrizante. Gritos e lágrimas. Band aid.

Terminados os primeiros-socorros, o pequeno artista desistiu de pintar. Estava aborrecido também pelo corte no dedo. Seu dia não estava fácil.

Na desistência de pintar, olhou para o celular. Quis jogar. Lembrou-se de que seria difícil com o dedo machucado. Realmente seu dia não estava fácil.

O ódio que sentiu da folha de papel foi tão grande quanto àquele que sentiu do Matheus.

“Cuspiu no meu desenho”, lembrou-se, com novas lágrimas – as raivosas – pelo rosto.

A brancura do papel quase o ofendia, igual ao Matheus. Trêmulo, já não sabia se ali estava a folha de papel ou o rosto do coleguinha. Sua vontade era amassar, rasgar, destroçar, cuspir.

Notou as manchas de sangue que gotejaram de seu ferimento no verso da folha.

Enxugou as lágrimas e observou aquelas crostas coaguladas, vermelho vivo, algumas já enegrecidas nas bordas; outras, mais grossas, úmidas, brilhantes.

– Que cor mais bonita! – gritou para o silên-

cio do seu cantinho.

– O que foi, filho? Ainda está doendo?

– Não, mamãe.

Seu ódio transmutou-se em potência criadora.

Apanhou um pincelzinho fino, suficiente para espalhar aquele tantinho de tinta no papel. Mordendo o lábio, caprichou numa pétala de flor vermelha, plena de tons e nuances. Olhou para a pintura com os olhos semicerrados, apreciando de vários ângulos a polifonia de tons.

Seu coração batia mais forte. Sentia calor. E nem sentia mais a ardência no dedo.

“O dedo!”, lembrou-se.

“A flor precisa de mais pétalas”, exigiu a si mesmo.

Tirou o curativo. O corte estava úmido. Era possível ver a pele branca dentro.

Apertou. Nada.

Apertou mais forte. Doeu. Nada.

Quase desistindo, apertou sabendo que ia doer muito. Doeu. O sangue começou a fluir, vagaroso.

Gotas mínimas eram obtidas. Deixava-as pingar sobre a folha de papel.

Conseguiu cinco círculos rasos.

Com decisão artística, fez com que as gotas caíssem em torno de um círculo imaginário. Terminou de pintar a flor. As pétalas contrastando

com o amarelo do miolo. Caprichou no caule e nas folhas. Pensou até num título para a obra: “Uma flor para o Matheus”. Acalmou-se ao ver o resultado.

– Olha mamãe! Tá bonito?

Ao celular, a mãe olhou rapidamente, não interrompendo uma troca de mensagens.

– Lindo meu amor! Vai desenhar mais, vai, meu artista!

– Ar — tis — ta — balbuciou Eric, subindo para o cantinho.

Lamentou não ter mais tinta vermelha. Re-colocou o curativo no dedo, que latejava. Não conseguia desenhar mais. Dormiu. Sono agitado.

Mais uma manhã tensa na escola. De volta para casa trazia um papel da professora.

– Tó mamãe. A prô mandou entregar.

– Deixa eu ver...

...

– Você brigou na escola, Eric? Que coisa feia! O que é que houve?

– Olha mamãe! Tá bonito? – estendendo com a mãozinha uma linda paisagem: árvores e montanhas; um extenso gramado; sol, céu azul, nuvens com algodão colado; um laguinho.

– Muito bonito seu desenho. Mas muito feio o que você fez na escola, viu?

– Desculpa, mamãe – esticando um beicinho.

– Dá um beijo, meu amor. Não faz mais, tá?

– U-hum...

– E esse lago vermelho, filho? Parece que foi seu pai que pintou – gargalhou.

– É pro Matheus. – falou baixinho lá do cantinho dele.

A obra daquela tarde já estava esboçada na mente do garoto. Seria um touro. Um touro enorme. Eric desejava expressar o que sentiu quando partiu para cima do Matheus. Os touros ferem com seus chifres enormes. Eric dispunha de um lápis. Lembrou-se da sensação gostosa quando atacou o colega e lhe feriu o braço com a ponta afiada do lápis. Descobriu o sangue fluindo do ferimento e lutou para pegar o máximo que podia. Apertou o braço do colega bem no corte. O sangue vazou para sua mão. Correu e o esfregou numa folha de papel. Ali estava o lago. A paisagem veio depois, na sala do diretor, onde teve tempo de desenvolver em paz seu trabalho.

Seu touro precisava de vermelho. Mas não de qualquer vermelho.

Eric olhou para seu dedo machucado. Lamentou a ferida fechada. Precisava de uma nova fonte do vermelho furioso.

Lucas – seu irmãozinho – acordou interrompendo o silêncio. A mãe pediu – lá da sala – que Eric fosse brincar um pouquinho com ele, pois ela estava muito ocupada. O pedido foi atendido com prontidão. O choro do bebê diminuía após alguns

minutos.

E meia hora depois, o trabalho estava concluído: um lindo touro vermelho exalando fúria. Eric, por sua vez, exalava calma e alegria.

– Olha mamãe! Tá bonito?

– Filho, agora a mamãe não pode ver. Seu irmãozinho voltou a chorar. Depois a mamãe olha, tá bom?

– Tá mamãe – respondeu apenas com a calma.

A cada dia os trabalhos de Eric melhoravam na técnica e na expressão. Era incrível a capacidade do menino. Seu quarto tornou-se um pequeno atelier. Não brincava mais com o celular nem com os amiguinhos da rua. Apenas criava. Seus pais deixavam de se preocupar com ele: um artista precoce.

Seu irmãozinho, no entanto, ficava mais doente. Chorava muito.

Quando voltava da escola, Eric ia logo ver o irmãozinho. Ficava um bom tempo com ele. A mãe lhe pedia, na tentativa de alegrá-lo um pouquinho. O choro sempre cessava. Parecia funcionar.

“Além de artista, nosso Eric é um anjo com o irmãozinho, meu amor”, explicava ao pai a resignada mãe, através de mensagem pelo celular.

Da companhia ao irmãozinho para o pequeno atelier. Esse trajeto tornou-se constante em todas as tardes.

As pinturas pareciam compor uma série.

Sempre em vermelho.

Os pais, preocupados com o Lucas, não davam mais tanta atenção ao pequeno pintor. Estranhavam as manchas e feridas pelo corpo do bebê. A febre constante. Eric passou a sentir a falta dos elogios dos pais.

As brigas na escola aumentavam. Os bilhetes da professora e as idas à sala do diretor eram frequentes. Mas a mãe já não podia acompanhar como devia a rotina do filho na escola: o irmãozinho piorava.

– Maurício, olha essas feridinhas. O que será isso, meu Deus?

– Parece alergia, querida. O estranho é essa febre.

Eric pintava silenciosamente. Os desenhos foram se acumulando em seu quarto. Sua produção não era mais mostrada aos pais.

O irmãozinho ardia em febre naquela noite. O hospital era inadiável.

Heloísa, sem escolha, pediu para que a vizinha ficasse com Eric enquanto ela e o marido levavam o bebê à emergência médica. Sabia da má vontade da senhora.

Dona Edna aceitou com falsa educação.

– Claro, querida. Mas... que horas vocês voltam?

Já dentro do carro, desprezaram a pergunta.

A senhora entrou na casa e chamou por Eric.

– Oi, tia Edna. Tô pintando.

– Eu estou aqui embaixo, hein, vendo minha novela. Não faça bagunça, tá ouvindo?

– Tô.

Dessa vez, o projeto do garoto era uma obra muito grande. Organizou várias folhas de papel no chão, prendendo umas às outras com fita. Pintaria o ódio que sentia de Matheus e da desatenção dos pais. Desenhou o adversário em tamanho natural. Perto dele, um grande demônio segurando um bebezinho. Tudo seria vermelho.

“A raiva fica mais bonita de vermelho”, elaborou enquanto esparramava a tinta pelo papel.

Tinta vermelha não faltava. Encheu, durante a tarde, seus potinhos até a boca. Mas precisava pintar logo, pois ela engrossava rápido. As figuras do Matheus e do demônio pediam muita tinta. Eram enormes mesmo. A do bebezinho já estava completa.

Já nem usava mais pincéis: eram as mãos. Metia as mãozinhas nos potes de tinta e lambuzava com habilidade os espaços em branco.

A tinta acabou. Precisava de mais.

Súbito, sentiu saudade do Lucas. Seria tão bom poder ficar com ele um pouquinho.

Mas a raiva que sentia de Matheus era maior. O lápis que foi usado para feri-lo estava ali, na sua frente. Olhou para o esboço do demônio em branco e sentiu o mesmo furor dos dias de briga na es-

cola. Sentiu saudades do Matheus e de suas piadas.

O calor de seu corpo aumentava. Via o desenho incompleto e desejava ainda mais o Matheus.

“Ele cuspiu no meu desenho! Cuspiu no meu desenho!”, fulminava.

O telefone de Dona Edna toca.

– Dona Edna, precisamos de mais um favor da senhora.

– Pode falar seu Maurício... – com os olhos fixos na televisão.

– Vamos demorar. O bebê está muito mal. Está na UTI.

– Mas o que ele tem, seu Maurício?

– Ainda não sabemos, Dona Edna. Eu... eu... me desculpa...

– Calma seu Maurício. Vai dar tudo certo. Vou orar pelo bebezinho.

– Dona Edna... por favor... bote o Eric na cama...

– Pode deixar, seu Maurício. Eu cuido dele. Fica tranquilo. Que Deus proteja o bebezinho.

Insatisfeita por ter perdido parte de um bloco da novela por causa da conversa, Dona Edna anunciou:

– Eric! Seu pai mandou você ir para a cama, ouviu?

Nenhuma resposta.

– Tô subindo, hein?

“Talvez já esteja dormindo. O peste!”, cogi-

tou.

Subiu os degraus. O cansaço fez sua respiração e seu coração acelerarem.

Viu a porta entreaberta.

– Eric, você já dormiu?

O silêncio permaneceu.

As luzes acesas lhe permitiam olhar pela fresta da porta. Não viu o garoto.

– Estou entrando. Você tá acordado, moleque?

O desenho enorme no chão era um lago de sangue. O fedor provocou náuseas em Dona Edna. Moscas barulhentas sobrevoavam os corpos dos dois gatos. Com buracos no pescoço, tinham o aspecto de terem sido retorcidos. As tripas espremidas, ressecadas.

– Meu Deus! Mas o que é is...

Um lápis certo é enterrado em sua garganta, interrompendo-lhe o berro. A precisão artística do golpe acertou-lhe a jugular. O sangue jorrou fácil.

Eric, com vários potes na mão recolhia seu tesouro vermelho. Comemorou, pois se lembrou do quanto era difícil tirar a tinta do irmãozinho. Dele só saíam pequenas gotinhas dos furos feitos com lápis. E a Dona Edna nem chorava.

Agora tinha um enorme estoque de tinta.

– Te odeio Matheus! Te odeio Matheus! – repetia roboticamente, olhando para as partes em

branco de seu desenho. O corpo do Matheus já estava preenchido. Faltava terminar o do demônio.

Completo com grossas camadas de sangue.

“O demônio precisa ser mais forte”.

Notou que sobrava ainda um pote cheio. Não queria desperdiçá-lo.

Ofegante, pensou em sua mãe. Sentiu saudades dela e de seus elogios. Decidiu fazer-lhe uma surpresa, perdendo-a. Com a massa de sangue prestes a coagular, espantou as moscas e assinou bem grande, com letras infantis: “Artista”.

O BEBÊ DIABO NASCEU NO ABC

O bebê-diabo nasceu no abc. 36 semanas. Nasceu ao ponto. Bem vermelhinho, mas sem sangrar. 66 centímetros. E ria que só. Nasceu rindo, a mãe chorava. Parto natural. Nasceu por baixo, rasgando com os chifres. Nasceu com rabo, nasceu falando. Falando e rindo. O médico teve um mal súbito.

O bebê-diabo nasceu sabendo ler e nasceu sabendo escrever, nasceu sabendo de química, e já sabia de física, já sabia a história do descobrimento e da escravidão, sabia o evangelho e a constituição. Só não fez questão de aprender o seu lugar. O bebê-diabo acha que é deus. Quer se impor, quer mandar. Não gosta nem que chamem de capiroto. O bebê-diabo quer que o ABC vire ABCD, com D de Diabo. O bebê-diabo tem língua de fogo. Questiona, responde, debocha, grita e ri. Ri feito o Diabo. Bebê-diabo quer gozar da vida, diz que quer crescer, diz que quer ser importante, diz que quer ter diploma, diz que quer ir pra capital. O bebê-diabo

quer abrir um grupo para a minoria-diabo. Só entra quem tem o gene-diabo. O bebê-diabo quer virar diretor do diretório de Diabo do departamento de direito. O bebê-diabo quer ser defensor para defender os direitos dos outros Diabos. O bebê-diabo não aprendeu que Diabo não tem direito. Não aprendeu que lugar de Diabo é em seita de quinta. Que Diabo só serve pra Deus ter em quem bater. Diabo bom é aquele que vira pó no exorcismo. Diabo nunca vai ser protagonista. Que Diabo não é coisa boa, Diabo é vilão. Diabo não pode ser advogado, Diabo é o acusado. Se o menino Jesus tem um livro inteiro, o bebê-diabo só pode, no máximo, ser destaque em página policial. O bebê-diabo tem que ser preso. O bebê-diabo tem que ir pra cruz. O bebê-diabo tem que ir pro inferno.

O PASTOR E O CÃO

Você sabe que eu te mostro algumas coisas e omito outras. É assim que fazem os ilusionistas no palco.

Então, para todos os efeitos, você precisa saber: eu não existo.

Explico melhor: sou o narrador destas linhas. Ou seria narradora?

No momento, isso é irrelevante.

Como leitor, você parcialmente acredita na minha existência.

Sou eu quem apresenta personagens, espaço e tempo para os eventos ocorrerem. Eu não existo porque sou uma ficção, como a tabuada do sete ou democracia. Assim como esses, também sou criação humana. No caso, do humano que me criou, escrevendo.

Falando nisso, hora de tirar mais um coelho da cartola.

Era pastor há um ano e meio embora, como

sua falecida mãe costumava dizer, ouvira o chamado desde cedo. Liderava a igreja, duas dezenas de fieis, a maioria senhoras com o dobro de sua idade, com leveza e bom humor. A pequena congregação era o seu reino do céu na favela da região metropolitana.

Não era bonito fisicamente, é verdade. Pouca altura para um homem, óculos fundo de garrafa, braços finos como varinha mágica quando os agitava no púlpito. Mas a sua voz potente, de narrador de filmes água com açúcar, captava toda a atenção ao redor. Em dias de culto, era possível ver o êxtase das irmãs quando clamava pelos fiéis, anunciando boas novas de salvação. Apesar do pouco estudo, tinha a sabedoria de um Salomão quando o negócio era a bíblia e conselhos.

A vida era simples. Cultos quartas e domingo, à noite; dias de círculo de oração. Intervenções com campanhas do agasalho em dias frios, doação de sopa para os necessitados, excursões com a igreja para eventos religiosos.

O pouco dinheiro que tinha gastava nas despesas da própria igreja. Morava com o cachorro, em uma casinha no fundo do terreno da instituição. Como sua mãe alertara, as irmãs logo trataram de combinar pretendentes para o pastor em ascensão – as quais ele dispensou educadamente.

Estava focado, até então, na sua obra neste mundo. Pois o reino dos céus, dizia, é logo ali.

Sendo o cachorro, um vira-lata que passou a cuidar quando foi morar ali, seu único companheiro de casa, era para o mesmo que dedicava boa parte da atenção quando não estava em afazeres religiosos. Alfa, o cachorro, era pequeno, amarelado, focinho largo. Gostava de subir no sofá com o pastor, nos dias em que preparava o culto.

Tamanha afinidade tinha o pastor pelo animal que até mesmo deixava a televisão ligada para Alfa ter companhia quando ia à igreja – mesmo a igreja estando a poucos passos de sua casa.

Nos dias em que ocorreram os eventos que narrarei a partir daqui, estava mais atarefado. Em momentos de crise, muitos buscam a palavra, e o pastor organizava círculos de oração quase todos os dias úteis da semana. Além dos fiéis, a igreja ficava lotada com convidados vindos de várias partes do bairro. Era seu chamado, sua chance de ser útil. Não apenas por pregar: a igreja era espaço de comunhão entre os fiéis que, mesmo maioria pobres, conseguiam auxiliar uns aos outros e encontrar esperanças para prosseguir.

Mas não conseguia preparar a janta, pois muitas vezes chegava tarde da noite, feliz e esgotado. Comia uma bolacha, acariciava o pobre Alfa, e tombava na cama, crucificado. Foi ficando cada vez mais magro. Uma irmã, então, o alertou: Pastor, o senhor precisa se alimentar direito, como vai dar conta?

Passou a preparar a janta perto das seis, sete horas da noite. Como ainda não sentia fome, deixava pronto, guardada na geladeira, para na volta ter o trabalho de esquentar e comer, satisfeito.

Isso deu certo nos dois primeiros dias.

No terceiro dia, quando chegou em casa, as panelas estavam vazias. Estranhou. Será que apenas pensei em cozinhar e acabei esquecendo, indagou em voz alta. O animal, Alfa, o olhou com ar de dúvida do sofá, como compartilhando seu sentimento.

No dia seguinte, fez questão de preparar um jantar caprichado. Arroz bem soltinho, uma salada de alfaces, o omelete divino.

Voltou pra casa, abriu a geladeira, destampou as panelas.

Vazias.

Soltou um palavrão. Depois pediu perdão, olhando para o teto. Alfa assistia a tudo do sofá, diante da televisão. O pastor chegou perto do pequeno amigo. Não pode ser você, não tem como você abrir a geladeira – resmungou — Então me explica que truque é esse?

Sem resposta, o pastor fez um sanduiche de queijo, comeu e foi dormir.

No culto de domingo, falou a igreja o seu problema no púlpito. Pediu orações. Uma irmã falou que mandaria sua filha, que vendia comida caseira no bairro, entregar marmitas para o pastor. O pas-

tor sabia que havia segundas intenções no nobre gesto, afinal a filha da irmã era uma das pretendentes. É por uma boa causa, Senhor, pensou e aceitou a ajuda.

Os dias seguiram, com o pastor bem alimentado. Ele também criou afinidade com a filha da irmã, a que preparava marmitas. De início, por educação. Depois foi conhecendo melhor a moça. Talvez Deus tenha escrito certo por linhas tortas, pensava.

Uma terça-feira, igreja cheia, perto das oito da noite, o bairro ficou as escuras. Eram comuns as quedas de energia no verão. O pastor pediu para que todos aguardassem um pouco. Passados dez minutos, decidiu dispensar a igreja. No bairro, o medo não era de assaltos na penumbra, e sim os acertos de conta.

Quando todos já haviam saído, fechou o portão do terreno e foi para casa. Chegando perto, ouviu sons de resmungos e metal batendo. Deve ser a televisão, pensou por um instante. Parou diante da porta. Lembrou que não havia eletricidade. Verificou, com cuidado, a maçaneta: a porta estava trancada. Caminhou na ponta dos pés até a janela da cozinha, espiou.

O que viu o deixaria impressionado para o resto de seus dias. Uma criatura de cor avermelhada, meio metro de altura, humanoide, corpo nu, com o rabo para cima, pendurava-se nas prateleiras

da geladeira.

A energia voltou de supetão, a geladeira rangeu, a criatura caiu no chão. Virou-se para o homem que a encarava pelo vidro da janela. O pastor mergulhou naqueles olhos brancos esbugalhados. Atônita, a criatura correu para a sala.

Como você deve imaginar, as pernas do pastor balançavam como cartas de baralho ao vento. Pensou em fugir, mas seria o fim do pobre Alfa, com aquela criatura ali. Pediu proteção, abriu a porta. A sala estava em ordem. Chamou pelo cachorro, Alfa saiu do quarto correndo, rabo entre as pernas.

Vasculhou a casa a procura da criatura. Nada encontrou. Teria sido um sonho, alucinação? Não, a geladeira estava aberta, a prateleira revirada, as panelas no chão. Algo esteve ali.

Foi para o sofá, a televisão ligada em frente. Reparou. A televisão ficava acima de uma mesinha velha de madeira. Nas pernas do móvel, marcas dos dentes de Alfa, da época que era filhote. Na parte superior da mesa, entre esta e a televisão, algo que não existia antes. O pastor chegou mais perto para examinar. Marcas de garras profundas, até mesmo na parte inferior do aparelho. A criatura mexera na televisão. Por que faria isso, indagou o pastor. Foi quando teve a horrenda constatação. As marcas indicavam que a criatura tentara entrar na tela. A criatura deixara o aparelho antes da falta de energia

e não conseguira retornar até a eletricidade estar reestabelecida.

No dia seguinte, o aparelho, com a tela destruída por um martelo, estava na lixeira em frente à igreja. Uma pena. O pastor fazia um excelente arroz.

O SÉTIMO FILHO

Acordou ainda com o gosto de sangue na boca. A roupa suja, tingida de vermelho carmim. Rastejou em busca de água. Pelas galerias daquele esgoto subterrâneo ninguém poderia encontrá-lo. Até quando cumpriria aquela sina? Lá em cima raiava o dia e os jornais já circulavam com a notícia da chacina. Testemunhas narravam que viram a estranha criatura fugindo no breu da noite após o ataque. 8 corpos mutilados. O sherife ordenou o cerco aos arredores da cidade. Ninguém entrava, ninguém saía. O Pânico era geral. Um fio de luz matinal atravessava uma pequena fresta do bueiro acima de si. Olhava assustado a poça d'água formada com o gotejar da encanação suja, onde refletia o abismo transfigurado da sua própria imagem.

172

O NÔMVADE

Meu nome é Ednilson Bonfins, tenho 46 anos e sou professor de psicologia da Universidade Federal de Horizontes Antagônicos. Hoje é o dia 25 de maio de 2013. Estarei registrando aqui, neste e-mail para a reitoria da universidade, os resultados e progresso do meu experimento psicossocial, o qual fiz com os meus alunos. O motivo de eu estar fazendo isso é a curiosidade que tenho, e que talvez a comunidade científica compartilhe, sobre o funcionamento do fenômeno conhecido como Crise de Histeria Coletiva. Entender suas origens e implicações pode ser uma forma de evitar que ele volte a causar mais vítimas no futuro.

O experimento não é muito complexo. A participação nele serviu como substituta ao TCC. A minha classe, que conta com 30 alunos, foi dividida em três grupos, cada um com 8 membros sorteados (seis deles não aceitaram participar por motivos pessoais).

O primeiro grupo foi encarregado de “mergu-

lhar” na histeria, visando difundir a mesma, talvez até mesmo a espalhando para outros membros da universidade ou até mesmo para residentes da cidade, tudo como se realmente acreditassem no que dissessem. O grupo foi apelidado de Seguidores.

O segundo grupo foi encarregado de questionar a histeria artificial, abertamente descreditando ela e os seguidores da mesma através de dados científicos (mesmo que inventados.) para todos que se dispusessem a ouvir, dentro e fora da universidade. Eles foram apelidados de Céticos.

O terceiro grupo teve a função de ser o grupo-controle. Ou seja, ele foi isolado do experimento para que se pudesse comparar com os outros dois e buscar mudanças e semelhanças. Eles foram enviados para um hotel-fazenda no interior rural da cidade, sem acesso à internet ou sinal de telefone, como condição do experimento. Violar estas indicações resultaria em não receber a conclusão de curso. Eles foram apelidados de Neutros.

Para a histeria coletiva, usamos uma velha lenda da universidade, a qual com certeza vocês conhecem, mas deixarei registrado para caso esse experimento seja estudado. A princípio pensei em criar uma lenda própria, mas decidi usar uma pré-existente, pois funcionaria melhor ao atrair novos Seguidores. Uma regra importante é que a partir do começo do experimento, estava proibido divulgar que ele era um experimento, com penalidade

na nota, até mesmo para os não integrantes. Me permitirei fazer comentários pessoais na seção seguinte.

É incerto quando a lenda surgiu, mas talvez seja tão velha quanto a universidade ou até mesmo a cidade. Quando Nilo Peçanha criou este estabelecimento em 1910, ele decidiu ordenar a criação do primeiro curso brasileiro de Pesquisa Psíquica, a popular Parapsicologia, que estava fazendo muito sucesso na Europa. Foi também um dos primeiros cursos de Parapsicologia na América. Muitos parapsicólogos de todo o continente vieram para Horizontes Antagônicos para lecionar sobre a pseudociência e fazer experimentos. Em 1915, a faculdade foi atingida por um incêndio e fechada devido à falta de verba para a reconstrução. Toda a Universidade Federal foi também fechada em 1919, pois o governo federal não estava enviando dinheiro suficiente para a manutenção do estabelecimento e a localização erma do mesmo atraía muito poucos alunos de outras disciplinas. Ela só foi reaberta por Juscelino Kubitschek em 1961, seguindo seu programa desenvolvimentista, porém, sem curso de Parapsicologia. Até aqui foram apresentados fatos históricos, confirmados por arquivos da universidade, do governo e da prefeitura. É a partir daqui que a lenda começa. Em certo momento de 1915, a faculdade passou a fazer experimentos com os índios Taipora, que viviam em uma aldeia nas matas

da serra em que Horizontes Antagônicos se situa. Os seus rituais religiosos de “contato, invocação e troca de corpo com espíritos” foram estudados, e um professor belga chamado Stefan Brandahr conseguiu supostamente aprender a técnica. Ele ensinou para seus alunos em uma das lições, e todos conseguiram deixar seus corpos e visitar o “outro mundo”. Porém, aquele era o dia em que a faculdade pegou fogo. Os corpos do professor e dos estudantes queimaram, e seus espíritos ficaram presos no “outro mundo”, vivos e mortos ao mesmo tempo. Dizem que seus fantasmas até hoje estão no lugar onde antigamente se encontrava o prédio da faculdade de Pesquisa Psíquica. Lá hoje estão os banheiros do estacionamento e o almoxarifado da equipe de limpeza do mesmo.

Ou pelo menos deveriam estar, porque quase nunca os visitam. Nunca vi alguém usar aquele banheiro, e os zeladores preferem dar a volta na universidade inteira e guardarem suas coisas no almoxarifado do campus a usarem o do estacionamento. De vez em quando alguns jovens vão lá procurar os espíritos e claro, nunca encontram nada real. Fantasmas, lendas urbanas, monstros, tudo isso é invenção humana. Séries de coincidências que são interpretadas como se fossem algo mais. Me fascinou o número de estudantes antes colaborativos que por acreditarem na lenda se recusaram a colaborar, uma vez que tenho alguns de origem Taipora que

entraram no experimento sem pestanejar.

Sem mais delongas ou comentários; o experimento irá durar 15 dias, começando hoje e indo até o dia 9 de junho. Irei anotar neste documento resultados e fatos interessantes de dois em dois dias.

Hoje é o dia 27 de maio. O experimento, embora lento, está começando a dar resultados. Os Neutros já foram para o hotel-fazenda, e parecem estar aproveitando o parque aquático do mesmo, segundo a dona do hotel, que é minha amiga pessoal e concordou em ajudar.

O grupo dos Seguidores até agora tem sido o menos ativo, talvez até mesmo se sentindo hostilizado pela equipe concorrente. Nos dias 25 e 26 eles se limitaram a espalhar panfletos pela universidade com convites para uma “seita” que será realizada no banheiro do estacionamento, embora parte deles ainda não tenha se arriscado a entrar no mesmo. Hoje mais cedo, dois ou três deles montaram uma espécie de balcão perto do almoxarifado, onde ficam pregando para quem quer que se aproxime sobre o retorno dos estudantes presos na outra dimensão. Dimensão essa que agora ganhou um nome. Eles a chamam de “Submundo”.

O grupo dos Céticos tem sido o mais ativo, e parece estar gostando do trabalho. Eles estão distribuindo panfletos contra a seita, fizeram uma palestra explicando o porquê de os fantasmas não existirem ontem e até mesmo organizaram um protesto

na entrada da faculdade contra os Seguidores hoje de manhã. O protesto trouxe muita atenção dos universitários, e acabou atraindo por volta de 20 pessoas a mais para o grupo. Embora a mobilização seja até mesmo impressionante, estou um pouco receoso dos Seguidores serem hostilizados pelos Céticos.

Hoje é dia 29 de maio. Os Neutros estão tão entretidos que nem estão mais falando sobre o experimento entre si. Mas o experimento engatou de verdade, os outros dois grupos entraram de corpo e alma. Após os protestos, os Seguidores começaram a ser ridicularizados, e isso os fez mergulhar de verdade na coisa. Eles montaram um acampamento na frente dos banheiros, e parecem estar fazendo cerimônias espirituais lá, que envolvem rituais indígenas (acho que inventados). Além disso, estão ficando dentro dos banheiros, e invadiram o almoxarifado. Houve relatos de alguns usando maconha e ayahuasca para poderem entrar no personagem, mas não acho que isso aconteceu. Um grupo de universitários de outras disciplinas se uniu a eles, e um grupo de curiosos colocou cadeiras perto e ficam observando e gravando enquanto bebem cerveja.

Os Céticos parecem frustrados. Os protestos só atraíram mais atenção para a Seita. Agora eles parecem ter escolhido um organizador (que sequer faz parte do experimento), e estão distribuindo panfletos pela cidade e espalhando correntes pela

Internet contra os Seguidores. Parecem que estão também entrando em contato com o jornal local, a Tribuna do Horizonte. Embora eles estejam ainda muito maiores, a Seita começou a crescer.

Dia 31 de maio. Os Neutros seguem colaborando, sem problemas com eles até o momento. Os Seguidores ontem vieram para a faculdade com maquiagens e túnicas de estilo indígena. Também parecem estar falando com uma espécie de dialeto Taipora, mas talvez seja só impressão minha. À noite, ontem, eles montaram ocas pelo estacionamento, e estão fazendo rituais usando animais vivos (sem sacrifícios). A reitoria até pensou em chamar a polícia, mas o delegado falou que não se metia com essas coisas. Há alguns deles que estão há dias dentro do banheiro. O número dos Seguidores superou os Céticos.

Os Céticos estagnaram em por volta de 40. Eles contataram emissoras não só do município como do Estado, e estão negociando com vereadores para que as pregações pagãs sejam proibidas na universidade. Acredito que a falta de sucesso deles esteja justamente na Psicologia Reversa que eles geram ao demonizar tanto a Seita. Estou curioso para ver o que acontecerá neste fim de semana.

Dia 3 de junho. Não me lembrei de checar os Neutros. Me pergunto se devo parar o experimento. A universidade foi invadida durante a noite de sábado, símbolos dos Taiporas foram pintados por

várias paredes, e havia o corpo de um cervo jogado no ginásio, com várias folhas, frutos e pinturas ao redor. A Seita está com pelo menos 100 membros, concentrados nas ocas ao redor dos banheiros (que foram inteiramente pintados e decoradas com símbolos indígenas e com o que espero serem cabeças falsas de cervos) Perdi o contato com os oito membros originais. Encontraram o celular de um deles largado no chão do campus. Um padre tentou ir benzer a universidade e foi expulso.

Os Céticos estão fazendo neste exato momento uma manifestação na porta da delegacia exigindo a prisão dos Seguidores. São menos de 30 agora. Alguns abandonaram por medo, outros se uniram à Seita. Não consigo entender como a Seita cresceu tanto.

5 de junho. Não vou parar o experimento. Só faltam quatro dias. No dia 9 tudo isso acaba. Os Neutros parecem ainda estarem neutros, embora a minha amiga tenha me dito que eles estão acompanhando as notícias no jornal e que Seguidores tenham passado pelo menos duas vezes para entregar panfletos e pregar na pousada.

A reitoria suspendeu as aulas até tudo se resolver, e me avisou que se o experimento não for reconhecido no mundo acadêmico, serei denunciado às autoridades. Aparentemente o carro da reitora foi incendiado, e a casa dela foi invadida por Seguidores. Ela não é a única. 20 propriedades

foram invadidas, e a igreja da cidade foi pichada. Seções inteiras da Universidade foram invadidas e ocupadas por eles. A polícia está tentando buscar ajuda com a tropa de choque e a PM do Estado, mas os Seguidores são tantos que ninguém quer fazer nada.

Os Céticos praticamente não existem mais. Organizaram um último protesto anteontem, na frente da prefeitura, mas a prefeita e os vereadores se recusam a intervir. Eles disseram que a universidade é federal, ou seja, a competência da segurança é do governo federal. Há só 15 deles, e alguns fugiram da cidade.

7 de junho. Dois dias. Só dois dias. O hotel-fazenda dos Neutros foi pichado, mas minha amiga conseguiu encobrir tudo antes que eles percebessem. Os Céticos não fizeram nada ultimamente. Apenas criaram uma petição on-line para tentar chamar a atenção da Presidente e da mídia. Mas duvido que vá adiantar ou chamar atenção de alguém. Não com a onda de protestos nas capitais. Não recolheram nem 600 assinaturas ainda. Também perdi contato com três dos Céticos originais. Além disso, a prefeita sumiu. Acho que viajou até alguém resolver isso. Ou sumiram com ela. Sinceramente, não sei mais.

Não me arrisquei a procurar saber mais sobre os Seguidores. Eu não tenho carro, e os ônibus da cidade foram incendiados. Não vou arriscar ir até

lá sozinho.

8 de junho. Hoje de manhã acordei com minha casa sendo invadida. Um grupo de Seguidores nus estava entrando pela janela com um corpo de uma cabra. Eles a esfolaram e começaram a colorir as paredes com suas vísceras. Eu me escondi debaixo da minha cama e fiz algo que não fazia há décadas. Rezei. Eles me arrancaram de lá, e me colocaram sentado em uma cadeira. Para minha surpresa, uma das minhas alunas originais estava lá, uma Seguidora original. Ela estava muito diferente. Estava nua, cheia de sangue animal e com uma espécie de toalha ou túnica branca pendurada no ombro. Ela disse que tudo terminaria em breve, e para eu não me preocupar mais. Me disse que eu, os Céticos e os Neutros ficaríamos bem. Ela colocou um intestino de cabra ao redor do meu pescoço, e disse para eu ir no banheiro da universidade às 18 horas do dia seguinte para finalizar tudo aquilo. E então eles fizeram uma espécie de reza coletiva e foram embora pela janela.

Hoje é o dia 10 de junho, são 2 horas da manhã, e ontem foi o último dia do experimento. Eu sai de casa ontem, às 17:10, e caminhei até a universidade. Toda a cidade estava pichada e cheia de cervos e cabritos (tanto mortos quanto vivos). Todas as ruas que passei estavam desertas, as poucas pessoas comuns que vi estavam espiando pelas janelas com armas em mãos ou andando pelas

ruas em grupo e armadas, carregando comida. Em contraste, vi muitos Seguidores, tanto andando normalmente pelas ruas, quanto pichando casas e incendiando carros. Quando estava quase chegando, vi o ônibus do hotel-fazenda dos Neutros em chamas. Ao chegar na Universidade, passei por dezenas de ocas, Seguidores armados com arcos e flechas e mais animais. Então cheguei no banheiro, já rodeado por Seguidores que me aguardavam. O prédio havia sido demolido e reconstruído para como era em 1910. Uma placa lá fixada dizia: Faculdade de Pesquisa Psíquica da Universidade Federal de Horizontes Antagônicos.

Nesse momento me vendaram, e eu fui puxado pela mão por alguém. Quando pude abrir os olhos de novo, estava em uma sala de aula antiquíssima, com todos meus 30 alunos sentados lá e usando roupas ritualísticas. Alguns deles estavam amarrados e feridos, e outros felizes por estarem participando. A prefeita, a reitora, o padre da cidade e minha amiga do hotel-fazenda estavam jogados no chão, mortos, ao redor de uma espécie de selo feito com o sangue deles. Os oito Seguidores originais se levantaram e fizeram um ritual, e então eu entendi tudo, e senti o espírito de Stefan Brandahr entrar em mim. Agora todos os rituais, todas as destruições, todo o caos fazia sentido. Era para nos trazer de volta. E então Stefan me carregou, e eu vi o Submundo. Ele é um lugar incompreen-

sível, cheio de entidades além do que posso descrever, que vivem nesta cidade antes mesmo dos Taipora chegarem. Stefan Brandahr e sua turma passaram décadas conversando com os antigos sobre como poderiam voltar e descansar de verdade, e agora eles finalmente conseguiram, nada que os Seguidores fizeram foi de propósito... Me trouxeram de volta ao corpo. Stefan se fundiu a mim, e os alunos dele aos meus 30 alunos. Só havia um jeito de libertar essas pobres almas de verdade.

Eu e os Seguidores acendemos tochas e queimamos todos eles vivos, fazendo as almas finalmente poderem ir embora. Eu também precisava queimar, só que nesse momento a polícia chegou. Foi muito rápido e não entendi muito bem o que aconteceu. Eu voltei para casa correndo, vendo agentes da polícia atirando em Seguidores e helicópteros iluminando as ruas. Assim que entrei em casa, acendi um isqueiro e incendiei as paredes gordurosas pelo sangue, pronto para me jogar nas chamas. Mas me lembrei que precisava registrar o ocorrido. Mesmo que ninguém vá ler, eu queria terminar de registrar os acontecimentos, em respeito ao professor Ednilson Bonfins.

MICRO HORRORES

Todas as noites ela sonhava que morria. Acordava assustada, rezando para que essa sua agonia tivesse fim. Até que um dia deixou de sonhar – e não mais acordou.

...

Ao segurar a carta, seu coração disparou. Era a primeira vez que ele respondia. A guerra acabara havia décadas.

...

Vovô passou a dormir de meias, depois de lhe pegarem no pé aquelas mãos frias.

...

Acordou com cócegas nos pés. Entrou na brincadeira. E foram subindo, passando pelas ca-

nelas, joelhos e coxas. Na altura do umbigo, tirou a venda de dormir. Foi quando as aranhas a cobriram.

...

O medo congelante do pai começou quando que ele tirou as calças depois da cinta.

...

Do enorme caixote de marionetes, mamãe toda noite arrancava uma estória. Eu poderia jurar que os ossos eram de verdade.

...

O menino reinava obtuso sobre as diversas criaturinhas habitantes do amplo quintal. Passava horas a observá-las. Dava-lhes de comer e em seguida as esmagava. Os anos se passaram e ele teve de se mudar com os pais para um limitado espaço num condomínio. Agora, do vigésimo andar, observa os passantes: “Oba, formiguinhas!”.

...

Começou com enjoos. Depois veio a ansiedade e, por fim, as dores. Nove meses lhe dera o diag-

nóstico. Nove meses era tudo o que tinha. Logo, seu câncer não tinha mais jeito.

...

As últimas feridas nem haviam cicatrizado, quando bateu a nostalgia... Voltou atrás e o perdoou. Foi a última vez.

...

O clique do caixão sendo lacrado foi a última coisa que ouviu ao acordar.

COVERGE

Os capítulos deste livro são compostos por variações da família BARLOW, criada por Jeremy Tribby em 2018, é uma família do tipo grotesco, ligeiramente arredondada e de baixo contraste. Com base no estilo visual do público californiano, Barlow compartilha qualidades com as placas de carros, placas de trânsito, ônibus e trens do estado. Descrição via: <https://fonts.google.com/specimen/Barlow>
Veja mais do autor em: <https://github.com/jpt/barlow>

O texto é composto em Crimson Text. A Crimsson é uma fonte serifada desenvolvida especialmente para livros impressos, autoria de Sebastian Kosch.
Saiba mais em: <https://fonts.google.com/specimen/Crimson+Text>

Projeto Beta por
Coverge | Mentres Criativas Multipotenciais
www.coverge.com.br
#joincarcoma